

Universidade de Brasília
Instituto de Letras
Departamento de Teoria Literária e Literaturas
Programa de Pós-Graduação em Literatura
Linha de Pesquisa: Recepção e práticas de leitura

BRASÍLIA LITERÁRIA: DE QUEM PARA QUEM

Bernadete Aparecida de Carvalho

Brasília
2010

Universidade de Brasília
Instituto de Letras
Departamento de Teoria Literária e Literaturas
Programa de Pós-Graduação em Literatura
Linha de Pesquisa: Recepção e práticas de leitura

**BRASÍLIA LITERÁRIA: DE QUEM PARA QUEM –
PROPOSTA DE UM CÂNONE PARA OS AUTORES BRASILIENSES
TENDO EM VISTA A RECEPÇÃO**

Bernadete Aparecida de Carvalho

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Literatura da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Literatura.

Orientadora: Professora Doutora Hilda Orquídea H. Lontra.

Brasília
2010

*No Planalto, lenta,
se abre:
rosa superfaturada
em vidro-plano e concreto.*

*Contraditória
rosa
explosiva.*

*De tuas impurezas,
de tuas asperezas,
rosa queremos-te
exata.
No altiplano de nossas esperanças,
rosa-dos-homens
construímos-te futura.*

Anderson Braga Horta

Agradeço especialmente

À Hilda Orquídea Hartmann Lontra, a quem, desde a graduação, aprendi a respeitar e admirar como exemplo de docente e intelectual e a amar como amiga, pela orientação séria, inspiradora, dedicada e amorosa.

A todos os artistas de Brasília que se disponibilizaram a conversar sobre a Literatura da cidade e a todos os professores da rede oficial de ensino que contribuíram para a coleta de dados, por possibilitarem esta pesquisa.

Aos coordenadores, professores, colegas e funcionários deste Departamento, em especial à Professora Doutora Elga Laborde, pela orientação teórica e pelas conversas agradáveis, e à Dora Duarte, pela solicitude como secretária da pós-graduação e apoio na coleta de dados.

À minha mãe Dalva (*in memoriam*), que me levou pela mão nos primeiros anos de vida aos caminhos da Literatura, e ao meu pai Pedro (*in memoriam*), por me ensinar que se aprende sempre e que a vida é uma eterna dança.

Aos meus irmãos Paulo Afonso e Ana Lúcia, cunhados Shirley e Jean, sobrinhos Duda e Pedro, pela presença amorosa e por tornarem a caminhada menos árdua.

Ao Dindinho e à Dindinha, por assumirem o papel de segundos pais, com apoio constante.

Às amigas Clara e Rosa, irmãs mais nova e mais velha que escolhi, pela amizade, exemplo e incentivo, além das calorosas e importantes indicações de leitura, discussões acadêmicas e “puxões de orelha” que muito contribuíram para o andamento deste trabalho.

Às primas/amigas/irmãs Rose e Cida, à amiga Fabiana e aos demais amigos e familiares, por tornarem a minha vida mais leve e alegre.

Às companheiras do Grupo LER, pelo apoio e por compartilharem o amor pela leitura literária e pela pesquisa.

Aos colegas de trabalho dos Colégios JK e Marista, principalmente aos professores de Língua Portuguesa, por dividirem as delícias e as angústias do ato de ensinar.

A Deus porque a fé em sua existência me ajuda a viver cada dia e a me tornar uma pessoa melhor.

Resumo

Este trabalho investiga a composição da produção literária brasiliense, desde a instituição da cidade como capital do Brasil, na década de 60, até os dias de hoje. Uma das maiores discussões da atualidade acerca desse tema é a definição dos autores que podem ser considerados verdadeiramente representantes da literatura da cidade, o que eles produzem e para quem escrevem.

A considerar que a literatura brasiliense já obteve proposta de determinação legal, que a institui como obrigatória nas escolas do Distrito Federal, faz-se necessário investigar se a produção literária local chega efetivamente à sala de aula e, portanto, se os alunos das escolas da rede oficial de ensino já podem ser considerados parte do público leitor.

A investigação ocorreu por meio de pesquisa bibliográfica e de pesquisa de campo envolvendo os autores locais e professores da rede oficial de ensino. A partir dos coletados nas antologias e das respostas colhidas em entrevistas, propõe-se uma constituição de cânone para os primeiros cinquenta anos da produção literária da cidade e apresenta-se um cânone emergente, visando aos próximos 50 anos. Espera-se que seja confirmada a participação cultural desses vultos, pelo mérito de sua produção artística e crítica, na comemoração do centenário da capital do Brasil.

Palavras-chave: Literatura brasiliense – produção e recepção – cânone literário.

Abstract

This study analyzes the composition of literary production in Brasília, focusing on the establishment of the city as the capital of Brazil in the 1960s and tracing it to the present day. One of the current discussions about this issue is the definition of the authors that can be considered truly representative of the city, with respect to the work that they produce and the audience that receives it.

Whereas the literature in Brasília has obtained draft bill that establishes it as compulsory reading material for the schools of the Federal District, it is also necessary to investigate whether the literature of the city indeed reaches the classroom, and subsequently, if the students of the official schools can already be considered the members of the public that consumes this literary material.

The investigation was conducted through analysis of literature, as well as field research involving local authors and the teachers in official schools. Through the work collected in anthologies, and the answers taken from interviews, an emphasis is placed on the establishment of a canonical approach to the first fifty years of literary production within the city and presents an emerging canon, aiming the next 50 years. It is expected to be confirmed the participation of cultural figures, for the merit of their artistic production and critical view, on the celebration of the centenary of the capital of Brazil.

Keywords: Literature in Brasília - production and reception - the literary canon.

Sumário

Considerações iniciais	09
1. Literatura brasiliense	13
1.1. As origens	13
1.2. As correntes	17
1.3. A literatura na cidade e a cidade na literatura	20
1.4. A literatura brasiliense hoje	22
2. Algumas reflexões de ordem teórica	26
2.1. O fenômeno da comunicação literária	26
2.2. O estabelecimento do cânone	34
3. Literatura na escola: construção da identidade e literatura	39
3.1. A educação literária	39
3.2. A literatura brasiliense na escola pública	46
3.2.1. Os professores, os alunos e a literatura brasiliense: uma pesquisa	47
3.3. Os dados	49
3.3.1. A leitura dos dados	50
4. A literatura em e de Brasília: Construção do cânone	64
4.1. Os autores brasilienses - Análise quantitativa	65
4.1.1. A seleção do <i>corpus</i>	66
4.1.2. Análise dos dados coletados nas antologias	69

4.2. Os autores brasileiros – Análise qualitativa	71
4.2.1. Marcas da literatura brasileira hoje	71
4.2.2. Levantamento dos autores que se sobressaem na literatura brasileira	75
4.2.3. Circulação e público-alvo da literatura brasileira	76
4.2.4. Participação da escola como público leitor	82
4.2.5. A relevância do artigo 235 da Lei Orgânica do Distrito Federal	83
4.2.6. Contribuição do parágrafo 2º da Lei Orgânica do Distrito Federal para a construção da história da literatura brasileira	86
4.3. O estabelecimento do cânone: análise dos dados quantitativos e qualitativos	89
Considerações finais	100
Bibliografia	105
Anexos:	111
Anexo 1 – Roteiro de perguntas para entrevista com os autores	112
Anexo 2 – Questionário aplicado aos professores da rede oficial	114
Anexo 3 – Projeto de Lei nº 464/99	117
Anexo 4 – Obras Consultadas para Delimitação do Cânone	119
Anexo 5 – Autores brasileiros nas antologias	124

Considerações iniciais

Considerando que a literatura de Brasília surge, oficialmente, junto com a própria cidade e que se insere dentro do processo dinâmico de construção da identidade local, faz-se importante que se estude essa literatura que é praticamente desconhecida¹ dos moradores da cidade e, muitas vezes, desprestigiada pelo meio acadêmico.

Desse modo, cabe ao presente trabalho investigar a composição da produção literária brasiliense desde a instituição da cidade como capital do Brasil na década de 60 até os dias de hoje, uma vez que uma das maiores discussões da atualidade a respeito da literatura brasiliense é a composição da produção literária local, ou seja, que autores podem ser considerados verdadeiramente representantes da literatura da cidade, que literatura eles produzem e para quem escrevem. A considerar que essa produção artística já obteve determinação legal que propõe a sua instituição como obrigatória nas escolas do Distrito Federal, faz-se necessário investigar também se tal produção chega efetivamente à sala de aula e, portanto, se os alunos das escolas da rede oficial de ensino já podem ser considerados parte desse público leitor da arte brasiliense.

Assim, busca-se analisar a composição do que se configura hoje como literatura de Brasília. Propõe-se também investigar se essa literatura brasiliense já apresenta um público formado, além dos próprios autores e intelectuais locais. Essa preocupação com a falta de um público consumidor para a literatura de Brasília pode ser entendida como o mote para, em 1999, haver tramitado na Câmara Legislativa do Distrito Federal o *Projeto de Lei 464/99*, de autoria do então Deputado Distrital Edimar Pirineus, institucionalizando a obrigatoriedade da inclusão da literatura brasiliense no currículo, “com vistas a difundir as formas de produção artístico-literárias locais”.

Tal projeto baseia-se no parágrafo 2º do artigo 235 da Lei Orgânica do Distrito Federal que diz:

Art. 235. A rede oficial de ensino incluirá em seu currículo, em todos os níveis, conteúdo programático de educação ambiental, educação sexual, educação para o trânsito, saúde oral, comunicação social,

¹ A afirmação de que a literatura produzida em Brasília é pouco conhecida entre os habitantes da cidade antecede esta pesquisa e resulta da observação entre várias camadas da comunidade de que não se referia a essa literatura como algo consensual.

artes, além de outros adequados à realidade específica do Distrito Federal.

§ 2º Para efeito do disposto no caput, o Poder Público incluirá a literatura brasiliense no currículo das escolas públicas, com vistas a incentivar e difundir as formas de produção artístico-literária locais.

Tudo leva a crer que essa determinação legal, assim como outras, não é cumprida, uma vez que poucas manifestações são observadas seja por parte dos alunos, seja dos professores, acerca da literatura do Distrito Federal; por isso este esforço de resgate e divulgação da poesia que transfigura a capital do país.

Um dos pontos do presente trabalho é estabelecer *o que* se configura como literatura de Brasília, delimitando *quem* são os autores que, hoje, constituem um possível cânone da literatura brasiliense. Para a delimitação desses autores, opta-se, de início, por um levantamento bibliográfico visando à investigação da fortuna crítica.

Serão selecionadas as duas primeiras produções acadêmicas do Departamento de Teoria Literária e Literaturas da Universidade de Brasília que tratam especificamente sobre o tema: *Poesia de Brasília: duas tendências*, de José Roberto Almeida Pinto, dissertação de mestrado apresentada em 1983 e publicada no ano de 2002, e *O cristal e a chama: a linguagem literária que traduz o objeto Brasília*, de Maria da Glória Barbosa, dissertação de mestrado defendida em 1999 e publicada em 2001 a partir do Projeto Bolsa Brasília de Produção Literária. Reúnem-se, também, além da obra *História da literatura brasiliense*, de Luiz Guimarães da Costa (2005), antologias publicadas desde a inauguração da capital até o final de 2009.

Por se considerar que a um cânone literário não bastam dados quantificáveis, são coletadas informações junto a quatorze artistas da cidade, por meio de entrevista orientada, com roteiro pré-estabelecido, no intuito de buscar informações a respeito da visão que esses autores têm da existência da literatura brasiliense, de seus pares, seu público e circulação, além da relação com o ambiente escolar.

Paralelamente à pesquisa bibliográfica e às entrevistas com os autores, é feita sondagem acerca do trânsito da literatura brasiliense, pela leitura, nas escolas da rede oficial de ensino do Distrito Federal, por meio de questionários com perguntas objetivas e posicionamentos subjetivos. Os depoimentos de autores e de professores surgem no trabalho como índices de qualidade da produção literária brasiliense.

Dessa forma, do universo da pesquisa, derivado do somatório de indicações quantitativas (Listagem 1 – as presenças dos nomes dos autores em antologias e obras de referência), mais apreciações qualitativas (Listagem 2 – citação dos nomes dos

autores pelos artistas e docentes entrevistados) sai o corpus de análise que será constituído pelos vultos recorrentes nas duas listagens.

Assim, a presente dissertação estrutura-se com as seguintes partes/propósitos: na primeira, faz-se uma reflexão acerca do que consiste a literatura brasileira, visando a um resgate da trajetória da literatura produzida na cidade ao longo de seus primeiros cinquenta anos.

Na segunda, tem-se as reflexões teóricas sobre a leitura literária. Busca-se uma recuperação dos conceitos de literatura e faz-se um percurso, pelas vias da estética da recepção, para trabalhar com acepções pertinentes: leitor, autor e obra. Também discute-se o conceito de cânone, para se chegar à sistematização do que seja o cânone brasileiro que se pode estabelecer até agora.

A terceira parte traz a descrição do processo de pesquisa geral do trabalho, além da exposição e análise dos dados referentes à circulação da literatura na rede pública de ensino. Utilizam-se, inclusive, como fontes, os documentos oficiais que orientam o trabalho com a língua portuguesa e a literatura em estabelecimentos de ensino.

Na quarta parte são apresentados os dados coletados nas obras de referência e faz-se a leitura das entrevistas com os autores locais, visando à constituição do cânone da literatura brasileira numa análise quantitativa e qualitativa.

Considerando que a pesquisa em questão, resgate humano e bibliográfico, será conduzida dentro de uma perspectiva de comunicação, pode-se afirmar que apresentará marcas da subjetividade da pesquisadora. Em virtude disso, tem-se como possíveis interlocutores deste estudo, além dos interessados do meio acadêmico e professores que trabalham diretamente com a leitura literária, todos os cidadãos do Distrito Federal, que, além de reconhecerem-se como parte dessa literatura, terão a oportunidade de conhecer quem são, de fato, os artistas que os representam.

1. Literatura brasiliense: breve histórico

*Vejo: a cidade se nasce.
Deságua assim do nada,
Brotas das horas do sono
Que o gênio insone a convoca.
Do ventre (papel e lápis),
Das mãos canteiros das casas.
A cidade que se nasce*

Joanyr de Oliveira

1.1. As origens

A existência de uma literatura classificada como de Brasília é assunto que tem espaço para discussão na cena intelectual da cidade. Para alguns, falar em literatura brasiliense é quase uma ficção, porque esses questionam a idéia de uma jovem cidade, de cinquenta anos, ter uma literatura dita sua. Anderson Braga Horta, um dos grandes estudiosos desse tema na cidade, afirma que a brasiliense antecede, e muito, o início da construção física da cidade, já que se podem notar aspectos literários nas primeiras indicações de desejo de internalizar a capital.

Brasília nasceu sob o signo da poesia. A poesia, em verdade, permeia as antecipações do advento desta cidade: o grave em José de Bonifácio da Andrada e Silva, o Patriarca, o heróico nos inconfidentes, em suas propostas de interiorização (ainda quando não havia previsto a sua localização neste Planalto), imbue-se também do poético; há um clima de poesia no sonho profético de Dom Bosco. Em lúcida poesia operaram a determinação de Juscelino, o plano de Lúcio Costa, as composições espaciais de Niemeyer, mais o empenho de ação de Israel Pinheiro e Bernardo Sayão (Horta, 2003: 13).

Ao contrário do que muitos pensam, Brasília não foi fruto de um rompante, de um sonho inconsequente. Como afirma Eloisa Pereira Barroso, “Brasília foi definida por uma ideia e, por isso, transformou-se numa utopia, já que sua projeção visava o futuro e não as contingências imediatas do presente.” (Barroso, 2008: 36)

Registros históricos confirmam que desde 1789, na *Conjuração Mineira*, já se preconizava a interiorização da capital do país, ideia que continuou a ser defendida em todo o decorrer do século XIX. Em 1821, nas *Instruções do Governo Provisório de São Paulo aos Deputados da Corte de Lisboa*, apresentada ao príncipe regente por Antonio Carlos Ribeiro de Andrade, aparece a sugestão de que se assentasse uma cidade central no interior do Brasil, para fixação da Corte ou da Regência, mais ou menos na latitude de 15 graus. Aparece também a sugestão de que a cidade poderia se chamar Petrópole

ou *Brasília*, sendo que existem registros de 1857 que apontam a localização, afinal aprovada, na “bela região situada no triângulo formado pelas lagoas Formosa, Feia e Mestre d’Darmas.” (Horta, 2003: 14). Durante a República, várias comissões foram instituídas para estudar o local para tal cidade, processo que continuou a ser ampliado de 1892 até 1955, quando a comissão presidida pelo General José Pessoa delimitou a área definitivamente aprovada. Assim, pode-se afirmar que Juscelino Kubistchek

teve o mérito de desatar o nó que a prendia ao papel; Oscar Niemeyer e Lúcio Costa, o de lhe traçarem o delineamento plástico e estrutural. Israel Pinheiro e Bernardo Sayão, o de lhe darem concretude. Mas a ideia de Brasília já vinha sendo concebida desde o século XVIII. (Horta, 2003: 14).

De 1957 a 1960, chegam de todos os cantos do Brasil mais de 60 mil trabalhadores para dar forma ao poema concreto/visual de Niemeyer e Lúcio Costa, para fazer do sonho a Cidade.

Na gênese do DF, as artes estavam na natureza daquelas árvores retorcidas, baixinhas e enfezadas. Estavam ainda nos espaços limpos, imensos e generosos. Estavam nas ideias de Oscar Niemeyer, poeta da arquitetura. O brilho nos olhos dos que chegaram primeiro anunciava a disponibilidade de quem vinha com coragem e muita esperança (Pires, 1999: 7).

A construção da capital ocorreu em um momento de ebulição cultural para o Brasil, marcado por três movimentos artísticos de peso: o Cinema Novo, a Bossa Nova e o Concretismo. A nova capital não poderia ficar ileso a esse processo artístico-cultural. Anderson Braga Horta (2003) ainda nos informa que Brasília foi fruto genuíno e vigoroso da inteligência e da vontade nacional. Poeticamente, conclui que era natural que Brasília despertasse o interesse dos intelectuais, assim como, também, era natural que mexesse com a imaginação dos poetas.

Para Luiz Rufato (2004), a efervescência da vida cultural brasiliense começa em sua fundação, em 1960, uma vez que, paralelo ao processo de construção e inauguração da capital, desembarcava aqui uma leva de intelectuais vindos de todos os cantos do país, para formar a mão de obra intelectualizada necessária ao funcionamento da máquina decisória nacional.

A ligação de quem faz literatura *na* e *acerca da* cidade com a Brasília burocrática / política / administrativa também é de fácil percepção, pois, como se constata no trabalho historiográfico feito por Luiz Carlos Guimarães da Costa (2005), um considerável número de funcionários públicos, seguidos de professores e jornalistas, sobressai-se nas publicações literárias da cidade ao longo dos anos, sendo que essas

publicações são, em sua maioria, apresentadas ao público predominantemente por meio de organizações coletivas.

O primeiro registro de manifestação literária em Brasília é a publicação de uma série de crônicas que circulavam em jornais locais, produzidas na época da construção da cidade por Clemente Luz. Essas foram reunidas e depois publicadas, em 1968, na obra *Invenção da Cidade*.

A primeira obra editada na capital foi a antologia *Poetas de Brasília*, em 1962, organizada por Joanyr de Oliveira². Depois dela, diversas outras antologias de contos, poesias e crônicas circulam na capital, sendo que dessas as que mais se destacam, na vertente da poesia, são, pela ordem cronológica: *Antologia dos poetas de Brasília*, de 1971, organizada por Joanyr de Oliveira; *Águas Emendadas*, de 1977, organizada por Francisco Alvim; 8 *POrrETAS*, de 1978³; *Em canto Cerrado*, de 1979, organizada por Salomão Sousa; 16 *POrrETAS*, de 1979; 20 *POrrETAS*, de 1980; 27 *POrrETAS*, de 1981; *Brasília na poesia brasileira*, de 1982, organizada por Joanyr de Oliveira; *Planalto em poesia*, em 1987, organizada por Napoleão Valadares; *Caliandra: poesia em Brasília*, em 1995; *Brasília: vida em poesia*, em 1997, organizada Ronaldo Alves Mousinho; *Poesia de Brasília*, em 1998, organizada por Joanyr de Oliveira; *Poetas mineiros em Brasília*, em 2002, organizada por Ronaldo Cagiano; *Poemas para Brasília*, de 2004, organizada por Joanyr de Oliveira; *Geografia Poética do Distrito Federal*, em 2007, organizada Ronaldo Alves Mousinho; *Deste planalto Central... Poetas de Brasília*, em 2008, organizada por Salomão Sousa.

Uma das figuras que ganha destaque na cena literária brasiliense, tanto por sua produção poética quanto por seu espírito agregador, e pode ser apontado, com justiça, como um dos maiores contribuintes para formação e consolidação da produção literária local é Joanyr de Oliveira, que se dedica, como se nota pela cronologia anteriormente citada, à organização quase decenal de antologias com poesia produzida na cidade. Segundo Oliveira, organizar uma antologia não é uma tarefa fácil:

Organizar antologia é entrega à singular aventura, a um só tempo empolgante e temerária. Enriquecemo-nos em sensibilidade e conhecimento nesse fascinante mergulho, nesse doce joeirar. Há,

² O artista Joanyr de Oliveira, um dos principais responsáveis pela divulgação da literatura brasiliense, pelo seu valor como poeta e antologista, nasceu em 06 de dezembro de 1933 e faleceu no dia 05 de dezembro de 2009, antes do término deste trabalho e depois de haver concedido entrevista e cedido material de grande relevância para a presente pesquisa. A ele nosso agradecimento póstumo.

³ A série de *POrrETAS*, crescente ao longo dos anos, não tem organizador, levando à interpretação de que foi constituída pelos próprios autores.

porém, o lado de incompreensões e críticas nem sempre razoáveis. (...) Manuel Bandeira, emérito conhecedor da matéria, discorreu sobre a impossibilidade de antologias perfeitas. Por uma razão ou por outra, existe o risco de haver injustiça na seleção (Oliveira, 1998: 13).

1.2. As correntes

De acordo com Luiz Carlos Guimarães da Costa (2005), há três tipos de pioneiros para a literatura brasiliense: aqueles que chegaram antes da cidade, os que chegaram junto com a cidade e os que foram chegando gradativamente para fazer da cidade a Cidade. Maria da Glória Barbosa, todavia, distribui a produção literária de Brasília em duas gerações de autores: uma que surge na década de 60, a partir da inauguração da capital, formada por escritores que vieram de várias partes do Brasil; outra que surge e produz a partir dos anos 70 e é formada por autores que “representam as formas alternativas de produção literária ou o chamado movimento da poesia marginal” (Barbosa, 2002: 25).

Na obra *Poesia de Brasília: duas tendências*, Almeida Pinto (2002) analisa e explica a existência de duas tendências na poesia brasiliense: a que chama de “poesia culta” e a que denomina “poesia marginal”. Seu trabalho é baseado na análise de poemas de oito autores⁴, quatro para cada tendência, a saber: Anderson Braga Horta, Domingos Carvalho da Silva, Marli de Oliveira e Cassiano Nunes, representantes da poesia culta; Nicolas Behr, Francisco Alvin, Eudoro Augusto e Luís Turiba, representantes da poesia marginal.

Pela leitura dessa obra, percebe-se que o autor entende por poesia culta aquela centrada em alguns valores, tais quais valorização da palavra, linguagem elaborada, organização lógica das ideias, obediência à norma culta, elementos estes presentes na maioria dos poemas dos quatro poetas que a representam. Além disso, Almeida Pinto observa a presença de textos calcados em estruturas estróficas uniformes e versos constantemente medidos, o emprego de um vocabulário amplo, culto e refinado, com o uso recorrente de metáforas elaboradas; ou seja, a poesia dita “cultura” seria a mais agradável à tradição literária.

Já a expressão “poesia marginal”, não delimitando apenas a produção literária brasiliense, surge para designar a produção literária que ganha espaço na cena brasileira

⁴ Para selecionar o *corpus*, Almeida Pinto partiu da recepção literária desses autores, utilizando como instrumento questionário aplicado a dez professores do Instituto de Letras da Universidade de Brasília. Em relação à seleção de poemas, o autor examina a parte vinculável à Brasília da obra desses oito poetas.

na década de 70. Despontaram no cenário nacional nomes como Antonio Carlos de Brito (Cacaso), Ana Cristina César, Chacal, Francisco Alvim, este último também representante da vertente brasiliense da poesia marginal e foco da pesquisa de Almeida Pinto.

Em Brasília, a poesia marginal⁵ começa a aparecer a partir da publicação de *iogurte com farinha*, de Nicolas Behr, em 1977, seguido de *a feira*, de Paulo Tovar e *início e fim*, de Sóter. É dessa época a antologia *Águas Emendadas* e a série *POrrETAS*. Em depoimento, o poeta Sóter, de forma bem-humorada, como requer a poesia marginal, relata que “a partir daí a poesia ganhou as ruas, a imprensa oficial e até a Polícia Federal” (Sóter, *apud* Pires, 1999: 49) com a prisão de Nicolas Behr, acusado de subversão, como o primeiro poeta pornográfico.

Esse período pode ser descrito como o momento de maior ebulição da vida cultural de Brasília, pois os poetas marginais estreitaram laços com músicos, atores e pintores da recém-criada *Galeria Cabeças*. Nessa época, é publicada a revista *Grande Circular*, homônima de um poema de Nicolas Behr. Para Sóter,

era a resposta dos artistas e pensadores que amavam a cidade à imagem difundida pelos críticos de Brasília como uma cidade fria, apenas um monumento, uma maquete, uma cidade esvaziada nos recessos parlamentares e feriados. Foi um movimento de amor por Brasília. ‘Brasília para os brasilienses’, dizia Nicolas – o primeiro movimento nativista da capital do futuro (Sóter, *apud* Pires, 1999: 49).

Entretanto, no início dos anos 80, crê-se que o movimento perde fôlego e termina a geração mimeógrafo. “A proposta de ser descartável não vingou na nossa sociedade de ‘representantes oficiais’. Os poetas marginais começaram a ter tratamento de poetas oficiais” (idem: 50).

Ao contrapor as duas tendências da poesia brasiliense, Almeida Pinto (2002) deixa claro que a expressão poesia culta não implica em julgamento pejorativo sobre o nível cultural dos poetas marginais, o que de fato não procederia, haja vista a efetiva importância desses poetas para a construção identitária de Brasília, além do engajamento e recepção de um público ativo para essa vertente da poesia.

⁵ A poesia marginal vigorou no Brasil no princípio dos anos 70, época em que despontam os primeiros poetas marginais, com uma poesia que se pautava no uso da linguagem coloquial. Além disso, a forma de distribuição dinâmica, mão-a-mão, sendo as obras mimeografadas, produzidas e distribuídas pelos próprios poetas em bares, cinemas, entradas de shows, são carimbos que caracterizam tal marginalidade. Os poetas dessa geração estavam acostumados às informações panfletárias dos movimentos estudantis. Heloísa Buarque de Holanda, organizadora da primeira antologia de poesia marginal (*26 poetas hoje*), obra com recepção bastante polêmica por parte da crítica, emprega a designação “marginal” como sinônimo de alternativo, sendo que o próprio nome “poesia marginal” surge da procura por caminhos alternativos de edição, ao modo de circulação dos livros, à margem da indústria editorial.

Apesar de se distinguírem em diversos pontos, ambas as vertentes prestam-se, cada qual à sua maneira, a colocar Brasília em sintonia com importantes tendências nacionais da poesia brasileira contemporânea, tal como as manifestadas no eixo Rio-São Paulo. Em Brasília, ao comporem um conjunto significativo de textos, evidenciam o processo de consolidação de uma tradição poética da cidade (Almeida Pinto, 2002).

Além dessas duas gerações já citadas e das duas tendências analisadas, observa-se hoje o começo de uma terceira leva de poetas, formada por aqueles autores que já nasceram na cidade e aqui fazem literatura, como é o caso de Alexandre Pilati.

1.3. A literatura na cidade e a cidade na literatura

A construção da identidade intelectual⁶ de Brasília está intimamente ligada à sua instituição de *capital do país*, mas não uma capital qualquer, e sim uma capital sonhada, idealizada e desbravada. Do sonho, uma cidade surge, materialmente, do nada, para ser o centro; uma cidade que, conforme a concepção de Lynch, é uma organização mutável e polivalente, um espaço com muitas funções, erguida por muitas mãos em um espaço relativamente curto de tempo (Lynch, 1997).

Uma das marcas da produção literária local é, segundo Anderson Braga Horta, a mistura de povos e culturas:

Assim como a Cidade é um cadinho de fisionomias, hábitos, falares de todas as regiões do país, tendendo, talvez, nas novas gerações nativas a uma síntese nacional, a literatura nela produzida retrata ou reflete essas origens, havendo, contudo, desde os primeiros momentos, contos, novelas, romances aqui ambientados (Horta, 2003: 17).

Desse modo, Brasília é marcada pela importação de profissionais das mais diversas áreas, desde a sua construção até os nossos dias, inclusive na literatura. Essa multiplicidade de naturalidades dos autores não constitui, para Salomão de Sousa (2008), um problema, uma vez que não descaracteriza ou nega a existência de uma literatura brasiliense.

Ronaldo Cagiano (2006) atrela a legitimação de uma força literária à qualidade da produção e não à adjetivação. Para ele, “referir-se a uma literatura brasiliense, capixaba, paulista, amazonense, goiana, sulista ou nordestina e tão provinciano e inócuo

⁶ Uma das características mais marcantes da produção literária da capital é a temática voltada para a própria cidade. Em sua obra *O cristal e a chama – a linguagem literária que traduz o objeto Brasília* (2001), Barbosa faz uma profunda e sistemática análise de como a cidade de Brasília é retratada na poesia aqui produzida, utilizando, para isso, as metáforas do cristal e da chama, propostas por Ítalo Calvino. O cristal seria a própria cidade, o espaço físico. A chama seria o homem que habita esse espaço.

quanto rotular outra de masculina, feminina, infanto-juvenil, negra, erótica, engajada.” (Cagiano, 2006: orelha). Essa afirmativa é por ele justificada quando destaca que o que existe é literatura de bom ou mau nível, feita por homens e mulheres circunstancialmente em um local. “Ela é o verdadeiro referencial ético e estético, o que fornece sempre aos leitores obras que ultrapassam as fronteiras geográficas e temáticas e que funcionam como parâmetro de uma época.” (idem, *ibidem*).

Essa problemática em torno da denominação “literatura brasiliense” é amplamente discutida por J. R. Almeida Pinto (2002) ao falar acerca dos critérios que determinariam a classificação de autores e obras como pertencentes à literatura de um país ou de uma região: o lugar de nascimento do autor; a recepção do autor e da obra (um e outra reconhecidos como parte da tradição literária nacional e local); a cosmovisão que informa a obra e a língua (ou as características lingüísticas) em que está vazada. Esses critérios, entretanto, não conferem a real legitimidade de uma certidão de nascimento a uma determinada literatura. Em geral, são utilizados de forma conjunta e mesmo assim não dão conta, sozinhos ou emparelhados, de resolver todos os problemas que concernem à inclusão ou exclusão de autores e de obras da literatura nacional ou local. O mesmo processo se dá quanto à literatura brasileira/portuguesa; inglesa/americana. Entretanto, faz-se importante frisar que o homem “cantado” pelos poetas se reconheça no espaço cultural (física, político e social) tematizado.

Em relação à literatura brasiliense, o critério menos arriscado se mostra como o da recepção, entendendo como recepção o reconhecimento de ser parte formadora da tradição local (Almeida, 2002), uma vez que, além de se caracterizar como uma cidade com identidade cultural e linguística em processo de formação, Brasília é, desde o princípio, uma cidade que produz literatura.

Nas palavras de Almeida Pinto, com as quais aquiecemos,

as obras dos poetas se revestem de importância, na medida em que se inserem em um processo de afirmação de Brasília como produtora de bens culturais próprios, integrando os primeiros esforços tendentes a dotar a cidade de uma vida literária e poética particulares (Almeida, 2002: 10).

1.4. A literatura brasiliense hoje

Domingos de Carvalho Silva (1975), há mais de 30 anos questionava quem são os poetas de Brasília. Uma vez que os que aqui nasceram ainda não existem como poetas, restam os que, vindos muito jovens para esta cidade, aqui escreveram e

publicaram os primeiros versos. Esse seria um critério altamente excludente⁷, uma vez que alguns autores que para cá vieram, à época da construção, já tinham uma considerável produção literária em suas cidades de origem. Outros produziram aqui seus primeiros versos, porém não deram continuidade à vida literária.

Assim, a resposta para a constante pergunta que perpassa a constatação da concretude da existência de uma literatura brasiliense não permite, ainda, como resposta, um sim veemente.

A literatura da cidade, assim como a própria cidade, com exato meio século, está em constante processo de formação e afirmação de sua identidade. Na opinião de Salomão de Sousa (2008), é cedo para a arte de Brasília admitir qualquer tombamento ou cerca limitadora. Junto com a cidade ainda em processo de construção, a dinâmica de ampliação dos limites dos próprios recursos humanos e criativos é incessante.

O fato é que há uma produção literária local intensa e diversificada, composta de obras de qualidade, marcadas pelo talento de uma intelectualidade ativa, que luta contra fatores que colocam em xeque a perspectiva de uma literatura com características bem delineadas, que podem marcar a dita literatura brasiliense.

Um dos pontos mais contundentes em relação à literatura brasiliense diz respeito à afirmação de que não podem existir autores legitimamente brasilienses pelo fato de a cidade, apesar de já ter uma geração madura aqui nascida, hoje já na casa dos quarenta anos, poucos são os autores brasilienses natos. Esse posicionamento é de pronto questionado por Salomão Sousa, para quem “o que dá legitimidade a um intelectual não é o registro de nascimento, mas a autenticidade do seu desenvolvimento com o local em que está radicado e com o qual interage. (...) A cidadania autoral é definida pelo afeto pessoal do autor quando escolhe um local para participar de uma fundação.” (Sousa, *apud* Cagiano 2004: orelha).

Como afirma Joanyr de Oliveira (2004), existe em Brasília uma vasta e rica produção literária, mas, talvez por ser multifacetada é pouco conhecida do grande público. Ele acredita que um dos fatores que levam à ausência de horizontes literários na cidade se deva principalmente ao contexto histórico, como censura às publicações à época da Ditadura. Geograficamente, a proximidade com o poder interfere diretamente no empobrecimento da literatura brasiliense, sendo que as sequelas do passado e a

⁷ Na literatura brasileira, ao se considerar apenas o aspecto geográfico, exclui-se ou inclui-se autores de relevância nacional do quadro geral, como Clarice Lispector, ucraniana de nascimento, mas com uma produção literária inserida no cânone da literatura brasileira.

posição no presente podem prejudicar o futuro literário de Brasília. Além disso, pouco enfoque é dado à literatura brasiliense pelas instituições acadêmicas, assim como pela sociedade em geral, incluindo aí a escola.

Essa lacuna poderá resultar em uma completa ausência de identidade regional, trazendo a perda de um sentimento de cidadania brasiliense. (...) Se passamos os olhos pela cultura de outros estados, iremos perceber, por exemplo, que os escritores catarinenses e gaúchos são venerados pelos conterrâneos; em Goiás, os autores locais são estudados na Universidade; no Nordeste nem se fala. Para resolver isso, faz-se necessário o ensino efetivo de nossa literatura nas escolas e faculdades, além de uma imprensa mais aberta (Oliveira, 2004: 34).

Salomão Sousa atribui a dificuldade da literatura produzida na capital chegar ao público ao “distanciamento do mercado editorial, bem como o incipiente processo crítico – já que Brasília demora a produzir crítica cultural, pois os meios de comunicação aqui se instalam para produzir crítica política” (Sousa, 2008: 13).

No entanto, Brasília é, ao menos teoricamente, terreno fértil para propagação de sua própria literatura; isso se deve à renda média e escolaridade alta. Tem-se aqui um público leitor em potencial, mas que desconhece a produção literária da cidade. Na percepção de Alexandre Pilati, acontece em Brasília o que ocorre em outras regiões: a primeira referência é sempre o que vem de fora. Para ele, existe uma certa estranheza entre os autores e os leitores locais, porque tanto uns quanto outros se mostram estranhos à própria cidade, o que dificulta um laço afetivo entre eles. Uma justificativa para isso pode ser, em parte, a própria constituição identitária da cidade, que recebeu e recebe gente de todos os rincões do país (Pilati *apud* Rufato, 2004).

Ronaldo Cagiano prevê que só haverá uma literatura que espelhe a capital a partir do amadurecimento de uma geração nascida e criada na cidade (Cagiano *apud* Marino, 2005), o que não procede, uma vez que o que marca a identidade de uma literatura não é o local geográfico do nascimento do autor, mas sim a transfiguração da passagem humana, a paisagem urbana como tema da obra. Exemplo disso se tem na obra *Paisagens urbanas*, de Nelson Brissac Peixoto (2004), em que a cidade, enquanto construção urbana, é retratada pelas pessoas que a compõem. Desse modo, pode-se dizer que convergem para Brasília as literaturas regionais de todo o Brasil e aqui se forma um novo cenário e uma nova temática literária (Pires, 1999: 51).

Maria da Glória Barbosa (2001) levanta a questão do mercado editorial restrito da cidade, formado basicamente por gráficas que atendem mais à máquina burocrática do estado e que só eventualmente publicam obras literárias de autores locais, geralmente

custeadas por estes. A autora reforça que poucas obras encontram espaço nas livrarias da cidade e, em entrevista, que “ninguém vive de literatura” em Brasília. Essa se restringe às associações, academias e rodas de amigos, o que compromete a circulação das obras, que ficam muitas vezes relegadas aos círculos e autores, uma vez que o grande público se interessa pelos já consagrados nomes da literatura e prefere consumir suas obras.

Paulo Porto (2004) aponta, como uma característica geral em relação à cultura brasiliense, o fato de ser relegada a segundo plano, em detrimento do que vem de fora, mas também reafirma a importância da literatura e de seu reconhecimento para a identidade da cidade.

Sobrevivendo submersa em um oceano de indiferença, envilecida pelo preconceito, calcada na incultura, a literatura candanga apresenta uma trajetória tão enriquecida quanto desconhecida em sua importância para a formação de uma consciência essencialmente brasiliense (Porto, *apud* Oliveira, 2004: 31).

2. Algumas reflexões teóricas

*cidade,
já não te culpo a separação.
já não exijo a totalidade.
Um grande mundo estreito
trazes.*

*Agora não somos
e existimos
pouco:
josé, João,
amontoados,
separados.*

*do planalto central
eu medito o centro
dentro e fora.
porque as mãos independem.
não sou apenas
o que faço.*

Hermenegildo Bastos

2.1. O fenômeno da comunicação literária

A discussão em torno do que seja o objeto literário em si não é nova. Aristóteles (2010), em sua *Poética*, já preconizava a inexistência de um termo genérico para referir-se, ao mesmo tempo, aos diálogos socráticos, aos textos em prosa e em verso. Em verdade, o nome *Literatura*, para designar o que Ezra Pound chama de “linguagem carregada de significado até o máximo grau possível” (Pound, 1977: 32), foi usado apenas a partir do século XIX.

Desde a Antiguidade até o século XVIII, a literatura foi geralmente definida como representação (*mimesis*) de ações humanas, pela linguagem. Apenas com a filosofia do belo, a arte, incluindo aí a literatura, passa a ser entendida como o que tem um fim em si mesmo. Desse modo, a literatura deixa de ter lugar apenas na ficção e imitação para ser “o uso estético da linguagem escrita”, separando-se, assim, a literatura da vida, considerando-a como elemento de redenção da vida.

Como afirma Valléry, “a literatura é, e não pode ser outra coisa, senão uma espécie de extensão e aplicação de certas propriedades da linguagem” (Valléry *apud* Compagnon, 2001: 39). Os formalistas deram ao uso literário da linguagem o nome de literariedade, sendo o critério para defini-la o estranhamento, a desfamiliarização: a

literatura, ou a arte em geral, redimensiona a sensibilidade linguística dos leitores ao desarranjar as formas habituais e automáticas de percepção.

Na obra *Que é a literatura*, Sartre a define como

uma subjetividade que se entrega pela aparência de uma objetividade, um discurso tão curiosamente engendrado que equivale ao silêncio; um pensamento que se contesta a si mesmo, uma Razão que é apenas a máscara da loucura, um Eterno que dá a entender que é apenas um momento da História; um momento histórico que, pelos aspectos ocultos que revela, remete de súbito ao homem o eterno; um perpétuo ensinamento, mas que se dá contra a vontade expressa daqueles que ensinam (Sartre, 1993: 28).

Para Sartre, a obra literária só ganha materialidade, passa a existir apenas quando a vemos, já que a obra de arte se limita ao objeto pintado, esculpido ou narrado. Da mesma forma que só percebemos as coisas sobre o mundo, também os objetos representados pela arte aparecem sobre o fundo do universo.

Através de poucos objetos que produz, o ato criador visa uma retomada total do mundo. Cada quadro, cada livro é uma recuperação da totalidade do ser; cada um deles apresenta essa liberdade do espectador. Pois é bem esta a finalidade da arte: recuperar este mundo, mostrando-o tal qual ele é, mas como se tivesse origem na liberdade humana (Sartre, 1993: 47).

Na concepção de Sartre, o homem é o meio pelo qual as coisas se manifestam. Nota-se aí subentendido o vínculo entre autor, obra e leitor. Assim, como um evento humano, a literatura não pode ser desvinculada da sociedade na qual se insere, uma vez que a obra se historiciza, passa a fazer parte de um patrimônio social, da memória coletiva de um povo.

Desse modo, pensar uma literatura brasileira é confirmar a ligação da arte com seu ambiente, ao que lhe dá materialidade e identidade; é perceber a arte como elemento social. Na voz de Antonio Cândido (1967), não é possível pensar a literatura sem entendê-la como a expressão da sociedade em que se insere, nos ecos que essa sociedade traz às obras e as possíveis transformações sociais que se operam a partir dos ecos das obras literárias que repercutem na sociedade. É um ciclo que se dá na intersecção entre os três elementos que constituem o sistema literário: Autor, Obra e Público.

A arte é um processo de comunicação inter-humana e todo processo de comunicação pressupõe um comunicante, no caso o artista; um comunicado, ou seja, a obra, um comunicando, que é o público a que se dirige; graças a isso define-se o quarto elemento do processo, isto é, o seu efeito (Cândido, 1967: 25).

Essa tríade / quadripartida é essencial para legitimar a existência da literatura brasileira. Que existem autores e obras em circulação na cidade, desde a sua instituição / construção, é fato indiscutível. Entretanto, a pirâmide pode ser fechada por um público leitor formado? Quem são os leitores das obras produzidas na cidade?

É preciso delimitar cada um dos elementos desse sistema, mesmo sendo latente a indissociabilidade entre eles. Começemos pelo autor. Como afirma Cândido, “a arte pressupõe um indivíduo que assume a iniciativa da obra” (Cândido, 1967: 31), o responsável por dar concretude à obra. Nesse contexto, faz-se necessário discutir duas questões apontadas por Cândido: o lugar do autor criador e o lugar do autor social, ou autor biográfico e autor sociológico no dizer de Compagnon (2001).

A literatura só existe porque alguém a transformou em algo a ser lido, transposto ao mundo por meio da palavra. Para que o objeto literário tenha existência, faz-se necessária também a existência do ato concreto da leitura. Segundo Sartre, tal objeto só dura enquanto durar sua leitura. A partir daí, tem-se apenas traços negros no papel (Sartre, 1993). Entretanto, além do processo criativo, psicológico, existe o processo social de legitimação da autoria, pressupondo a função do autor como uma construção ideológica e histórica, preconizada por Michel Foucault⁸ (2006). Mas quando o autor ganha existência? Para Cândido, em sentido geral, o que se tinha na Antiguidade era a autoria coletiva, na percepção de que o povo, no conjunto, era visto como criador da obra de arte.

No entanto, essa expressão artística não pode ser desvinculada da inserção do artista criador na sociedade, uma vez que a identidade cultural do autor delimita a constituição e o lugar de sua obra, já que seu tempo e espaço dissolvem-se em sua produção, perdendo-se muitas vezes a dimensão individual, para dar lugar à repercussão no grupo do qual faz parte, dando aos elementos individuais significado coletivo. Assim, nas palavras de Cândido, é difícil simplesmente determinar se “uma obra é fruto da iniciativa individual ou das condições sociais, quando na verdade ela surge na confluência de ambas, indissolúvelmente ligadas. Isso nos leva a retomar o problema, indagando qual é a função do artista, sua posição social e quais os limites de sua autonomia criadora” (Cândido, 1967: 31). Essa relação entre o coletivo e o individual

⁸ A "função-autor" não se constrói simplesmente atribuindo um texto a um indivíduo com poder criador, mas se constitui como uma "*característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de alguns discursos no interior de uma sociedade*" (Foucault, 2006: 46). Ou seja, indica que tal ou qual discurso deve ser recebido de certa maneira e que deve, numa determinada cultura, receber um certo estatuto. O que faz de um indivíduo um autor é o fato de, por meio de seu nome, delimitarmos, recortarmos e caracterizarmos os textos que lhes são atribuídos.

ganha hoje outra proporção, já que se reconhece a individualidade do autor, alguém que produz arte, mesmo se tendo na atualidade a discussão no tocante ao que Barthes chamou de a “morte do autor”⁹.

Um dos pontos mais controversos dos estudos literários é o lugar do autor e do leitor no processo de leitura da literatura. Atualmente, privilegia-se mais a atividade leitora, em detrimento do autor e suas intenções particulares para construção da significação literária. O leitor se torna parceiro ativo na constituição do sentido.

A conquista da autoridade do leitor como sujeito nesse processo de concretização da literatura se esboça desde Platão, Logino e Aristóteles, para quem a literatura era avaliada e descrita conforme a reação que provocasse no público. Entretanto, é com surgimento da Estética da Recepção e do Efeito, a partir da publicação das obras *A história da literatura como provocação* (Jauss, 1967) e *A estrutura apelativa do texto* (Iser, 1967), que o leitor ganha de fato espaço. Jauss entende o *efeito* como o momento condicionado pelo texto, ao passo que a *recepção* seria o momento condicionado pelo destinatário para a concretização do sentido, como duplo horizonte, sendo o interno, o literário, implicado pela obra, e o mundivivencial, trazido pelo leitor de determinada sociedade (Costa Lima, 2002).

Hans Robert-Jauss propõe o conceito de horizontes de expectativas, que traduz a soma de comportamentos, conhecimentos e ideias pré-concebidas com que a obra se depara no momento de sua aparição e segundo o qual é avaliada.

No triângulo formado por autor, obra e público, este último não constitui a parte passiva, um mero conjunto de reações, mas uma força histórica, criadora também. A vida histórica da obra literária é inconcebível sem o papel ativo que desempenha no seu destinatário (Jauss, *apud* Costa Lima, 2002).

Segundo Jauss, as obras incorporam também o seu próprio passado: todo texto é fruto de outros textos que o precederam. Essa opinião vai ao encontro das ideias de Sartre, para quem toda obra se insere em um contexto:

os indivíduos de uma mesma época e de uma mesma coletividade, que viveram os mesmos eventos, que se colocam ou iludem nas mesmas questões, têm um mesmo gosto na boca, têm uns com os outros a mesma cumplicidade e há entre eles os mesmos cadáveres” (Sartre, 1993: 56).

A estética da recepção interessa-se pela forma como a obra afeta o leitor, individual e coletivamente, e sua resposta ao texto, como estímulo. Os trabalhos na

⁹ Em seu polêmico estudo *"A Morte do Autor"*, Barthes (1988) enfatiza a questão da não existência do autor fora ou anterior à linguagem, procurando apresentar a ideia do autor como sujeito social e historicamente constituído.

linha da estética da recepção e do efeito pressupõem duas grandes categorias: uma que diz respeito à fenomenologia do ato individual da leitura – encabeçada por Roman Ingarden e Wolfgang Iser – e outra que se interessa pela hermenêutica da resposta pública ao texto – fundada em Gadamer e particularmente em Hans-Robert Jauss (Compagnon, 2001).

Jauss, influenciado pela hermenêutica de Gadamer, defende uma crítica centrada no público histórico, ou nos públicos, de uma obra, no sentido em que o crítico deve estudar a relação entre a recepção que ela teve no passado e que tem no presente.

Já Iser considera o ato de ler o processo de tentativa de imobilização da estrutura oscilante do texto, convertendo-a em um sentido específico. O texto oferece ao leitor uma pluralidade de visão esquematizada que constitui uma objetividade multifacetada impossível de apreender na totalidade. Cabe ao leitor, então, detectar tantas visões esquematizadas quanto possível, de maneira que se obtenha uma concepção precisa do objeto. Existe tais visões esquematizadas uma vastidão de subjetividade que oferece ao leitor a possibilidade de efetuar um jogo de interpretações para ligá-las entre si, uma vez que o próprio texto não tem poder para tal.

Esse elemento subjetivo da literatura representa o mais importante elo entre texto e leitor (Costa Lima, 2002). Segundo Iser, a obra literária tem dois pólos. O artístico e o estético: o pólo artístico é o texto do autor, e o pólo estético é a realização efetuada pelo leitor. Desse modo, o sentido é um efeito experimentado pelo leitor e não um objeto definido, preexistente à leitura. Iser levanta também a questão do leitor implícito, sendo este uma rede de estruturas textuais que, prefigurando na presença de um receptor, obrigam o leitor real a captar o texto (Compagnon, 2001).

Roman Ingarden caracteriza o texto literário por sua incompletude, e a leitura realiza a sua interação entre as diferentes camadas que o constitui. Ele vê a obra literária como efeito estético que é concretizado no leitor, que preenche vazios, espaços em branco, mas de acordo com os condicionamentos que o texto lhe impõe, o que não faz dessa concretização algo complementemente subjetivo.

Fora da corrente da estética da recepção, outro autor que também levanta a questão do papel do leitor e do autor no processo de leitura é Sartre. Para este, ler significa prever, esperar: “O leitor espera; o escritor não lê porque já conhece, já desvendou o porvir; o autor já conhece antes de escrever” (Sartre, 1993: 36). O papel do leitor sartreano é ativo, ele deve inventar a obra, enquanto o autor o guia. As balizas que

colocou estão separadas por espaços vazios, sendo preciso interligá-los, ir além deles. Desse modo, a leitura é criação dirigida, uma vez que a obra literária não tem outra substância a não ser a subjetividade do leitor

toda obra literária é um apelo. Escrever é apelar ao leitor para que este faça passar à sua existência objetiva o desvendamento que empreende por meio da linguagem. (...) o escritor apela à liberdade do leitor para que este colabore na produção de sua obra (Sartre, 1993: 39).

Roland Barthes (1988) considera o leitor um elemento sem história, nem biografia, nem psicologia: é apenas um ser que guarda em si, num só plano, todos os traços que constituem um texto literário. Apesar disso, o leitor bartheano ainda se coloca em destaque ante o autor, de quem o teórico pregou a morte, uma vez que o leitor é o espaço onde todas as palavras do texto são inscritas sem que nenhuma se perca, já que a unidade do texto reside não na sua origem, mas no seu destino.

Assim, a obra literária só é concebível por meio desse ato subjetivo que é a leitura, nos abismos que a literatura cria para que o leitor possa construir suas pontes de sentido. Mais que nunca, na concepção pós-moderna de leitura, temos que considerar a subjetividade do leitor como chave para a compreensão do texto e do mundo. E a construção desta subjetividade se faz principalmente por meio de textos que permitam a sensibilização, que faça desse leitor em potencial um leitor crítico, capaz de fazer do mundo em que vive um mundo melhor, menos autômato, acostumado a apertar teclas, sem refletir sobre seu lugar enquanto ser social. Uma importante ferramenta nesse projeto é a leitura da literatura.

José Veríssimo (2009) é categórico ao afirmar, ainda no início do século XX, que literatura é arte literária e que somente o escrito com o propósito ou a intuição dessa arte, ou seja, com os artifícios de invenção e de composição que a constituem pode ser considerado literatura. Para esse autor, não se pode afirmar a “existência de obras que vivem, pelo livro lido, de valor efetivo e permanente e não momentâneo e contingente.”. Ou seja, só existe literatura se a obra sai das amarras de seu tempo e seu espaço de produção. Afirma Veríssimo:

A história da literatura brasileira é, no meu conceito, a história do que da nossa atividade literária sobrevive na nossa memória coletiva de nação. Como não cabem nela os nomes que não lograram viver além do seu tempo também não cabem nomes que por mais ilustres que regionalmente sejam não conseguiram, ultrapassando as raias das suas províncias, fazerem-se nacionais (Veríssimo, Disponível em <http://www.biblio.com.br/default.asp?link=http://www.biblio.com.br/conteudo/JoseVerissimo/histlitbras.htm>. Acesso em 15/02/09).

A obra literária não está na história, em si, mas na leitura que dela fazemos. Os escritores não existem no vácuo; têm uma função social definida, exatamente na medida em que são tidos como escritores (Pound, 1977: 36). É a sociedade que, pelo uso que faz de seus textos, decide se certos textos são literários ou não, fora de seus contextos originais. Desse modo, uma definição de literatura, seja ela qual for, representa sempre uma escolha, uma preferência, um sistema de preferências, consciente ou não (Compagnon, 2001: 44). Daí a importância de se discutir o cânone como forma de legitimação do sujeito/objeto literário.

2.2. O estabelecimento do cânone

O termo cânone tem origem no grego *Kanon*, que designava uma espécie de vara com funções de instrumento de medida. Primeiramente com uma definição religiosa, a palavra cânone era usada no direito eclesiástico para nomear o conjunto de preceitos de fé e de conduta e, no catolicismo, a lista de santos reconhecidos pela autoridade papal. A relação textual surge na Bíblia, em que se reconhece como cânone o conjunto de textos considerados autênticos pelas autoridades religiosas. Com o passar do tempo, a palavra ganha o significado de padrão ou modelo a explicar, como norma; daí chegar-se ao sentido específico de textos autorizados, exatos, modelares. Segundo Kothe, o fato de o termo cânone ter origem religiosa não é gratuito, mas conota a natureza sagrada atribuída a certos textos (Kothe, 1997).

No campo literário, o mais remoto registro data do século I, época em que Quintiliano já estabeleceu uma lista de autores tidos como modelares, mas sem usar um termo específico para tal listagem. O termo cânone, no sentido de relação de escritores começa a ser usado a partir do século II, mas é no Renascimento que tal nomenclatura firma-se realmente. A partir dos séculos XVI e XVII, tem-se já as obras ditas clássicas como os modelos absolutos e eternos. Isso só é abalado a partir da teoria do juízo estético de Kant.

Segundo Kant, é justamente porque o juízo estético não pode ser determinado por conceitos e preceitos que ele necessita encontrar exemplos daquilo que, no desenvolvimento da civilização recebeu o mais longo assentimento (Perrone-Moisés, 1998: 62-3).

A categoria literatura não se define por meio de propriedades meramente objetivas, referenciais e formais que distingam de uma vez por todas certos discursos inerentemente literários de outros não-literários. O literário é uma classificação de uso,

descreve todos os discursos que uma comunidade de utentes considera como tal em função de critérios que são, antes de tudo, sociais e históricos, o que permite afirmar que um texto não nasce necessariamente literário e muito menos canônico. Tal fato permite um processo constante de reivindicação de recanonização e descanonização. No panorama da literatura do Brasil essa reivindicação ganha voz em Flávio Kothe ao afirmar que “do cânone é preciso fazer um reexame, para diferenciar aquilo que ingressa nele devido à necessidade de ocupar um espaço estratégico, e aquilo que, eventualmente, ainda é capaz de manter após uma releitura crítica” (Kothe, 1997: 13).

Desse modo, a canonização de uma obra / autor procede de uma seleção (materializada numa lista) de textos e / ou indivíduos reconhecidos como mestres da tradição, adotados como lei por uma comunidade e que lhe permitem a produção e a reprodução de valores (normalmente tidos como universais). Cânone se manifesta como imposição de medidas¹⁰ que permitem, às produções, num movimento de inclusão/exclusão, serem distinguidas como legítimas, distintas das marginais. Como afirma Leyla Perrone-Moisés (1998), existe uma íntima ligação entre o cânone e a validação da obra como canônica, uma vez que cultura implica seleção, atribuição de valor e de sentido.

O cânone, como um dos quadros de valores de uma cultura determinada, é relativo a essa cultura, está fadado à transformação e sujeito ao desaparecimento, como todas as manifestações humanas. Nessa medida, o cânone resiste por ser reconhecido como ativo pela cultura viva, ou ele se torna letra morta, cuja defesa só pode ser feita por uma imposição autoritária (Perrone-Moisés, 1998).

Já que o cânone veicula um discurso normativo e dominante num determinado contexto, aceita-se a utilização do termo para designar, a partir da definição de um critério de seleção, o cânone literário dentro de diversas possibilidades: o cânone universal, o cânone aristotélico, o cânone da crítica, o cânone nacional e, por que não, o cânone brasileiro, uma vez que se entende por cânone literário o corpo de autores (e de suas obras) social e institucionalmente considerados grandes, geniais, comunicando valores essenciais e que, por isso, são dignos de serem estudados e transmitidos de geração em geração. Falar de um cânone literário local, no caso brasileiro, pressupõe o

¹⁰ Apesar do cânone também poder ser entendido como norma, não é este o sentido que se lhe dá neste trabalho. Ao contrário, cânone nesta pesquisa surge como valorização. A respeito deste assunto confira-se Maiakovski (1971), *Função, norma e valor estético*.

reconhecimento do povo em suas características específicas. Assim, a “ metamorfose do cânone literário, para que ele possa tornar-se mais flexível e diferenciado, faz parte de um processo de democratização, embora contraponha a sua natureza.” (Kothe, 1997: 137).

O estabelecimento de um cânone, seja ele qual for, presume a crítica para selecionar autores e obras ditas como clássicas. A própria etimologia da palavra “crítica” a atrela a julgamento. Como sintetiza Valléry, ler é eleger. A seleção do cânone, assim, acompanha o modelo de crítica que tem lugar em determinada sociedade, que vai, segundo Perrone-Moysés, desde a prática autoritária dos decretos da Academia no século XVII, passando pelas escolhas pessoais dos críticos do século XVIII até séculos XIX, quando ganham espaço no julgamento de uma obra os conceitos de novidade e originalidade, “com o desencadeamento da ruptura e da diferença” (Perrone-Moysés, 1998: 10). A partir do século XX, a crítica literária institucional se torna cada vez mais analítica e cada vez menos judicativa. No contexto do século XXI, quando certezas passam a ruir, a leitura da obra literária é tida como condição para sua existência. Assim, uma obra ainda está viva quando ela tem leitores.

Atualmente, entendendo o período em que vivemos como pós-modernidade – que se caracteriza pela heterogeneidade, diferença, fragmentação, indeterminação, relativismo, desconfiança dos discursos universais e totalizantes / totalitários –, o julgamento estético e, conseqüentemente, os critérios para o estabelecimento do que é ou não canônico se relativiza. Esse contexto de instabilidade no julgamento serve para o estabelecimento de novos cânones, mas faz-se necessário, ao julgar, criarem-se critérios. Entretanto, é relevante considerar que o estabelecimento do cânone, sendo este um discurso histórico, implica questões de avaliação, na medida em que qualquer levantamento ou relato é obrigatoriamente uma seleção de dados. Na percepção de Kothe, “o processo de seleção histórico é cruel e restritivo” (Kothe, 1997: 16).

Hoje, o que se percebe é que a literatura, que durante muito tempo teve um lugar de destaque na vida social, torna-se cada vez menos importante, o que passa pela tão discutida crise da leitura, uma vez que esta concorre com uma gama de outras formas de comunicação muito mais atrativas para o sujeito do século XXI. Ler exige tempo, atenção, concentração, luxos ou esforços que não convivem com a vida cotidiana atual. Essa nova relação com leitura mexe diretamente com mobilização de um cânone literário pós-moderno.

Os novos escritores parecem não estar interessados em ingressar, futuramente, no cânone; interessa-lhes ter seus livros rapidamente publicados, traduzidos em línguas hegemônicas, adaptados para o cinema e a televisão; para conseguir esses objetivos, não é necessário ‘um longo assentimento’, basta figurar na lista dos mais vendidos. A difusão dos livros passa, atualmente, menos pelos críticos e professores universitários do que pelos agentes literários e pelas várias formas de publicidade (Perrone-Moysés, 2000: 176).

Como afirma Flávio Kothe, o estabelecimento do cânone pauta-se em textos publicados e tidos como antológicos, o que confere à obra não apenas um caráter mnemônico, mas, principalmente, a possibilidade de fazer um enunciado acessível a outras pessoas, “não o fato acessório de ele estar em uma página escrita ou memorizado por alguém. Não basta estar escrito, mas publicado” (Kothe, 1997: 79).

É possível associar o estabelecimento do cânone literário, enquanto instituição social, à escolarização da literatura moderna. Ezra Pound (1977) relaciona o estabelecimento do cânone a um fim didático. Para ele, cabe ao professor apresentar ao aluno um repertório daquilo que é considerado válido das obras já escritas, como credenciais de sua capacitação, seu ideograma do bom.

O professor só pode ministrar os seus ensinamentos àqueles que mais querem aprender, mas ele pode sempre despertar os seus alunos com um aperitivo, ele pode ao menos fornecer-lhes uma lista das coisas que vale a pena aprender em literatura ou num determinado capítulo dela (Pound, 1977:38-39).

Segundo Leyla Perrone-Moisés (1998), implicando a literatura a existência de leitores, sua sobrevivência, hoje, como arte da linguagem e atividade com valor próprio vinculado, depende muito de sua manutenção nos currículos escolares.

3. Literatura na escola: construção da identidade

*sou professor e utilizo numa boa o sistema urbano de
transportes coletivos
uma bala pode a qualquer segundo estourar em meu
peito ou em minha têmpora
e nunca terei sido entrevistado, não terei causado
loucura em ninguém, nem sequer matado alguém que
merecesse morrer
também não terei salvo nenhuma vida ainda que
queime 80% do corpo*

Alexandre Pilati

3.1. A educação literária

Em uma sociedade cada vez mais voltada para a rapidez da informação e avanços tecnológicos, a leitura como instrumento fundamental na aquisição do conhecimento fica relegada a segundo plano, mesmo ela sendo elemento essencial ao ser humano que vive no mundo letrado, com acesso irrestrito a uma série de elementos textuais em sua vida diária. É indiscutível a importância da leitura no processo de construção do sujeito, uma vez que, para a sua participação ativa na sociedade, o ato / hábito de ler está relacionado a todas as suas atuações, independente de elas serem objetivas ou subjetivas.

No último caso, é de suma importância o contato do indivíduo com a leitura literária, já que a literatura contribui ao processo de humanização do sujeito, à construção de sua subjetividade e ao reconhecimento de seu valor como componente de uma identidade coletiva. Como afirma Antônio Cândido, é inegável a ligação entre a vida social e a arte, uma vez que a atividade artística estimula a diferenciação entre os grupos (Cândido, 1967), além de o contato com o local ampliar o entendimento do universal.

Na concepção pós-moderna de leitura, temos que considerar a subjetividade do leitor como chave para a compreensão do texto e do mundo. Entende-se que a subjetividade sugere a compreensão que temos sobre nosso eu e que envolve nossos sentimentos e pensamentos pessoais. No entanto, vivemos nossa subjetividade em um contexto social no qual a linguagem e a cultura dão significado à experiência que temos de nós mesmos e no qual adotamos uma identidade¹¹ (Kathryn Woodward, 2000).

¹¹ Trabalha-se com a idéia de identidade como um significado social e culturalmente atribuído e que, conforme as análises de Tadeu da Silva, está em constante movimento de ora fixação, estabilização, ora subversão e desestabilização (Tomaz Tadeu da Silva, 2000). Esse processo deve-se ao fato de o sujeito pós-moderno, segundo os estudos de Hall, estar inserido em constantes mudanças nos sistemas de significação e representação cultural que se

Assim, o aprimoramento dessa subjetividade se faz principalmente por meio de textos que permitam a sensibilização, que façam do leitor em potencial um leitor crítico, capaz de transformar o mundo em que vive em um mundo melhor, menos autômato, acostumado a apertar teclas, sem refletir a respeito lugar do indivíduo enquanto ser social. Uma importante ferramenta nesse projeto é a leitura da literatura.

Antônio Cândido vê na literatura um dos principais fatores de humanização, uma vez que ela representa o

processo que confirma no homem traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, da aquisição do saber, da boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções e capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza (Cândido, 1995: 249).

Somos seres inconformados com a fragmentação a que somos assujeitados pelo contexto em que vivemos; procuramos, assim, atribuir sentido à nossa existência, ao nosso ser no mundo. Muitas vezes a realidade não nos basta nesse processo de interpretar esse mundo. Precisamos reinventá-lo; ir além da realidade. E essa possibilidade nos é aberta pela *arte da palavra*, a palavra literária. Segundo Gabriel Perissé, “a palavra literária será, neste caso, a palavra viva, vivificadora, provocadora, cheia de sentido, humanizadora, criadora de vínculos” (Perissé, 2006: 18).

Entretanto, um ponto a se pensar é como se dá o contato com esse uso criativo da palavra, já que formar um público leitor de literatura também tem sido um papel delegado à escola. Isto se observa ao longo da história da educação: a essa cabe, oficialmente, a tarefa de formar leitores proficientes, inclusive consumidores de literatura, pois é na escola que se tem o que Cyana Leahy-Dios chama de educação literária.

Segundo as *Orientações Curriculares para o Ensino Médio*, “a escola deverá ter como meta o desenvolvimento do humanismo, da autonomia intelectual e do pensamento crítico” (Orientações Curriculares para o Ensino Médio, 2008: 53). Assim, esse aprimoramento humano se dá pelo contato com as mais variadas manifestações artísticas, entre elas a literatura. Os Parâmetros Curriculares para o Ensino Médio – PCNEM – utilizam o termo estética da sensibilidade, que seria a possibilidade de

multiplicam cotidianamente. Assim, “a identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos” (Hall, 2001: 12-13).

estimular a criatividade, espírito inventivo, a curiosidade pelo inusitado, a afetividade para facilitar a constituição de identidades capazes de suportar a inquietação, conviver com o incerto, o imprevisível e o diferente (PCNs, 2002).

A presença da literatura no ambiente escolar desde as séries iniciais e a sua obrigatoriedade como disciplina do currículo, a partir do ensino médio, leva-nos à reflexão sobre a forma como vem sendo conduzido o ensino de literatura na escola. Primeiramente, leva-nos a questionar o papel da literatura na sociedade que temos e na que queremos ter, bem como a sua importância na construção de subjetividades pessoais e sociais tanto no ambiente escolar quanto na sociedade em geral. Faz-se importante pensarmos também em por que temos aula de literatura no currículo escolar e se é possível se “ensinar” literatura.

Cyana Leahy-Dios (2000) questiona o que se pretende formar com as aulas de literatura: consumidores, produtores ou conhecedores de literatura. Atualmente se estuda mais do que se lê na escola, privilegiando-se um educar *para a literatura* e não *com a literatura*. O ensino fica menos centrado na literatura como criação artística / criativa / social, dando-se mais espaço aos estudos literários, como modalidade de saber, aprendizado. Na escola pouco se ensina a gostar de ler, mas ensina-se a fazer estudos descritivos bio-históricos acerca de autores e de obras, a praticar pseudo-crítica literária.

Desse modo, observa-se uma dicotomia entre a arte e o ensino escolar, já que se tem mostrado difícil a conciliação entre a leitura da literatura como fruição / prazer / entretenimento e seu ensino como saber institucionalizado que tem sido relegado ao estudo de teoria literária e historiografia da literatura, além de pretexto para análises gramaticais. No mais, ao tornar literatura obrigatória na escola, privilegiam-se muitas vezes obras que mais se distanciam espacial, temporal e culturalmente do que se aproximam dos alunos (Lage, 2003).

No atual modelo escolar, nota-se o quanto é difícil transformar essa realidade, visto ter-se uma escola, na maioria das vezes, sucateada, professores, mesmo com um conhecimento intuitivo e boa vontade, sem formação para trabalhar com as novas perspectivas de leitura ou que não se constituem leitores de literatura e um aluno que vive num mundo em que a leitura literária tem cada vez menos espaço por mostrar-se pouco atrativa. Assim, é necessário redimensionar o ensinar / aprender, sobretudo no que diz respeito à arte. É nessa perspectiva que se deve repensar o ensino da literatura,

visando promover a educação humanista dos jovens e assegurar a identidade cultural, social e artística.

Ao que se vê, a escola, enquanto responsável por formar sujeitos-leitores críticos e mais humanos, não vem cumprindo seu papel com eficiência, uma vez que o ensino desvincula-se do desenvolvimento da sensibilidade artística e do processo de autocrescimento de sujeitos sociais participantes, conscientes e ativos, nem sempre levando em consideração a orientação dos Parâmetros Curriculares Nacionais de fazer da sala de aula um espaço real do processo de ensino aprendizagem, não só uma idealização abstrata de um amontoado de conteúdos sem significação para o aluno.

Segundo Aguiar e Bordini (1993), para que a escola produza um trabalho eficiente com a leitura da obra literária, são necessários alguns elementos básicos, tais como

dispor de uma biblioteca bem aparelhada, na área de literatura, com bibliotecários que promovam o livro literário, professores leitores com boa fundamentação teórica e metodológica, programas de ensino que valorizem a literatura e, sobretudo interação democrática e simétrica entre alunado e professor (Aguiar & Bordini, 1993: 17).

Para as autoras, o principal problema do ensino de literatura não está no conteúdo, mas sim na forma como se trabalha com a literatura em sala de aula, sem abrir espaço para a reflexão crítica, privilegiando-se um fazer automatista, imediatista e alienado. Se a leitura é o que acompanha o homem no seu processo de comunicação e propagação da cultura, não deve ser vista como uma atividade mecânica, de reconhecimento de sinais gráficos ou no simples decorar listas de autores, característica de escolas literárias, datas e dados biográficos, sem considerar que a leitura da literatura traz a possibilidade de o leitor dialogar com o mundo.

No entanto, a partir do momento em que a função de formar leitores é conferida à escola, destrói-se a noção de texto como representação simbólica de todas as produções humanas, centrando-se o trabalho com a leitura no texto escrito, principalmente no objeto livro como o principal elemento de mediação do conhecimento. Como livro é, em geral, uma produção da classe dominante, tem-se aí uma cisão e supervalorização entre a cultura que o possui (quem tem o poder) e as outras (quem não tem acesso à leitura). Já que é a classe dominante que determina o saber que deve circular nos livros, de modo a manter a ideologia vigente, permitir a formação de leitores proficientes nas classes dominadas é abrir a possibilidade de circulação desses novos leitores em todas as esferas sociais, possibilitando, assim, que atuem de forma

ativa e efetiva na vida social e não apenas funcionem como massa de manobra (Aguiar & Bordini,1993).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB 9394/96 – traça nas diretrizes curriculares para o ensino médio esse papel da escola como responsável pela transformação social ao estabelecer como metas do processo de ensino aprendizagem:

- I- Desenvolver o educando para que possa refletir e ser protagonista no mundo social;
- II- Exercitar a cidadania (discutir contextos, confrontar pontos de vista, enfim construir identidade.

A escola, que seria, teoricamente, o principal responsável por desenvolver o papel de dar ao indivíduo, por meio da alfabetização e do letramento, um instrumento capaz de apropriação da cultura dominante, pouco tem feito em relação a isso, uma vez que existe uma lacuna entre os valores dos dirigentes dos processos (governantes, gestores da educação em nível nacional e local, diretores, coordenadores, professores) e os alunos.

Um dos principais pontos para aumentar a lacuna entre privilegiados e desprivilegiados, talvez, seja a desvalorização da leitura¹². O ato de ler está relacionado ao fato de que, como atividade intelectual, não proporcione, ao menos explicitamente, a acumulação de capital. Além do mais, a falta de respeito ao pluralismo cultural compromete a qualidade e validação do processo, já que não se levam, muitas vezes, em conta, no trabalho com leitura em sala de aula, as diferentes representações culturais do aluno.

Isso justifica a necessidade de trazer ao aluno elementos de sua cultura, uma das diretrizes mais reforçadas dentro dos PCNs, e valida a necessidade de proporcionar o contato com a produção artística de seu meio, uma vez que trabalhar com a literatura que faça parte de um contexto próximo do educando permite a inserção do processo de ensino/aprendizagem numa perspectiva de contextualização¹³ de conteúdos e saberes, que vai além do ensino de informações fragmentadas, como características de uma escola literária, biografia de autores e resumos de obras. As transformações pelas quais

¹²De acordo com Rosa Amélia Silva (2009), na dissertação intitulada *Ler literatura: o exercício do prazer. Educação literária por meio de oficinas de leitura*. defendida em outubro de 2009, no Departamento de Teoria Literária e Literaturas, da Universidade de Brasília, na sociedade atual, a leitura está ligada a dois comportamentos específicos: o homem ler para buscar conhecimento e adquirir bens capitais; o homem ler para crescer e ser. Assim, o ato de ler está ligado diretamente ao ter e o ser. O homem lê para conhecer e ter (uma leitura mais objetiva), o homem ler para conhecer e ser (uma leitura mais subjetiva).

¹³ Os Parâmetros Curriculares Nacionais reforçam a importância da contextualização para a promoção da aprendizagem significativa, aquela que permite o estabelecimento de relações entre os saberes curriculares e a experiência social que o aluno tem como indivíduo; que vai além do acúmulo de informações sem vínculo com a vida prática do estudante.

a sociedade passa a criar um novo olhar sobre a cultura¹⁴, redimensionando as fronteiras entre o que é local e o que é universal, e modifica as formas de produção e apropriação dos saberes.

Para os PCNs (2002), educação é um processo de construção da identidade; assim, como prega a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, em seu artigo 26, no processo educativo, deve-se trabalhar com “as características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela” (PCNs, 2002: 97).

Os Parâmetros Curriculares são claros ao propor o respeito a diversidades, incluindo aí as diferenças regionais, de modo a permitir ao aluno o contato com aquilo que faz parte de seu presente cotidiano, favorecendo a apropriação e valorização de bens culturais locais. Daí ser urgente, no caso específico dos alunos do Distrito Federal, o contato dos estudantes com a literatura brasileira.

3.2. A literatura brasileira na escola pública

Considerando que a literatura de Brasília surge, oficialmente, junto com a própria cidade e que se insere dentro do processo dinâmico de construção da identidade local, faz-se importante que se estude essa literatura, que é, além de praticamente desconhecida dos moradores da cidade, muitas vezes, desprestigiada pelo meio acadêmico. Isso se confirma pelos poucos estudos que se tem a tal respeito dentro das instituições de ensino e pesquisa, conforme já citado anteriormente.

Nota-se que, por não haver um público leitor / consumidor formado para a leitura da literatura produzida na capital, esse papel é delegado à escola, uma vez que, conforme se observa ao longo da história da educação, a essa cabe, oficialmente, a tarefa de formar leitores proficientes, inclusive consumidores de literatura. Para Cyana Leahy-Dios,

estudar literatura é essencial ao processo de educar sujeitos sociais, por se tratar de uma disciplina sustentada por um triângulo composto pela combinação assimétrica de estudos da língua, estudos culturais e estudos sociais. (...) Pode ter um papel central na criação de uma consciência sociopolítica aos futuros cidadãos de qualquer sociedade (Leahy-Dios, 2000: p. 16).

¹⁴Na perspectiva de Kathryn Woodward, o termo cultura deve ser entendido como aquilo que o homem transforma. “Cada cultura tem suas próprias e distintas formas de classificar o mundo. É pela construção de sistemas classificatórios que a cultura nos propicia os meios pelos quais podemos dar sentido ao mundo social e construir significados. Há, entre os membros de uma sociedade, um certo grau de consenso sobre como classificar as coisas a fim de manter alguma ordem social. Esses sistemas partilhados de significação são, na verdade, o que se pretende por ‘cultura’”. (Kathryn Woodward, 2000: 41).

Desse modo, ao se estudar literatura brasileira nas escolas pode-se afirmar que se favorece a formação cultural dos alunos, além de contribuir para a afirmação da identidade da literatura local. A maior socialização dessa literatura, a partir da ampliação de seu público leitor, proporciona a construção de uma identidade cultural, propicia a ampliação de estudo e de auto-reconhecimento da cultura local e amplia o contato com o imaginário e a poética, pela abordagem de textos literários que façam parte do meio social do aluno.

3.2.1. Os professores, os alunos e a literatura brasileira: uma pesquisa

Embora o sistema educacional do Distrito Federal seja um dos mais jovens do Brasil e do mundo, uma vez que, oficialmente, tem 50 anos de existência, atende, segundo dados do *Censo Escolar/2008*, a toda a demanda de matrículas do sistema básico de educação (Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio, Educação de Jovens e Adultos, Educação Profissional e Educação Especial). É composto por quatorze Diretorias Regionais de Ensino: Plano Piloto, Brazlândia, Ceilândia, Gama, Guará, Núcleo Bandeirante, Planaltina, Sobradinho, Taguatinga, Samambaia, Paranoá, Santa Maria, São Sebastião e Recanto das Emas. De acordo com os dados oficiais do *Censo Escolar/2008*, foram registradas as matrículas de 328.988 alunos no Ensino Fundamental, distribuídos em 465 instituições educacionais (314 Escolas Classe e 151 Centros de Ensino Fundamental)¹⁵, o que pode ser conferido na tabela.

¹⁵ Demonstrativo de matrículas e turmas - 2007		
DRE	Matrículas	Turmas
Plano Piloto	25.969	938
Brazlândia	12.729	435
Ceilândia	58.892	1.895
Gama	24.876	837
Guará	12.814	419
Núcleo Bandeirante	15.578	511
Planaltina	33.047	1.068
Sobradinho	19.796	663
Taguatinga	27.298	915
Samambaia	28.572	904
Paranoá	15.901	501
Santa Maria	18.586	600
São Sebastião	13.929	439
Recanto das Emas	21.007	649
Total	328.988	10.774

Além disso, tem-se matriculados na rede oficial 64.273 alunos no Ensino Médio, atendidos em 74 instituições educacionais¹⁶.

São, ao todo, segundo dados do *Relatório de Gestão 2007*, 28.410 professores da rede pública, distribuídos pelas 14 regionais.

Nas séries iniciais do Ensino Fundamental, o professor é responsável por desenvolver todas as disciplinas, inclusive Língua Portuguesa, sendo, portanto, o responsável pela leitura da literatura. As *Orientações Curriculares – séries e anos iniciais* não trazem nenhuma alusão ao trabalho específico com o texto literário. Já nas series finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio, esse trabalho é delegado ao professor de língua portuguesa, que, geralmente, ministra aulas dos cinco grupos de estudo para os quais orientam as *Orientações Curriculares Ensino Fundamental – séries e anos finais* e as do *Ensino Médio*: Oralidade e expressão, Leitura, Conhecimentos literários, Conhecimentos lingüísticos e Produção de textos escritos.

Na coleta de dados sobre a inserção da literatura brasileira nas escolas, optou-se por trabalhar com autores e professores. Para obter um número exato de cem pesquisados, esperava-se o contato com dezesseis autores e oitenta e quatro professores. Para o contato com o grupo de docentes foi usada como metodologia a aplicação de

16

Demonstrativo DE MATRÍCULAS E TURMAS – 2007		
DRE	Matrículas	Turmas
Plano Piloto	7.751	219
Brazlândia	2.117	58
Ceilândia	8.961	229
Gama	5.311	147
Guará	2.455	67
Núcleo Bandeirante	3.041	84
Planaltina	5.996	150
Sobradinho	3.784	101
Taguatinga	9.861	256
Samambaia	4.117	103
Paranoá	2.233	58
Santa Maria	3.454	86
São Sebastião	1.962	52
Recanto das Emas	3.230	80
Total	64.273	1.690

Fonte: Censo Escolar/2008

questionário padronizado¹⁷ (Anexo 2) aos professores dos três segmentos¹⁸ visando coletar dados. Foram distribuídos mais de cem questionários. Entretanto dos questionários distribuídos, como costuma ocorrer em pesquisas de campo, apenas setenta foram devolvidos dentro do prazo estipulado, seguindo a seguinte disposição:

Ensino Fundamental 1	23 questionários
Ensino Fundamental 2	26 questionários
Ensino Médio	21 questionários

3.3. Os dados

A partir da leitura de todos os questionários, foi feita, primeiramente uma tabulação quantitativa das informações coletadas, em que se buscava traçar um conjunto de elementos numéricos objetivos referentes à relação entre as orientações do parágrafo 2º do artigo 235 da Lei Orgânica do Distrito Federal e a rede de ensino do Distrito Federal, representada pelos professores que lidam com a leitura da literatura na escola. Esses dados foram transformados em gráficos, posteriormente analisados junto com as falas mais significativas dos professores, partindo-se, então, para uma análise mais subjetiva e qualitativa, pautada na comparação e associação das informações coletadas.

3.3.1. Leitura dos dados

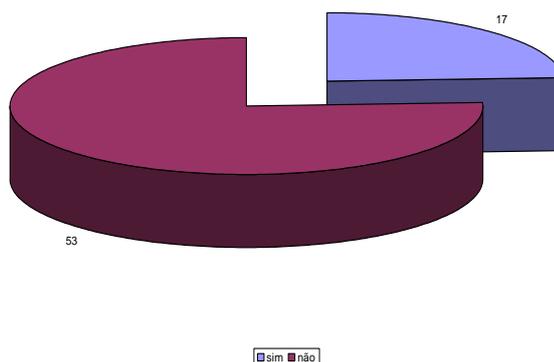
Ao se perguntar aos professores do Distrito Federal se, nas aulas de literatura\língua portuguesa são trabalhados autores de Brasília, dos setenta questionários recebidos de volta, cinquenta e três negam, e dezessete afirmam que tem ou já tiveram a presença de autores locais em suas aulas:

¹⁷ Segundo Laville & Dione (1999), o questionário oferece como vantagem a economicidade, o poder de alcançar de forma rápida e simultânea um maior número de pessoas, sem a presença do pesquisador *in loco*. Entretanto, sempre que possível, este questionário foi aplicado pela própria pesquisadora, com o objetivo de coletar dados, também, por meio de uma entrevista informal com os professores.

¹⁸ A opção por se trabalhar com todos os segmentos e todas as regionais de ensino se justifica pela tentativa de se fazer um recorte do nível de alcance da literatura brasileira na rede pública em geral, visando investigar se os alunos da rede oficial já constituem parte do público leitor da literatura aqui produzida. Assim, pretendia-se que dois professores de atividades do Ensino Fundamental – séries iniciais, dois professores de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental – séries finais – e dois professores de Língua Portuguesa do Ensino Médio respondessem aos questionários ao longo do ano de 2008.

Gráfico 1

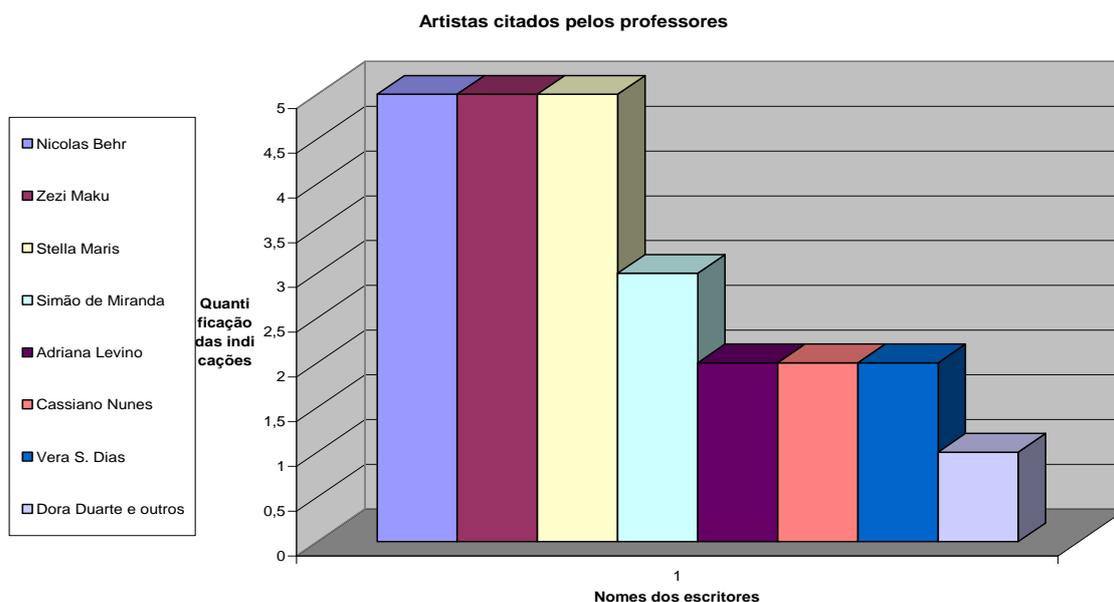
Resposta à questão formulada: Nas aulas de Língua Portuguesa e/ou Literatura, são trabalhados autores de Brasília?



Em seguida, solicitou-se ao professor, que, em caso afirmativo, listasse os autores que, de alguma forma já haviam sido abordados durante as aulas. Chegou-se a um universo relativamente restrito de artistas locais, observando-se que a maioria dos citados não faz parte do rol dos autores reconhecidos na cidade como aqueles que figuram nas antologias de maior circulação ou com obra individual reconhecida no circuito editorial do Distrito Federal.

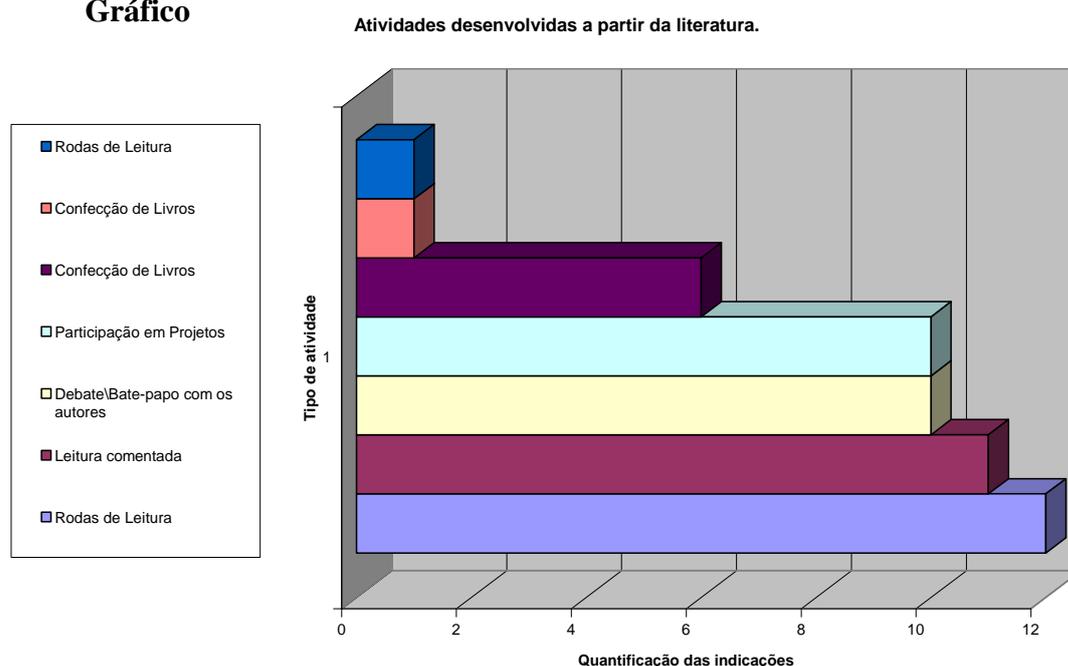
Com exceção de um ou outro nome que já apresenta ter uma trajetória relativamente sólida na cena cultural brasiliense, a maioria é composta de autores que fazem um trabalho de divulgação própria de obras por eles mesmos patrocinadas. Um fator interessante é que foram citados como autores trabalhados na escola Oswaldo Montenegro e Renato Russo, nomes mais voltados para a música do que para a literatura, o que confirma a tendência de que a poesia brasileira de qualidade estética costuma circular pela MPB, a partir dos anos 60.

Gráfico 2



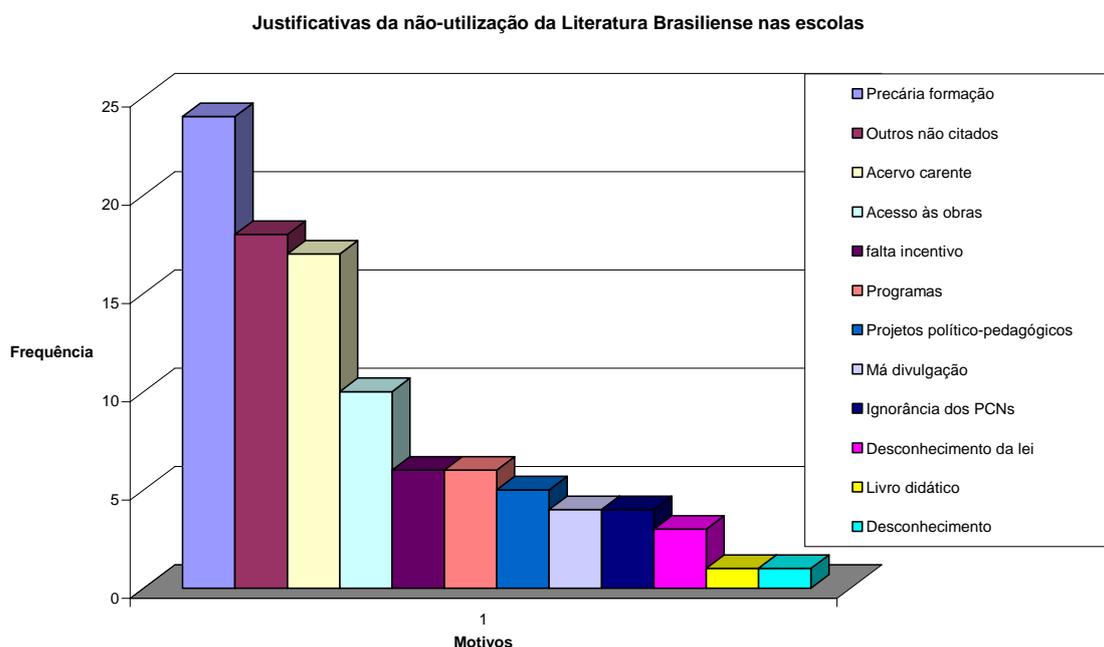
Foi solicitado também aos professores que indicassem as atividades que geralmente são desenvolvidas no contato dos artistas com os alunos no ambiente escolar. Nota-se que se sobressaem atividades conduzidas pelos próprios professores, como leitura comentada e roda de leituras, além daquelas em que o convidado participa de forma mais ativa, como em bate-papos, debates ou colaboração em projetos da própria escola, como julgamento de concursos literários e intervalos culturais.

Gráfico



Como se nota pelo gráfico 1, a quantidade de professores que não trabalham com a literatura produzida no Distrito Federal é expressivamente maior do que o daqueles que trabalham, o que, de certa forma, já era previsto, a julgar pelo pouco acesso e visibilidade que a literatura da capital geralmente apresenta. Desse modo, foi solicitado aos professores, que, em caso negativo, justificassem por que não trabalhavam com a produção literária local. Observa-se que as justificativas foram variadas e a maioria listou mais de um motivo para tal ocorrência.

Gráfico 4



Pelos depoimentos de alguns professores, pode-se ter a noção da concepção de leitura e literatura que se tem na escola, atualmente:

Professor 38 (Fundamental 1) – A literatura abre um leque de reflexão e de descoberta. É através da leitura que o crescimento humano acontece.

Professor 40 (Fundamental 2) – A literatura é uma boa fonte de reflexão. É através dela que o homem tem ao longo do tempo progredido de forma significativa.

É perceptível que o papel atribuído pelos professores à literatura condiz com o que pregam os Parâmetros Curriculares Nacionais¹⁹, ao evidenciar a importância das expressões artísticas, inclusive a literária, na formação integral do cidadão, ao afirmar a importância das artes, “incluindo-se a literatura, como expressão criadora e geradora de

¹⁹ Não querendo duvidar do trabalho docente, levanta-se a hipótese de os professores terem dado essa resposta para “se sair bem” com a pesquisadora, revelando que conhecem os parâmetros, mas que não os seguem em seu exercício docente.

significação de uma linguagem e do uso que se faz de seus elementos e de outras linguagens” (PCNs, 2002: 33).

Essa discussão travada pelos dois professores da rede oficial do Distrito Federal em torno do papel da leitura da literatura como elemento indissociável da humanização e da reflexão crítica é amadurecida pelas Orientações Curriculares para o Ensino Médio, que citam o termo letramento literário, evidenciando a necessidade de, no processo de leitura, ir-se além da decodificação de poemas ou textos dramáticos, para passar-se à apropriação efetiva por meio da experiência estética, da fruição, uma vez que “quanto mais letrado o leitor literário, mais crítico, autônomo e humanizado será” (Orientações Curriculares para o Ensino Médio, 2008: 60). Nas Orientações é analisada a dicotomia valor cultural X valor estético, não como uma oposição, mas numa relação de complementação do que seriam algumas das funções da literatura (Orientações Curriculares para o Ensino Médio, 2008).

Outro ponto evidenciado pelos dados é que existe, em grande parte, um desconhecimento dos professores do que se produz em termos de literatura no Distrito Federal, traduzido muitas vezes pela maneira como é feita a “seleção do que se deve ler na escola”, quase sempre um olhar voltado ao que vem de fora ou à literatura canônica:

Professor 19 (Fundamental 2) – Infelizmente não chega até nós esse material e, sinceramente, não sei dizer o porquê dessa ausência. Mas tiro minhas conclusões, não sei se precipitadas ou não, entretanto acredito que falta interesse dos responsáveis por isso. Preocupa-se e muito com a literatura de outros estados e se abandona a nossa, ou seja, a velha máxima: santo de casa não faz milagres.

Professor 67 (EM) – Acredito que a ausência ocorre devido a tradição imposta que envolve o estudo e a leitura daquelas obras consideradas clássicos e tradicionais, fazendo com que o envolvimento dos professores e, conseqüentemente, dos alunos com a literatura produzida na cidade fique em segundo plano.

A fala do Professor 19 chama a atenção por abordar uma questão também levantada pelos autores brasileiros: o ofuscamento da literatura local em detrimento da literatura que vem de fora, principalmente a que circula nos estados em que se plantam as grandes editoras. O parágrafo 2º do artigo 235 da Lei Orgânica, que prega a obrigatoriedade da literatura brasileira, de certa forma, atenderia à demanda do artigo 26 da LDB, que assinala a necessidade de valorizar as características regionais e locais da sociedade, da cultura e da economia da clientela atendida.

Já a fala do Professor 67, retoma a discussão sobre o lugar dos clássicos na leitura literária, uma vez que na percepção desse professor, assim como na de muitos

outros, a literatura local é desprestigiada pela forma como a escola lida com a leitura das obras tradicionais, sem, muitas vezes, abrir-se espaço para textos com qualidade estética comprovada, mas que, por fazerem parte do rol da produção local, ficam à margem do processo de seleção das obras literárias que chegam aos alunos. Nesse sentido, podemos recorrer à reflexão trazida, mais uma vez, pelas Orientações Curriculares para o Ensino Médio:

Qualquer texto escrito, seja ele popular ou erudito, seja expressão de grupos majoritários ou minorias, contenha denúncias ou reafirme o status quo, deve passar pelo crivo que se utiliza para os escritos canônicos: Há ou não há intencionalidade artística? A realização correspondeu à intenção? Proporciona ele o estranhamento, o prazer estético? (Orientações Curriculares para o Ensino Médio, 2008: 57)

De modo geral, nota-se que as justificativas mostram que existe um problema em relação à questão do reconhecimento do trabalho dos artistas locais, uma vez que os depoimentos dos professores explicitam como se dá o trânsito da leitura literária no ambiente escolar. A partir da fala dos docentes, é possível perceber que, muitas vezes, o próprio professor não tem clareza do papel da literatura no processo de formação do cidadão e não consegue, até por lacunas na formação, lidar com a leitura literária em sala de aula, ainda mais lidar com a seleção de obras locais, que, na maioria dos casos, são desconhecidas nos próprios centros formadores desses profissionais:

Professor 11 (EM) – A discussão sobre a literatura local é ausente com os professores. Além disso, os professores não leem os PCNs, que sugere a valorização da cultura local.

Professor 02 (Fundamental 1) – Sou altamente favorável, mas há uma certa deficiência quanto à formação dos próprios professores e falta incentivo dos dirigentes.

Professor 51 (EM) – Provavelmente a raiz do problema esteja na universidade, onde deveria haver a divulgação do trabalho desses autores. Depois, com certeza, chegariam às escolas.

Nota-se na fala dos professores que a leitura literária ainda é relegada a segundo plano nas aulas de língua portuguesa. O professor fica à mercê do vasto conteúdo a ser ministrado, muitas vezes, determinado pelos livros didáticos.

Professor 36 (Fundamental 2) – Não tenho acesso a autores locais; e os livros trazem autores nacionais e os mais conhecidos.

A relação dos professores com os livros didáticos merece um olhar mais cuidadoso, uma vez que ela evidencia o despreparo de uma grande parcela dos docentes para lidar com a leitura literária de forma mais criativa e independente da abordagem trazida pelos manuais, que acabam por cumprir a função de referência curricular, sem contribuir para a formação de um leitor literário autônomo.

O livro didático, como lembramos anteriormente, pode constituir elemento de apoio para que se proceda ao processo de escolha das obras que serão lidas, mas de forma alguma poderá ser o único. Os professores devem contar com outras estratégias orientadas de procedimentos, guiando-se, por exemplo, por sua própria formação como leitor de obras de referência das literaturas em língua portuguesa, selecionando aquelas cuja leitura deseja partilhar com seus alunos (Orientações Curriculares para o Ensino Médio, 2008: 65).

Outra questão evidenciada pelos professores é que a literatura local tem maior possibilidade de circulação no Ensino Fundamental, principalmente nas séries iniciais, momento em que o professor abre um pouco mais de espaço para o lúdico, para o prazer de ler, convidando o aluno a conhecer o mundo e reconhecer-se no mundo.

Professor 24 (EM) – Há maior empenho em trabalhar com tal literatura nos ensinos infantil e fundamental. Há inclusive a prática de promover encontros entre autores e alunos desses níveis de ensino. Parece-me interessante analisar a presença ou ausência dos autores brasileiros, considerando as peculiaridades de cada nível de ensino. Talvez, o ensino médio exija um universo diferenciado de leitura.

A maior inserção da literatura produzida no Distrito Federal no Ensino Fundamental do que no Ensino Médio evidencia o registro da diferença que existe na abordagem dada ao ensino da literatura nos diversos segmentos da educação básica. Isso porque, nas séries finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio, o estudo ganha um caráter mais técnico, teórico, com necessidades mais imediatas e delimitadas, como a preocupação com os conteúdos programáticos a serem vencidos, contemplados no vestibular, e as obras recomendadas pelo Programa de Avaliação Seriada (PAS)²⁰, no caso específico da Universidade de Brasília.

Professor 44 (EM) – Nossa escola trabalha a literatura voltada para a indicação das obras do PAS-UnB. Fazemos a leitura em sala de aula, projetos, atividades orientadas buscando ler as seis obras literárias do PAS ao longo do ano letivo. O PAS até o momento também não indicou nenhuma obra de autores brasileiros.

Professor 59 (EM) – Há pouca ou quase nenhuma divulgação. O PAS também não faz a opção por escritores brasileiros. Como o aluno do ensino médio se preocupa muito com o vestibular, o professor trabalha pensando na aprovação do aluno no processo seletivo.

Como o PAS traz em cada subprograma a recomendação de um conjunto de obras a serem trabalhadas, a maioria dos professores restringem a seleção de obras a

²⁰ O Programa de Avaliação Seriada foi instituído na Universidade de Brasília por meio da Resolução da Reitoria n.º 032/95, de 27/3/95, com a proposta de, atendendo a uma demanda da LDB, permitir ao estudante do ensino médio o ingresso no ensino superior de forma gradual e progressiva por uma dinâmica composta de três avaliações realizadas ao término de cada série do ensino médio.

serem lidas em cada série àquelas indicadas pelo processo seletivo, vetando, assim, a entrada oficial da produção literária local.

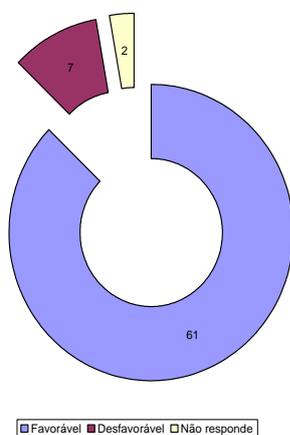
A segunda parte da pesquisa foi diretamente relacionada ao entendimento e opinião dos professores acerca do parágrafo 2º do artigo 235 da *Lei Orgânica do Distrito Federal*.

Professor 43 (EM) – A literatura é uma área do conhecimento que desenvolve, no ser humano, sua capacidade de interpretação do mundo em que vive e ajuda a entender como é o pensamento do homem de diferentes épocas. Desenvolve o cognitivo não só nas artes, mas também em outras ciências humanas tais como: filosofia, história e sociologia. Por isso, é necessário que se desperte no estudante o gosto pela literatura, o saber da existência de uma lei que regulamenta esse ensino é a garantia de que os seus conteúdos serão trabalhados em sala de aula.

Dos setenta entrevistados, sessenta e um se posicionam como favoráveis a essa literatura na escola; sete não concordam com a indicação da literatura do Distrito Federal nas escolas; dois não responderam.

Gráfico 5

Posicionamento de professores a respeito da obrigatoriedade do ensino de literatura brasileira nas escolas.



Observa-se que, apesar de muitos não conhecerem o texto, a maioria absoluta dos professores da rede oficial de ensino reconhece a sua validade e importância uma vez que representa a garantia da leitura da literatura na escola, além de compreendê-la como importante elemento formador da identidade local:

Professor 69 (Fundamental 1) – Acredito que todo tipo de literatura seja importante na construção do aprendizado e história de vida de

nossos alunos. E as dos autores brasileiros só viriam a contribuir para a construção de nossa identidade cultural.

Professor 12 (EM) – É indiscutível a necessidade de se trabalhar as variantes da língua\fala, da geografia, da história e da cultura de um povo. Nesse sentido, o estudo desses aspectos na região em que o educando se encontra é uma forma de ele compreender o que já aconteceu, como está, e formar uma visão crítica, podendo contribuir para mudanças futuras. A expressão, a literatura local precisa ser mais lembrada, ensinada e reconhecida nas escolas. A partir do momento em que o aluno conhece e compreende a realidade que o cerca, poderá compreender melhor o mundo em que vive. Dessa forma ele atuará de forma participativa e crítica, podendo ele ser um escritor a difundir essas idéias.

A fala do professor 12 traduz de forma clara o ideal pregado pela lei orgânica e vai ao encontro tanto do que se tem nos PCNs quanto nas Orientações Curriculares para o Ensino Médio, no sentido de contextualizar os conteúdos escolares com as características regionais e locais. Conforme se encontra nas Orientações curriculares para o ensino médio: “dar espaço para a verbalização da representação social e cultural é um grande passo para a sistematização da identidade de grupos que sofrem processos de deslegitimação social” (Orientações Curriculares para o Ensino Médio, 2008: 142).

A literatura, assim, faz-se um bom exemplo do simbólico verbalizado. Desse modo se estabelece uma forte relação entre a leitura da literatura produzida na cidade e a formação do cidadão brasileiro ao se considerar que o contato com a literatura aqui produzida mostra a forma como a cidade é vista, seus cenários, a forma como o homem brasileiro vê ou não vê o mundo e a cidade, como Brasília está inserida na brasilidade.

Entretanto, ao longo da análise dos questionários, fica evidente que, ao se pedir a justificativa de tal posicionamento favorável, os professores não se mostram à vontade para lidar com essa obrigatoriedade, confirmando que ela não garante a efetividade do trabalho com a literatura brasileira.

Professor 67 (EM) – A obrigatoriedade não é garantia de ensino. Há que se pensar em como divulgar a literatura brasileira e, primeiramente, envolver os educadores para que possam conhecê-la.

Professor 48 (Fundamental 1) – Pode incentivar e despertar o interesse pela literatura dos artistas locais, mas se for imposto pode causar o efeito contrário.

A Lei Orgânica e o projeto de lei encontraram forte contestação na figura do conhecido poeta Nicolas Behr, ao afirmar que literatura não deve ser imposta, como se fosse mais um imposto a ser pago:

*Pobre da literatura que precisa de um decreto para existir.
Literatura brasiliense é o Diário Oficial.*

*a poesia é necessária,
mas não é obrigatória.*

*se obrigatória, deixa de
ser poesia. passa a ser burocracia.*

(Behr, 2005: p. 07)

Assim como os autores entrevistados em outra etapa da pesquisa, alguns dos professores aparentam convicção de que um bom trabalho de divulgação seria muito mais eficiente do que a obrigatoriedade para o reconhecimento e consolidação da literatura do Distrito Federal.

Professor 05 (Fundamental 1) – A divulgação ajudaria muito mais que a obrigatoriedade da literatura brasiliense.

Professor 21 (Fundamental 1) – Sem a lei, os sistemas de ensino não lembrariam de ofertar esse tipo de literatura no espaço escolar. Entretanto, apenas a existência da lei não garante a sua prática, sem que haja suporte necessário a sua realização.

Outros percebem na lei a possibilidade de crescimento dessa literatura, uma vez que possibilitaria o acesso a um número muito maior de leitores que ela tem atingido ao longo dos seus quase cinquenta anos e contribuiria para a construção da identidade brasiliense e a conseqüente valorização da cultural local.

Professor 69 (Fundamental 1) – Acredito que todo tipo de literatura seja importante na construção do aprendizado e história de vida de nossos alunos. E as dos autores brasilienses só viriam a contribuir para a construção de nossa identidade cultural.

Professor 07 (Fundamental 2) – A medida que os alunos observem que próximo deles há obras significativas, que contemplem a sua realidade, haverá maior valorização da cultura local.

Professor 66 (Fundamental 2) – Oportunizar a leitura dos livros literários ou não é proporcionar momentos prazerosos em sala de aula. Conhecer a literatura local é levar o aluno a conhecer um pouco de suas raízes, de sua cultura.

Professor 52 (Fundamental 2) – Contribui para o reconhecimento e valorização da literatura auxiliando no processo de desenvolvimento crítico e intelectual do indivíduo.

Outra questão levantada pelos docentes é que a viabilidade de uma ação como a implementação da referida lei passa, antes de mais nada, por um trabalho de real sensibilização e formação dos professores, pois, sem isso, a concretização do trânsito da leitura da literatura produzida no Distrito Federal dificilmente iria adiante.

Aqui se faz necessária uma reflexão sobre a importância do professor leitor nesse processo, uma vez que ele será o mediador no trânsito da literatura entre os alunos. O que se nota, muitas vezes, é que o próprio professor que tem por função trabalhar a literatura em sala de aula não é um leitor literário proficiente. No caso da literatura brasileira, muitos desconhecem a existência de autores da cidade.

Professor 33 (Fundamental 2) – É muito importante oferecer também a literatura brasileira, mas num primeiro momento, deveria se fazer um trabalho de sensibilização para com os professores da rede para depois num segundo momento as outras etapas.

Professor 67 (EM) – O parágrafo é importante uma vez que especifica o artigo. Em relação à história da literatura brasileira, a efetiva continuação só ocorrerá se houver ampla divulgação e envolvimento dos educadores. Iniciar esse envolvimento na própria formação do educador poderia contribuir.

Diversos docentes apontam também a legislação como forma de ampliar o universo de produção literária do DF, pois, com a certeza de um público leitor, haveria o estímulo à melhoria da qualidade das obras produzidas pelos autores locais, além do fortalecimento do mercado editorial, até agora incipiente na cidade.

Professor 51 (EM) – Como a própria lei reza, o ensino da literatura do DF não só difundiria o fazer literário local, como também estimularia a ampliação do público leitor e, conseqüentemente, o surgimento de novos escritores.

Professor 08 (EM): Na verdade, não se sabe se os autores brasileiros são lidos em outros estados. Entretanto, nota-se que eles são pouco conhecidos nas escolas públicas dessa cidade. Por isso, se os educadores conseguissem valorizar a literatura brasileira, certamente o mercado editorial local seria fortalecido.

Professor 69 (Fundamental 1): Partindo dessa garantia, a certeza de que os autores teriam em ver suas obras apreciadas e reconhecidas, o que os motivaria a uma melhor produção literária.

Professor 43 (EM) – O descaso com a literatura é visível em todos os setores da sociedade, na medida em que os professores começam a trabalhar a literatura brasileira em sala de aula, a construção de sua história é promovida. Uma tradição literária aliada ao desenvolvimento intelectual fazem com que a difusão desses trabalhos e a aceitação das obras sejam notáveis entre professores alunos, e leitores em geral.

Pela análise dos questionários, o que se observa é que, apesar de o trabalho com a literatura brasileira ainda não ser uma realidade nas salas de aula das escolas da rede oficial de ensino do Distrito Federal, existe, pela receptividade dos professores, um terreno fértil para que essa literatura passe a chegar efetivamente aos alunos, passando estes a compor parte importante do público leitor dessa literatura.

Entretanto, para se levar a literatura brasiliense para a escola, não basta só a obrigatoriedade institucionalizada. Faz-se necessário o engajamento e preparo do professor, que deve ser também um leitor literário proficiente, disposto a inserir na sala de aula uma diversidade de textos, não só o cânone reconhecido, ou que é credenciado pelos livros didáticos, ou programas curriculares, ou dos processos seletivos.

É importante reconhecer que uma proposição como a do parágrafo 2º do artigo 235 da *Lei Orgânica do Distrito Federal*, como bem configurado pelos professores, será profícua não só para a ampliação do universo de contato dos alunos com a leitura literária, fomentando a formação de um leitor crítico, com a possibilidade de diálogo com os escritores locais, como também fator que contribuirá imensamente para a formação de vínculo com a cultura local, a permitir o fortalecimento da construção da identidade cultural e social do Distrito Federal.

4.A literatura em e de Brasília: construção do cânone

Ave Brasília

*Tanta
força*

*ecoa nos ares grita em luz
nos verdes no vento
destas asas desta nave*

*dorme
quieta
na urbe
sonhada*

Aglaia Souza

Na maioria das vezes, os critérios utilizados para se estabelecer um cânone não são explicitados de forma clara e objetiva. Exemplo disso é que, em grande parte das antologias organizadas, é comum evidenciarem-se pedidos de desculpas por parte dos organizadores pela omissão de nomes.

No caso desta pesquisa, foram utilizados dois critérios: um diacrônico / quantitativo, a partir da análise de obras de referência, e outro sincrônico/qualitativo, entrevistas com os autores e professores locais.

Para se estabelecer o quantitativo, foi feito um levantamento a partir das quarenta e duas antologias publicadas desde a época da construção da capital até o ano de 2008, além de duas obras teóricas vinculadas ao Departamento de Teoria Literária e Literaturas e da obra de Luiz Carlos Guimarães da Costa, *História da literatura brasiliense*, em que é feito o levantamento das antologias publicadas em Brasília desde o surgimento da cidade até a data de edição do livro, em 2005.

Para o cânone a partir de uma análise qualitativa, usaram-se como referências, num corte sincrônico, realizado às vésperas das comemorações dos cinquenta anos de Brasília, a opinião dos pares dos escritores brasilienses, ou seja, o pronunciamento de escritores brasilienses. Além desses, ainda fazem parte do critério qualitativo os depoimentos dos professores, uma vez que eles, tendo conhecimento das obras avaliadas como de valor, a partir do acervo da literatura brasiliense, poderão, se julgarem conveniente, mediar a relação dos estudantes com a literatura local.

Assim, à abordagem diacrônica (quantitativa) soma-se a abordagem sincrônica (qualitativa), usando-se, portanto, um critério pancrônico (diacrônico + sincrônico) da

seguinte forma: levantado o cânone brasileiro quantitativo e qualitativo dos primeiros cinquenta anos de história, só figurarão da listagem do possível cânone brasileiro os autores contemplados nos dois levantamentos.

4.1. Os autores brasileiros - Análise quantitativa

Guimarães da Costa (2005) contextualiza quatorze obras de conto, uma de crônica e quarenta de poesia. Isso já evidencia que o número de antologias poéticas se faz mais expressivo.

A crescente valorização da poesia se confirma pela divulgação dos dados da 2ª edição da pesquisa *Retratos da leitura no Brasil*²¹, de 2008, em que o gênero se encontra na quinta posição entre os mais lidos no país, representando 28% da preferência dos leitores brasileiros.²² Ao se analisar o público do gênero por idade, nota-se que a poesia representa a preferência de 41% dos jovens leitores de 11 a 17 anos, maior público leitor de poesia segundo o censo de leitura de 2008.

Antônio Miranda, um dos grandes poetas da cidade, Diretor da Biblioteca Nacional de Brasília e Coordenador da *I Bienal Internacional de Poesia de Brasília*, afirma, em entrevista, que é impossível não reconhecer a expansão e vitalidade que o exercício poético vem apresentando na sociedade contemporânea, apesar da falta de apoio oficial e sem o aparato da infra-estrutura da grande indústria editorial nacional que não se interessa pelo gênero literário, poesia.

Daí ter-se escolhido como universo de pesquisa tais antologias de poesia, além da obra de Guimarães da Costa (2005), pela relevância do levantamento feito para o registro histórico da produção literária local. Acrescentam-se, também, as duas antologias produzidas após a compilação feita por Guimarães da Costa, *Geografia Poética do Distrito Federal*, editada em 2007, organizada Ronaldo Alves Mousinho; *Deste Planalto Central...*, de 2008, organizada por Salomão Sousa. Além das obras

²¹ A pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* é promovida pelo Instituto Pró-Livro e foi lançada em 2001 e tem sido o principal estudo sobre o comportamento leitor no país. A segunda edição ocorreu no ano de 2008, com o objetivo de contribuir com governos, gestores, pesquisadores, empresários que tem alguma relação com as políticas públicas do livro e leitura e foi constituída de pesquisa quantitativa feita a partir da realização de 5012 entrevistas feitas a partir de 60 questões em 311 municípios nas 27 unidades federativas do Brasil, atingindo uma população estudada de 172.731.959 pessoas. (*Retratos da leitura no Brasil*, 2008. Disponível em http://www.cerlalc.org/redplanes/boletin_redplanes/documentos/Noticia1/Retratos_2008.pdf . Acesso em 07/03/2010.)

²² Pela ordem, tem-se antes da poesia na preferência dos leitores brasileiros os seguintes gêneros: Bíblia - 45%, Livros didáticos - 34%, http://www.cerlalc.org/redplanes/boletin_redplanes/documentos/Noticia1/Retratos_2008.pdf . Acesso em Romance - 32% e Literatura infantil - 31%. (*Retratos da leitura no Brasil*, 2008. Disponível em http://www.cerlalc.org/redplanes/boletin_redplanes/documentos/Noticia1/Retratos_2008.pdf . Acesso em 07/03/2010.)

poéticas, foram usados os textos *Brasília: duas tendências*, de José Roberto Almeida Pinto e *O cristal e a chama: a linguagem literária que traduz o objeto Brasília*, de Maria da Glória Barbosa, por serem as primeiras produções de expressão analítica/crítica acadêmica relacionada à poesia local.

4.1.1. A seleção do corpus

Conforme já referido anteriormente, para uma análise do que se configura um possível cânone da literatura brasiliense, foi feito um estudo bibliográfico quantitativo, das antologias, além de entrevista com artistas locais.

Nesses cinquenta anos, Brasília já possui um número elevado de escritores, com um grande volume de obras literárias publicadas o que, conforme constata Guimarães da Costa (2005), destoa da maioria das cidades do Brasil, talvez do mundo. Esses autores trazem uma mistura de sotaques brasileiros, oriundos dos mais diversos cantos do país que aqui se sedimentam dando à literatura da cidade características que começam a se esboçar como próprias, mas moldadas pelas origens regionais, delineando um fazer literário multifacetado, com tradição ainda incipiente, mas com evidente crescimento com o passar do tempo.

Na tabela em que se identificam todas as quarenta e duas antologias publicadas no Distrito Federal (Anexo 4), desde a primeira, *Poetas de Brasília*, organizada por Joanyr de Oliveira e publicada no ano de 1962, até a obra *Deste Planalto Central... Poetas de Brasília*, organizada por Salomão Sousa e lançada em 2008, durante a *I Bienal Internacional de Poesia de Brasília*, que ocorreu na Biblioteca Nacional de Brasília, tem-se um retrospecto da poética brasiliense editada até as vésperas da comemoração do cinquentenário da cidade.

O percurso da literatura na cidade passa por várias instituições que visam às iniciativas coletivas em relação à poesia local, desde a sua construção: a Associação Nacional de Escritores – ANE – que apresenta como critério para filiação ter ao menos uma obra publicada; a Academia Brasiliense de Letras, que introduz a noção de julgamento de mérito dos escritores candidatos a uma cadeira da entidade; o Sindicato dos Escritores do Distrito Federal, com o objetivo de agregar, de forma ampla, os escritores de Brasília. Além desses, a Academia de Letras do Brasil foi criada em 1982.

Em geral, observa-se que, ao longo dos anos, os organizadores de antologias estiveram, de alguma forma, vinculados a essas instituições, como é o caso de Joanyr de Oliveira (*Poetas de Brasília* – 1962, *Antologia dos poetas de Brasília* – 1971, *Brasília na poesia brasileira* – 1982, *Poesia de Brasília* – 1998 – e *Poemas para Brasília* –

2004), sócio fundador da ANE, que presidiu, até pouco antes de seu falecimento, além de Walmyr Ayala (*A novíssima Poesia de Brasília – 1962 – e Poetas novos do Brasil – 1969*), de José Santiago Naud (*Nem madeira nem ferro podem fazer cativo quem na aventura vive – 1986*), também sócio fundador da ANE, de Napoleão Valadares (*Planalto em poesia – 1986*), ex-presidente da ANE, de Salomão Sousa (*Em canto Cerrado – 1979 – e Deste planalto Central... Poetas de Brasília – 2008*), membro da ANE, de Nilton Maciel (*Grito, longo existo! – 1992 – e Alma gentil – novos poemas de amor – 1994*), membro da ANE, Ronaldo Alves Mousinho (*Brasília: vida em poesia – 1996 – e Geografia Poética do Distrito Federal – 2007*), diretor do Sindicato dos Escritores no DF, da Academia Taguatinguense de Letras e da Academia Ceilandense de Letras e Artes Populares, e de Menezes y Moraes (*Mais um: coletivo de poetas – 1994*), ex-presidente do Sindicato dos Escritores no DF.

Há também uma expressiva participação vinculada à classe do professorado²³ na edição de antologias. Daí se justificar a presença, na lista de antologias, de obras organizadas e publicadas pelo SINPRO/DF – Sindicato dos Professores do Distrito Federal (*Contos e Poesias de Professores – III Prêmio Sinpro – DF (1983)*, *Contos e Poemas – IV Prêmio Sinpro – DF (1984)* e *Contos e Poemas – V Prêmio Sinpro – DF (1985)*) e pela ASEFE – Associação de Assistência aos Trabalhadores em Educação do Distrito Federal (*Antologia de contos e poemas – ASEFE – Prêmio 1991*, *Antologia de contos e poemas – ASEFE – Prêmio 1993*).

São comuns também as antologias que tem a cidade como mote (*Brasília na Poesia Brasileira*, *Nem madeira nem ferro podem fazer cativo quem na aventura vive*, *Capital poems – 1989*, seleção feita Victor Alegria de poemas de autores da cena brasileira com tradução para o espanhol e para o inglês, *Brasília: vida em poesia e Poemas para Brasília*) ou que a homenagearam ao longo de sua história em datas comemorativas, como é o caso das coletâneas *Brasília – 25 anos*, de 1985, e das obras *Brasília: vida em poesia*, publicada em comemoração aos 36 anos da cidade, e *Geografia Poética do Distrito Federal*, uma prévia das comemorações do

²³ Em levantamento feito acerca da formação e ocupação profissional para traçar o perfil dos escritores brasileiros, Guimarães da Costa mensura que os professores constituem 45% do total de escritores, seguidos por 32% de funcionários públicos e 27% de jornalistas (COSTA, Luiz Carlos Guimarães da. *História da literatura brasileira*. Brasília: Thesaurus, 2005.). Segundo Antônio Miranda, em entrevista, hoje, boa parte dos que produzem poesia em Brasília estão vinculados ao meio acadêmico universitário. O autor cita como exemplo o caso dos professores do Departamento de Teoria Literária e Literatura da Universidade de Brasília Hermenegildo Bastos, Sylvia Helena Cyntrão e Alexandre Pillati.

cinquentenário da capital, pois, segundo o organizador, o Distrito Federal fez cinquenta anos em 2008, dois anos antes da construção de Brasília em si.

A poesia marginal tem como um de seus primeiros espaços na capital a antologia *Águas Emendadas*, de Francisco Alvim e Carlos Saldanha, em 1977, em seguida, faz-se presente nas antologias *8 POrrETAS (1978)*, *16 POrrETAS (1979)*, *20 POrrETAS (1980)* e *27 POrrETAS (1981)*.

Conforme se nota ao analisar a tabela que mostra a cronologia da publicação de antologias da poesia brasiliense (Anexo 4), tem-se na primeira década três obras publicadas, duas em 1962 e uma em 1969; na década de setenta, tem-se a publicação de uma obra em 1971 e uma sequência de quatro publicações a partir de 1978; as décadas de oitenta e de noventa aparecem como um período de intensa produção: quatorze obras em cada década, sendo que o único ano em que não se teve a produção de antologia poética foi 1999.

4.1.2. Análise dos dados coletados nas antologias

Pela análise das quarenta e quatro obras referidas no Anexo 4, chegou-se ao total de quatrocentos e vinte e seis autores com participação nas antologias ao longo dos cinquenta anos de produção poética no Distrito Federal.

Como critério para estabelecimento do cânone quantitativo, partiu-se do índice que aponta os dois poetas que mais apareceram em antologias, no caso Anderson Braga Horta e Joanyr de Oliveira, ambos com participação em 19 das 44 obras analisadas, correspondendo a 43% do total. Para se chegar à composição do cânone, foram considerados os autores que apareceram em 10%²⁴ ou mais das antologias, ou seja, cujos nomes apareceram em cinco ou mais vezes nessas coletâneas.

Assim, considerando apenas o quantitativo explicitado pela publicação em antologias (Anexo 5), o cânone de Brasília seria composto pelos seguintes nomes:

Listagem 1 – Autores nas Antologias

Anderson Braga Horta = 19

João Carlos Taveira = 09

Joanyr de Oliveira = 19

José Geraldo = 09

Ézio Pires = 15

Lina Tâmega P. Del Peloso = 09

José Santiago Naud = 13

Antônio Carlos Osório = 08

Cassiano Nunes = 12

Hermenegildo Bastos = 08

²⁴ Em qualquer levantamento estatístico, dessa ou de outra natureza, o percentual superior a 10% é sempre significativo e relevante.

Aglaiia Souza = 11	José Edson dos Santos = 08
Fernando Mendes Vianna = 10	José Helder Souza = 08
Henriques do Cerro Azul = 10	Luiz Martins da Silva = 08
Nicolas Behr = 10	Menezes y Moraes = 08
Esmerino Magalhães Júnior = 09	Wilson Pereira = 08
Elisete Soares = 07	Francisco Alvim = 05
Ronaldo Cagiano = 07	Francisco Pôrto-Arynomoró = 05
Afonso Félix de Sousa = 06	H. Dobal = 05
Berecyl Garay = 06	Hugo Mund Junior = 05
Climério Ferreira = 06	Lourdes Teodoro = 05
José Godoy Garcia = 06	Maria de Lourdes Reis = 05
Júlio César Meirelles = 06	Maria Sophia Bezerra Vannutelli = 05
Luís Turiba = 06	Marly de Oliveira = 05
Nilto Maciel = 06	Napoleão Valadares = 05
Alan Viggiano = 05	Stela Maris Rezende = 05
Chico Porto = 05	Terezy Godói = 05
Cristina Bastos = 05	Valdir de Aquino Ximenes = 05
Eudoro Augusto = 05	Vera Americano = 05
	Yone Rodriguês = 05

4.2. Os autores brasileiros – Análise qualitativa

A segunda parte da análise da configuração do que se pode chamar de possível esboço do que se propõe como cânone da literatura brasileira, até o final de 2009, constitui a parte da leitura e transposição crítica das entrevistas feitas com autores da cena cultural da cidade, pautadas em roteiro de perguntas apresentado no Anexo 1.

Ao todo, foram entrevistados quatorze vultos, ao longo do ano de 2009, a saber:

Aglaiia Souza
 Alexandre Pilati
 Anderson Braga Horta
 Antônio Miranda

Dora Duarte
Joanyr de Oliveira
Gustavo Dourado
Luís Turiba
Maria da Glória Barbosa
Mário de Castro
Napoleão Valadares
Nicolas Behr
Ronaldo Mousinho
Simão de Miranda

A partir da análise das entrevistas, chegou-se aos seguintes pontos levantados pelos autores.

4.2.1. Marcas da literatura brasiliense hoje

Um dos questionamentos feitos nas entrevistas girava em torno da nomenclatura Literatura Brasiliense. É usual entrar-se na discussão se já se pode – ou não – falar em literatura *de* Brasília ou se o que se tem é literatura *em* Brasília.

É um ponto controverso para a maioria dos autores entrevistados. Na observação de Ronaldo Mousinho, não há, talvez, uma literatura do Distrito Federal por não haver tempo ainda de se apontar uma literatura configurante como própria, pois ainda se está na segunda geração de Brasília. Entretanto, a própria arquitetura da cidade convida, principalmente o poeta, a escrever a respeito desse espaço, o que tem se mostrado como uma marca da produção literária local, como demonstra a análise de Maria da Glória Barbosa.

Joanyr de Oliveira compartilhava dessa preocupação, ao afirmar que um trabalho minucioso em literatura requer tempo e apuramento, por isso não se pode comparar a literatura aqui produzida com a literatura produzida no Rio de Janeiro ou em São Paulo, pois só se tem cinquenta anos de produção comparado a, pelos menos, três centenas de anos. Entretanto, não se pode deixar de observar que aqui já se tem uma produção que pode ser considerada madura, desde o início, feita por pessoas que vieram ajudar, de alguma forma, na construção da cidade e que depois foram embora ou aqui ficaram.

O jovem poeta brasiliense Alexandre Pilati reconhece que a poesia brasiliense tem, sim, existência própria por apresentar características locais que a cruzam com

outros traços nacionais; no entanto, reconhece também que a realidade local é diferente da dos outros estados principalmente por conta de Brasília não ser só uma cidade nova, mas um estado novo. Assim, a cidade teve que construir sua literatura junto com a sua constituição como nova capital do Brasil. Pilati visualiza o jeito especial de sentir a solidão como uma das marcas da literatura local.

Segundo Maria da Glória Barbosa, para definir literatura brasiliense, é preciso definir, antes, um cidadão brasiliense, o que representa uma difícil tarefa, a considerar que agora que se está numa segunda geração nascida na cidade. Apesar disso, Brasília já tem aspectos peculiares que permitem reconhecer elementos da sua identidade, a vê-la como um espaço diferente. A própria configuração urbana já determina as características das pessoas que vivem aqui. A cidade não foi crescendo, ela já veio plantada no meio do cerrado, já veio na diversidade, que já nasce cosmopolita e na multiplicidade (gente de todos os lugares do Brasil).

Na percepção de Antonio Miranda, tem-se o recorte dos autores que tem uma expressão singular, que se relaciona com a temática dos valores da cidade. Existem autores que usam a literatura como forma de expressão e de interação, de confluência com o meio geográfico, com o meio ambiente.

Para o poeta Luís Turiba, um dos expoentes da ramificação poética que derivou da poesia marginal, não se pode ainda falar em uma literatura brasiliense, mas, sim, na existência de um grupo literário que faz literatura na cidade e que começa a se firmar, a amadurecer um texto que traz marcas diferentes das dos outros sotaques, adaptando as falas à realidade local. Na sua concepção, viver em Brasília é uma marca do núcleo literário local, mesmo com autores que não têm raízes cem por cento brasilienses, apesar de incorporarem a cidade a seu fazer poético.

Já Aglaia Souza afirma que se tem em Brasília um processo de aculturação, uma vez que se recebe muita coisa de fora que nem sempre apresenta qualidade superior ao que se tem na cidade. Para ela, é perceptível na literatura local marcas próprias, como a peculiaridade da paisagem humana, do clima. Isso ocorre, mesmo cada autor trazendo ainda marcas do seu lugar de origem. A próxima geração já deve trazer também marcas de fala e de hábitos tipicamente brasilienses.

A autora associa esse processo de aculturação às perdas das fronteiras que se tem na atualidade, opinião que encontra oposição na fala de Luís Turiba, uma vez que,

para este, a marca maior da literatura produzida na cidade é justamente essa perda de fronteiras que se tem na percepção de que o mundo cibernético é planetário.

O poeta levanta a questão problemática entre o local e o universal. Para Turiba, os problemas da humanidade são os mesmos, são universais. Não é somente uma questão geográfica, é uma questão de convivência, de criação da linguagem. Cita como exemplo seu poema *Bico da torre*, que refere uma torre que não necessariamente é a Torre de TV, um dos monumentos símbolos de Brasília, mas que poderia ser uma torre de qualquer cidade do mundo. Alude também à poesia de Nicolas Behr, poeta que aborda com frequência como temática de seus poemas a cidade, mas que não fala só da cidade. Fala do sentimento do mundo abordado, também, por Carlos Drummond de Andrade.

Nesse trânsito do local para o universal, a poesia marginal teve, na percepção de Turiba, um papel importante, uma vez que ela não tem origem brasiliense, mas foi incorporada à cidade por figuras que se destacaram inclusive no cenário nacional, como é o caso de Nicolas Behr, que hoje se destaca no circuito nacional, tendo, inclusive, sua obra *Laranja Seleta* classificada entre as dez melhores do país no ano de 2008, segundo o *Prêmio Brasil Telecom de Literatura*. Ou seja, fecha-se o círculo dialético do local para o universal, com a volta ao local.

O tom contestador da poesia marginal é nitidamente reconhecido, na percepção de Behr, sobre a constituição da literatura brasiliense. Para ele, essa expressão em torno do que seja literatura de e em Brasília é inócua, uma vez que, em entrevista, afirma que:

A expressão literatura brasiliense é *forçante*. É tão artificial quanto a cidade. Falar em literatura local representa uma visão fragmentada, não-holística. Literatura *em* ou *de* Brasília é uma discussão estéril e árida.

Outro a levantar essa relação entre o local e universal é o poeta Ronaldo Mousinho. Para ele, a literatura classicamente é universal e universalizante. Entretanto, quem mora numa cidade é tocado pelo que está à sua volta. No caso de Brasília, já se consegue visualizar uma correlação entre a linguagem e o universo circundante, pois o homem está configurado em seu tempo e só pode falar daquilo que ele vivencia. Para reforçar sua opinião, cita a conhecida frase de Tolstói: “Se queres ser universal, começa por pintar a sua aldeia”²⁵.

²⁵ A frase de Tolstói, coincidentemente, foi citada por outros quatro autores entrevistados: Nicolas Behr, Luís Turiba, Joanyr de Oliveira e Gustavo Dourado.

4.2.2. Levantamento dos autores que se sobressaem na literatura brasiliense

Observam-se duas visões ao se falar do que se configura como a produção literária local hoje. Uma tradicional, composta pelos artistas mais ligados à vertente da poesia classificada por José Roberto Almeida Pinto como “erudita”, que não reconhece o surgimento de nada tido como poesia de qualidade nos últimos tempos. Esse é o caso de Aglaia Souza, que afirma que até o número de inscritos em concursos, a exemplo dos promovidos pela ANE, e a qualidade do que se recebe mostra que não se tem novidades na cena poética brasiliense. Também Anderson Braga Horta diz que, na sua opinião, os mais novos autores de poesia em Brasília ainda podem ser considerados os poetas ditos marginais.

A outra é uma vertente mais aberta, como é o caso do poeta Nicolas Behr, que afirma que o deve ser compreendido como literatura de Brasília hoje é a poesia de jovens escritores que fazem um trabalho artístico de qualidade na cidade, citando como exemplo poetas como Francisco Caqui, Paulo Kauim, Carlos Augusto Pereira (Cacá), Paulo Dagomé e Manuel Jevan, com iniciativas como o *Tribo das Artes* e *Radicaís livres*. Em suas palavras: “Podem não agradar os finos ouvidos, mas tem que se romper com o que já foi institucionalizado”.

A partir das entrevistas, foram citados pelos autores locais como principais poetas do Distrito Federal os seguintes poetas:

Listagem 2 – Autores apontados pelos poetas nas entrevistas

Anderson Braga Horta = 11	Luís Turiba = 03
José Santiago Naud = 07	Francisco Alvim = 03
Nicolas Behr = 07	João Carlos Taveira = 03
Fernando Mendes Vianna = 07	Maria da Glória Barbosa = 03
Cassiano Nunes = 06	Antônio Miranda = 03
Ronaldo Costa Fernandes = 06	Marly de Oliveira = 03
José Godói de Garcia = 06	Muralha = 03
Joanyr de Oliveira = 05	Lourenço Cazarré = 02
Alphonso de Guimarães Filho = 05	André Giust = 02
Stela Maris Rezende = 04	Antônio Roberval Miketen = 02

Aglaia Souza = 04	Wilson Martins = 02
Ronaldo Cagiano = 04	Luís Martins = 02
Wilson Pereira = 04	Menezes Y. Moraes = 02
Lina Tâmega Del Peloso = 04	Sóter = 02
Ronaldo Mousinho = 04	Ézio Pires = 02
Gustavo Dourado = 04	Alan Viggiano = 02
Salomão Sousa = 03	Antônio Carlos Osório = 02
Napoleão Valadares = 03	Bic Prado = 02

Receberam uma única indicação os seguintes autores:

Adison do Amaral / Alexandre Pilati / Amneres / Angélica Torres / Ariel Marques / Augusto Rodrigues da Silva Júnior / Carlos Augusto Pereira (Cacá) / Carlos Marcelo / Carlos Saldanha / Ciro José / Clara Arreguy / Cristiane Sobral / Cyro dos Anjos / Dora Duarte / Emanuel de Medeiros Vieira / Eudoro Augusto / Fernando Marques / Flávio Kothe / Guido Heleno / Henrique do Cerro Azul / Hermenegildo Bastos / Jacinto Guerra / João Almino / José Anderson Vasconcelos / José Geraldo / Kido Guerra / Luci Watanabe / Lucília Garcez / Malba de Queiroz / Manoel Jivan / Margarida Patriota / Maria de Lourdes Teodoro / Nelson Carvalho / Newton Rossi / Nilto Maciel / Omar Brasil / Paulo Dagomé / Paulo Kauim / Renato Russo / Reynaldo Jardim / Rosângela Vieira / Sylvia Cyntrão / Tião Varela / Viriato Gaspar / Yolanda Jordão / Yone Rodrigues /

4.2.3. Circulação e público-alvo da literatura brasileira

Ponto comum nas entrevistas é a frustração que a maioria dos autores apresenta ao não ver sua obra circular, ao notar que a literatura produzida fica restrita a um público específico, na maioria das vezes, constituído pelos próprios autores e pessoas da cena cultural literária.

Maria da Glória afirma que muitas vezes os autores só conseguem circular entre os próprios pares, principalmente nos lançamentos. Ela comenta a falta de espaço para a literatura local nas livrarias da cidade, preocupação compartilhada por Napoleão Valadares que confirma que, nem em consignação, as grandes livrarias costumam receber as obras de autores locais. A poetisa Dora Duarte lembra que muitas vezes o que se arrecada com a venda mal cobre os gastos com o evento de lançamento.

Joanyr já se referia que a circulação das obras se dá na promoção de lançamentos – escritores vendem 40/50 livros. Os outros leitores são alcançados pelo envio direto de obras por parte do autor. Essa questão também é abordada por Anderson Braga Horta ao afirmar, em entrevista, que o trabalho de divulgação fica por conta do autor:

Quem consome? Os consumidores de minha obra são as pessoas para quem eu mando os meus livros. Ou pela internet, por contato comigo ou pela editora. Aqui em Brasília ainda é possível, nos lançamentos, em algumas bibliotecas, mas fora daqui, eu mando para bibliotecas. Fora isso, se alguém tiver interesse vai ter que procurar a editora ou a mim. O que reduz a quase zero a possibilidade de difusão da obra da gente. A motivação não é a financeira, mas vender livros é importante para o autor.

Na opinião de Anderson Braga Horta, um elemento colabora para a falta de divulgação da literatura: a perda de espaço da literatura nos veículos de comunicação em geral, principalmente porque a crítica literária não existe nem em Brasília nem em nenhum lugar do Brasil. Brasília tem uma página literária, cada vez mais reduzida, onde se encontram raros ensaios, e isso não é institucional. Não há suplementos literários, e sim suplementos culturais, em que a literatura entra na coluna das obras mais recentes ou nos mais vendidas.

Horta lembra também do espaço que tem sido dado aos jornalistas, uma vez que a eles é ofertado mais lugar nos parques ambientes de circulação da literatura do que o atribuído à crítica especializada. Lembra que isso, na verdade, faz parte do contexto de produção literária no Brasil e afirma que quem “escreve em jornal tem mais chance de publicar e ser lido, haja vista os casos de Machado de Assis e Drummond”.

Essa opinião é compartilhada por Joanyr de Oliveira: raramente suplementos literários publicam algo da literatura local, ao contrário do que ocorre em outros estados, como o Rio Grande do Sul, em que autores locais encontram constante espaço na mídia impressa. Ele ressalta o destaque que alguns jornalistas têm como autores de literatura. Segundo dados da obra *História da Literatura Brasiliense* (2005), 17% dos poetas analisados se dedicavam profissionalmente ao jornalismo.²⁶

Aglaia Sousa afirma que hoje um dos grandes facilitadores para publicação e divulgação da literatura local é o FAC – Fundo de Amparo à Cultura. O FAC foi criado em 1991, com finalidade de prover recursos a para a difusão e incremento de atividades

²⁶ Em 2008, foi apresentado na forma de monografia final do curso de Comunicação Social – habilitação em Jornalismo – intitulada *JORNALISTAS PODEM SER ESCRITORES? 21 entrevistas brasilienses*, estudo feito pela aluna Marcela Heitor de Andrade sobre os escritores jornalistas de Brasília, que, por meio de entrevistas, é analisada a produção literária dos jornalistas do Distrito Federal.

artísticas e culturais. A partir de 2008, foi aprovada pela Câmara Legislativa do Distrito Federal a lei que regula que, no mínimo, 0,3% da Receita Corrente Líquida – soma de todos os valores arrecadados pelo tesouro do DF – serão destinados a projetos inscritos no Fundo.

Assim, pela Lei Complementar No. 267, de 15 de dezembro de 1999, fica determinado que:

Art. 1º Fica instituído o Programa de Apoio à Cultura - PAC, com a finalidade de captar e canalizar recursos para:

I - proporcionar a todos os cidadãos os meios para o livre acesso às fontes de arte e cultura e o pleno exercício dos direitos artísticos e culturais;

II - preservar, apoiar, valorizar e difundir o conjunto das manifestações culturais do Distrito Federal e seus respectivos criadores;

III - preservar os bens materiais e imateriais do patrimônio artístico, cultural e histórico do Distrito Federal;

IV - priorizar o produto artístico e cultural do Distrito Federal.(...)

Art. 4º Os projetos artísticos e culturais referidos nesta Lei Complementar compreendem, entre outros, os segmentos:

I - música;

II - artes cênicas;

III - produção fotográfica, discográfica, videográfica, e cinematográfica;

IV - artes plásticas;

V - literatura, inclusive obras de referência;

VI - folclore e artesanato;

VII - patrimônio cultural, histórico, arquitetônico, arqueológico, bibliotecas, museus, arquivos e demais acervos;

VIII - rádio e televisão educativos e culturais, sem caráter comercial[Grifo acrescentado].

Atualmente, o FAC tem representado um dos meios mais eficientes de propagação da literatura local. Entretanto, segundo Aglaia Souza, o processo é burocrático e demorado. No entanto, na maioria das vezes, quando a obra é publicada, pode-se afirmar que o programa contribui para a formação e consolidação de um público leitor da literatura do Distrito Federal, uma vez que 10% da publicação fica no FAC para distribuição em escolas e bibliotecas, além do compromisso que o autor contemplado tem de fazer palestras. Anderson Braga Horta também reconhece importância de o FAC estar retomando uma prática antiga: exigir como contrapartida a publicação das obras palestras feitas pelos autores, o que permite um maior contato desses com a população em geral.

Luís Turiba relembra que um dos principais espaços de circulação da poesia local foi a revista *Bric a Brac*, que, durante os seis anos de circulação, com um exemplar anual, tornou-se uma referência nacional em termos de material literário após a abertura democrática. Essa revista dialogou com as vanguardas e outras expressões artísticas a partir do contato com personalidades como Augusto de Campos, José Mindlim e Paulinho da Viola. Na percepção dele, hoje, a poesia brasiliense é marcada por algumas iniciativas de grupos a exemplo de *Oi poema*, que se reúne para fazer recitais, como o evento intitulado *A barca poética*, em que se apresentaram poetas Nicolas Behr, Cristiane Sobral, Bic Prado e Amneres.

Antonio Miranda também reconhece a importância dos agentes culturais locais como propagadores da literatura. Para ele, quem promove a literatura há 40 anos são pessoas como Vitor Alegria, Alex Cojerian, Angélica Torres e Sóter.

Foram citados pelos outros autores entrevistados nomes como Menezes y Morais, Ronaldo Cagiano, João Almino, Jones Scheneider, Marco Antunes e Alexandre Marino. Foram referidos também como importantes fomentadores da circulação da Literatura Brasiliense o FAC e editoras locais, como a Thesaurus e a LGE, além dos eventos promovidos pela Câmara Distrital do Livro, Biblioteca Nacional, Câmara dos Deputados, Biblioteca Demonstrativa de Brasília e pela ANE.

Os entrevistados ainda aludiram a projetos envolvendo literatura ao longo, principalmente, das últimas duas décadas, tais como *Literatura em conjunto*, *Encontro com a palavra*, *Poesia no ônibus*, *Estante do escritor*, *Real Expresso da Cultura*, *Almoço com o escritor*, *Grupo Oi Poema*, *Viva o verso*, *Barca Poética*, *Terças Crônicas*, *Tribo das Artes*, *Coletivos de Poetas*, *Poemação*, *Tributo ao Poeta e Radicais livres*, além de eventos promovidos por iniciativas individuais de artistas locais.

Um ponto abordado também é a supervalorização da literatura produzida pelos autores que circulam no Plano Piloto em relação aos artistas das comunidades do entorno. Maria da Glória aborda essa divisão ao remontar à distribuição de classes que houve à época da construção da capital com a criação das cidades satélites, o que já representou uma divisão social. Na sua percepção, há, hoje, se considerarmos Brasília além das fronteiras do Plano Piloto, várias cidades dentro de uma cidade. E isso se reflete na literatura, uma vez que se nota que as manifestações artísticas produzidas no Plano Piloto são mais contidas. Ressalta como exceção a poesia de autores como

Nicolas Behr e Turiba, dois dos poetas entrevistados que também chamam a atenção para a pouca valorização da literatura produzida fora das asas do avião.

Segundo Behr, algumas das manifestações literárias de maior valor hoje no Distrito Federal vêm das satélites, com produções como as de artistas como Muralha e Manuel Jevan, de Ceilândia, Carlos Augusto Pereira (Cacá), de Taguatinga, e Paulo Dagomé, de São Sebastião.

O poeta Gustavo Dourado afirma existir um *apartheid* cultural na literatura do Distrito Federal, uma vez que, em sua opinião, não há espaço para quem não é da “patota do Plano Piloto”. Ele questiona que: “Quem vive no ar refrigerado não conhece a literatura do Distrito Federal”. Segundo o poeta, isso é reforçado pela falta de espaço que os poetas que não fazem parte do círculo literário oficial têm na mídia. Para Dourado, uma forma de democratizar a circulação da literatura se faz pela proposta de regionalização das verbas do FAC, que têm ficado concentradas no Plano Piloto.

Assim, percebe-se que uma das maiores reivindicações dos poetas da cidade diz respeito à falta de abertura que eles têm para dinamizar o trânsito da poesia local na universidade e na imprensa.

Em 1999, foi publicada uma reportagem no Correio Braziliense que representava um dos poucos eventos que teve como pano de fundo a poética de Brasília. Os poetas, na maioria anônimos, que transitavam pelo universo da poesia local sem serem reconhecidos pelo público maior e que tiveram a sua poesia avaliada pelo professor doutor Hermenegildo Bastos.

O jornal se prontificou a receber poemas de 48 poetas, os quais passaram pelo “crivo” da academia na figura do professor Hermenegildo, para quem matéria de poesia há em toda a cidade: “É disso que os poetas precisam. Brasília, arquitetura nova, geografia velha, de país também velho, de quantos 500 anos!” Para ele, os poemas tendem ao modernismo, rompem com a tão prestigiada estrutura parnasiana que aqui sempre esteve presente, e gritam que Brasília não é a ilha da fantasia, isolada do país, que a vida aqui pulsa além dos monumentos e que já apresenta uma matéria poética própria: “o jeito de pensar e sentir, sofrer, indignar-se, enternecer-se. Afinal, Brasília foi construída, pedra a pedra, pelos poetas. A poesia humanizou a cidade áspera e seca. Tornou-a habitável.” Ao final do artigo, Bastos (1999) é incisivo em afirmar que iniciativas como a do jornal Correio Braziliense sejam talvez mais importantes que uma

lei tornando obrigatório o ensino de literatura de Brasília nas escolas, fazendo referência ao Projeto de Lei nº 464/99.

4.2.4. Participação da escola como público leitor

Observa-se como unanimidade entre os autores entrevistados o reconhecimento da falta de contato entre os artistas locais e as instituições de ensino, confirmando o que já se percebe na fala dos professores: a literatura brasiliense não chega à escola. Para a maioria, esse contato é incipiente e não institucionalizado.

Nicolas Behr é um dos autores que tem mais trânsito dentro do ambiente escolar. Isso se dá num trabalho quase corpo a corpo, em que o autor leva a sua obra e centraliza debates e discussões acerca de sua produção poética. Os outros citam atividades isoladas e esporádicas, como é o caso de Aglaia Souza, que afirma receber convites para ir a escolas falar sobre sua obra, e Dora Duarte, que diz que o contato com a escola parte mais de uma demanda do professor que busca alternativas metodológicas para trabalhar literatura, do que o conhecimento da obra de um determinado autor. Segundo ela, é comum ser convidada para participar de eventos literários em escolas, mas relacionados à produção literária dos alunos, como a participação em comissões julgadoras, afirmando ser constantemente abordada por professores que buscam alternativas metodológicas para trabalhar com a literatura, não sendo o foco principal a sua produção literária.

Ronaldo Mousinho lembra que os poetas brasilienses já foram e são trabalhados nas escolas de forma incipiente, como no projeto *Leitor Criador* (década 80-90), em que a obra de um autor era distribuída aos alunos e depois este ia à escola pra discuti-la.

Para Alexandre Pilati, essa falta de contato da literatura com a escola passa por uma questão mercadológica: esta constitui um grande mercado e as editoras estão atentas a esse fato. Essa opinião é compartilhada por Anderson Braga Horta

Turiba afirma que o circuito literário de Brasília hoje é marcado por encontros, como o promovido pelo grupo *Oi poema*, e que vai chegar o momento em que o Estado, o governo, vai tomar consciência e introduzir esse grupo nas escolas. A escola é um ambiente receptivo, mas a acolhida do escritor é um processo, tal qual ocorreu com como a inserção de autores reconhecidos no conjunto da produção nacional: Drummond ou Bandeira. A Secretaria de Educação, ainda conforme exposição de Turiba, não teve a iniciativa de fazer uma antologia de poetas de Brasília, mas, na concepção desse artista,

deve-se fomentar uma discussão sobre o fato de o jovem se encantar pela literatura, do diferente, como se fazia na Bric a Brac.

4.2.5. A relevância do artigo 235 da Lei Orgânica do Distrito Federal

Para Napoleão Valadares, a lei orgânica deveria estar em vigor, em execução. Na sua visão, isso “é importantíssimo para todos, principalmente para os alunos, pois traria um conhecimento direto e maior da literatura ao estudante.”.

Ainda segundo Valadares, a obrigatoriedade do ensino da literatura colocaria um aluno brasiliense em contato com a produção literária de seu contexto e possibilitaria maior vontade de conhecer, na literatura: “um autor da minha terra”. Haveria um interesse maior por conta da identificação com o local. Em suas palavras:

A poesia fica relegada atualmente a um local secundário pelo aluno. Ele se sente cada vez mais distante dela porque não a vê como uma coisa concreta. Se o aluno soubesse que tem autores perto dele que produzem possibilitaria a dessacralização da literatura, atrairia para perto do aluno.

Alexandre Pilati afirma que existe preconceito em relação à literatura feita na cidade e que a obrigatoriedade pode criar a oportunidade de conhecimento e, conseqüentemente, destruição desse preconceito. Entretanto há de se considerar um agravante para o êxito de tal processo: nossos professores não leem. Logo, faz-se necessário fomentar o contato dos autores com os professores, já que estes são os verdadeiros formadores de leitores. Sem a participação efetiva do professor, a lei torna-se uma obrigatoriedade vazia, uma vez que é necessário fazer com que o professor e a comunidade escolar vejam algo maior que a obrigação. A lei representa uma ação do governo, mas quem faz história são as pessoas de carne e osso. Para ele, “sem livros e pessoas vivas, a lei é ‘letra morta’”.

Na opinião de Luís Turiba, a Lei Orgânica é apenas mais uma lei. Para que o artigo em questão cumpra ao que se propõe, depende de um outro tipo de compreensão, quase cultural, que o governo e a Secretaria de Educação não têm. A legislação ainda não é uma demanda do conjunto do segmento da educação, porque somente agora esse tipo de produção literária começa a ser absorvido e estudado pela academia. Não é ainda curricular para o sistema universitário, faculdades de Letras.

Anderson Braga Horta associa a implementação do projeto de lei à possibilidade de ampliar o público leitor e, conseqüentemente, o consumidor real da literatura local. Em suas palavras:

Não sou um paladino engajado, mas se isso fosse implementado seria interessante. O autor brasileiro não é lido na escola porque os autores não são publicados em maior escala. Se a lei fosse implementada, haveria um incentivo ao consumo e ampliaria o parque editorial. É um círculo. Os escritores aos quais se pode chamar de brasileiros e que têm alguma visibilidade na escola não são reconhecidos por serem de Brasília, mas por terem visibilidade nacional. Parece bairrismo, mas influenciaria na ampliação do parque editorial.

Para Maria da Glória Barbosa, falar da literatura local na escola enriqueceria o repertório cultural dos alunos, além de se mostrar como um importante elemento de afirmação da identidade. Em entrevista, ela afirma que, para os alunos,

é mais estimulante ler uma coisa que faça parte do seu universo, que se tenha um referencial da cultura em que a criança está imersa. Não que não tenha que se ler o que é universal. É por meio da literatura que a criança vai tomar contato com a cultura em que ela está imersa, com o meio ambiente, o cenário, até com a arquitetura. Além disso, é importante que os alunos leiam coisas que estejam relacionadas ao que eles estão vivendo. É questão de identidade, de se reconhecer ali.

Antônio Miranda assegura que a lei se mostra ineficaz e que não vai dar em grande melhoria para a divulgação da literatura aqui produzida. Entretanto, não deixa de reconhecê-la como um ponto de reforço. Afirma que pode ser bem ou mal utilizada, uma vez que, com ela, seria necessário um criterioso trabalho de seleção dos autores que realmente deveriam chegar à escola pela qualidade literária²⁷, e não por imposição política ou mercadológica.

Aglaia Souza reconhece a necessidade de renovação. Segundo ela, os autores antigos estão falecendo, mas poucos nomes novos têm surgido. Daí a necessidade de uma maior preocupação com a circulação da literatura brasileira nas escolas para que se forme um novo público leitor e os novos escritores.

Para Gustavo Dourado, a lei possibilita que os alunos conheçam os autores brasileiros de qualidade, reconhecendo-lhes a produção. A construção da identidade cultural da cidade – “já somos uma metrópole” – faz-se também pela literatura, uma vez que esta reflete a realidade, o cotidiano. Ele lembra que quem pode dizer se a literatura é de qualidade ou não é o julgamento vem com a leitura, com a pesquisa. O que é bom fica. Isso não se aplica só à literatura, mas às artes em geral.

Dora Duarte afirma que Brasília ainda tem muito a fazer pelos seus autores. A escola poderia cumprir um papel importante de divulgação e qualificação da literatura local. Para ela:

²⁷ Opinião compartilhada veementemente por Aglaia Souza.

De tudo que se lê, se tira alguma coisa. Então, ler literatura de Brasília, além de divulgar, ter a certeza de um público, faz com que se fique mais preocupado com a qualidade do trabalho, com o que se escreve.

4.2.6. Contribuição da Lei Orgânica do Distrito Federal para a construção da história da literatura brasiliense.

Em entrevista, Alexandre Pilati reconhece a importância de tal lei. Entretanto afirma que a ação exclusiva e impositiva do governo não vai ser o único elemento a validar a literatura brasiliense dentro do contexto artístico da cidade. Faz-se necessária a participação de todos os segmentos que podem contribuir para a circulação da literatura local. A legislação de nada servirá se o círculo literário não se fizer forte, com obras de qualidade.

A história também é feita de atos do governo. Mas não só. Nós, autores, vocês, estudantes, os professores, a imprensa e as editoras locais, cada um terá uma parte importante no balanço que se fará dessa história daqui a uns cinquenta anos (imagine, nos 100 anos da nossa cidade!). Pela lei citada, há uma parcela de ação do governo. (...) Não é uma questão de ter o “nome inscrito na glória”. É questão de saber que a história da literatura brasiliense carece da ação de gente de carne e osso (que ama, protesta, delira!). Sem livros e pessoas vivas, a lei é “letra morta”. E nossa história será certamente escrita sem ela, embora ela possa também ajudar nessa história.

Aglaia Souza levanta a problemática da falta de reconhecimento dos autores locais. Faz uma referência ao texto *Esmerino Magalhães J., o poeta*, em que a autora afirma:

Os jovens, as crianças, os estudantes, enfim, principalmente os aqui nascidos, precisam, urgentemente, conhecer os bons autores de Brasília. As escolas, sejam elas particulares ou oficiais, deveriam ter em seu currículo um projeto que visasse ao estudo da literatura local.

Enquanto isso não acontece, nossos escritores vão-se indo, sem uma homenagem, sem um reconhecimento, sem um levantar de olhos para seus escritos (Souza,2007: 43).

Segundo Aglaia Souza, já existe uma literatura local variada, embora seja necessário separar a literatura de boa qualidade do que ela chama de literatice, opinião que fundamenta citando o autor Monteiro Lobato na crônica *Brasília Colonial*.²⁸ Assim, reconhece a importância da obrigatoriedade, mas afirma que cabe ao professor selecionar literatura de qualidade para levar à sala de aula. Segundo Aglaia, já deveria

²⁸Nas palavras da autora: “É absurdo dizer que não há escritores em Brasília. Claro que, como em todas as épocas e lugares, faz-se literatura e literatice. Monteiro Lobato já apontava isso, nos anos 1930. Critica os pseudo-intelectuais, fazedores de discurso, e se intitulava a si próprio escrivinhador.” (Souza: 32, 2007)

haver uma lista prévia de autores considerados de qualidade que deveriam ser trabalhados em sala de aula. Tal proposta vai ao encontro do que prega o artigo 2º do Projeto de Lei nº 464/99, que delimita critérios para seleção dos autores a serem lidos na escola (Anexo 3).

Além disso, Aglaia ressalta a importância de se criarem outras iniciativas para ampliar o contato com a literatura local, tais como estreitar o intercâmbio entre estudantes e autores por meio de visitas destes às escolas e faculdades, além de favorecer palestras específicas para aprendizes, em instituições como a ANE.

Outro ponto importante levantado pela autora é a necessidade que o autor tem de ser lido, ter sua literatura conhecida e reconhecida por um público expressivo, opinião compartilhada por Maria da Glória Barbosa, que, em entrevista a esta pesquisadora, afirma que:

Escreve-se para as pessoas. Cada vez que você escreve algo e põe numa gaveta não é literatura. Para ser literatura, tem que ter recepção. O ciclo se completa quando sai do autor, chega ao leitor e se consegue estabelecer uma cumplicidade, havendo um retorno para quem escreve.

Tal afirmativa vai ao encontro do que prega Michel Butor (1974), para quem, no próprio ato de escrever, um público já está implicado, pois o autor sempre escreve para ser lido.

O poeta e diretor da Biblioteca Nacional de Brasília, Antônio Miranda, afirma que a cidade apresenta um alto fluxo migratório, cidade transitória: o não-pertencimento é uma de suas contingências. Não se tem vínculo com a cidade, nem com a literatura, que é um ponto de desenvolvimento humano e cultural – valorização do local –, o que a lei favorece.

O que vai influenciar para a mudança dessa conjuntura é o fortalecimento de eventos que fomentem o contato com essa literatura. Para Miranda, ou é um movimento social que dá ação a uma lei dessa natureza ou ela se torna inócua. Em suas palavras: “tem que haver pano de fundo, tem que ter um cenário”.

4.3 O estabelecimento do cânone: análise dos dados quantitativos e qualitativos

Para se chegar ao cânone da literatura brasiliense, considerando os seus primeiros cinquenta anos de existência, foi empregado o princípio da estética recepcional que estabelece o valor estético da obra a partir de sua recepção.

Neste trabalho, os postulados de Jauss foram aplicados da seguinte forma: um recorte diacrônico, cotejando várias frações temporais apresentadas nas antologias, a partir das quais se recupera a história recepcional das obras de autores de / acerca de Brasília. Além disso, faz-se um recorte sincrônico que vai indicar o estado da literatura brasileira no período de 2008/9, preparatório às comemorações dos cinquenta anos da capital.

Por considerarmos que a diacronia estabelece uma visão apenas quantitativa, uma vez que os autores das antologias não explicitam os critérios pra inclusão / exclusão dos nomes, a análise da recepção sincrônica vai determinar, na atualidade, a valorização qualitativa desse trabalho de produção artística. Nesse sentido, dentro dos critérios quantitativos, considera-se o aparecimento dos autores nas antologias ao longo do tempo, e o parecer qualitativo considera como esses autores são percebidos pelos seus pares.

Para se chegar à quantificação total de escritores que foram citados, serão considerados os quatrocentos e vinte e seis autores apontados na análise das antologias (conferir Anexo 5), somados àqueles que não constam das antologias, mas que foram citados pelos seus pares nas entrevistas (Tabela 2) – que são vinte e quatro²⁹ – mais os que foram indicados pelos professores na coleta de dados via questionários (Gráfico 2) – que são quatorze³⁰ –, chegando-se ao universo de pesquisa total de **quatrocentos e sessenta e quatro** autores referidos.

Assim, ao se fazer a composição, juntando-se o critério qualitativo ao quantitativo, tem-se como critério para se chegar ao **cânone maior** o aparecimento nas duas listagens: na diacrônica, com a indicação em mais de 10% das antologias – Tabela 1 –, e na sincrônica – Tabela 2. Desse modo, tem-se como estrelas do cânone da literatura brasileira em seus primeiros cinquenta anos os seguintes autores, elencados em ordem alfabética:

²⁹ Entre os autores que foram citados pelos autores em entrevista, mas não constam das antologias temos: Alphonso de Guimarães Filho, Lourenço Cazarré, André Giust, Antônio Roberval Miketen, Wilson Martins, Clara Arreguy, Kido Guerra, Omar Brasil, Lucília Garcez, Fernando Marques, Jacinto Guerra, Rosângela Vieira, Augusto Rodrigues da Silva Júnior, Margarida Patriota, Cristiane Sobral, Carlos Marcelo, Renato Russo, Paulo Dagomé, Manoel Jivan, João Almino, Carlos Saldanha, José Anderson Vasconcelos, Tião Varela, Malba de Queiroz.

³⁰ Entre os autores que foram citados pelos professores na coleta de dados via questionários, mas não constam das antologias temos: Adriana Levino, Zezi Maku, Maria Helena Ribeiro, Oswaldo Montenegro, Mário de Castro, Toninho de Souza, Renato Russo, Badu, Adriana Aragão, Zilda Castelo, Jonas Ribeiro, Vera S. Dias, Carlos Leite e Fernando Marques.

Aglaia Souza	José Santiago Naud
Alan Viggiano	Lina Tâmega P. Del Peloso
Anderson Braga Horta	Luís Turiba
Antônio Carlos Osório	Luiz Martins da Silva
Cassiano Nunes	Marly de Oliveira
Eudoro Augusto	Menezes y Morais
Ézio Pires	Napoleão Valadares
Fernando Mendes Vianna	Nicolas Behr
Francisco Alvim	Nilto Maciel
Henriques do Cerro Azul	Ronaldo Cagiano
Joanyr de Oliveira	Stela Maris Rezende
João Carlos Taveira	Wilson Pereira

Assim, são vinte e quatro nomes destacados perante os demais, devido à presença muito referenciada, com maior expressividade, nos dois instrumentos.

Anderson Braga Horta desponta com louvor nas duas listas, uma vez que aparece em dezenove das quarenta e quatro obras de referência e foi citado por doze dos quatorze entrevistados, o que nos leva a afirmar que, pelos critérios estabelecidos, ele é o ícone da literatura brasileira atual, sendo reconhecido pelos seus pares e pela análise crítica tanto de Maria da Glória Barbosa como por Almeida Pinto como um poeta de invulgar grandeza pela qualidade de seu fazer artístico, tido como universal. Além disso, Horta é autor de ensaios críticos teóricos de importância para a literatura brasileira, como é o caso de *Sob o signo da poesia*, de 2003.

O saudoso poeta Joanyr de Oliveira participa também de dezenove antologias, sendo que cinco delas foram por ele organizadas. Entretanto, é citado por cinco dos quatorze autores entrevistados. Sua contribuição para a literatura brasileira provém da qualidade e expressividade de sua obra lírica, como também de sua contribuição para a divulgação da literatura local devido à organização das antologias.

O poeta e acadêmico José Santiago Naud pode ser apontado como uma das estrelas maiores que figuram na literatura local, ao lado de Anderson Braga Horta, uma vez que participou de treze das quarenta e quatro antologias e foi citado por sete dos

quatorze poetas entrevistados, além de ter sido o organizador da antologia *Nem madeira nem ferro podem fazer cativo quem na aventura vive*, publicada em 1986.

Ézio Pires também apresentou ampla participação nas antologias (quinze ao todo), além de ter sido citado por dois dos colegas entrevistados. Também é um dos grandes estudiosos da literatura local, com duas importantes obras teóricas publicadas, a saber: *Literatura na criação de Brasília e Depoimento literário*.

Já o ainda saudoso professor doutor Cassiano Nunes, poeta de expressão nacional, santista de nascimento, mas que incorporou a cidade de Brasília como poucos, desponta com destaque nas duas listagens, uma que aparece em doze das quarenta e quatro obras analisadas e é citado por seis dos quatorze autores nas entrevistas. Cassiano foi, inclusive, um dos poetas analisados por Almeida Pinto, ao lado de Anderson Braga Horta, Marly de Oliveira e Domingos Carvalho da Silva, anteriormente apontados como os artistas mais expressivos da vertente tradicional da poesia brasiliense. Além de sua produção poética, deixou também importantes estudos teóricos no campo da literatura brasileira e brasiliense, peças musicais, poemas musicados e “textos para teatro”.

O nome de Aglaia Souza pode ser ressaltado como uma das figuras femininas de maior destaque na literatura brasiliense atual. A poetisa e musicista participou de dez antologias e foi referida também na obra de Maria da Glória Barbosa. Além dela, dois nomes femininos que aparecem nas duas listagens são os de Lina Tâmega Del Peloso, participante de nove obras e citada por quatro entrevistados, e Marly de Oliveira, que participou de três antologias, foi referenciada por Maria da Glória e, conforme já dito, elencada por Almeida Pinto como um dos principais nomes da poesia de Brasília. Para fechar a participação feminina no grupo canônico, tem-se o nome de Stela Maris Rezende, com participação em cinco das quarenta e quatro obras analisadas e citada por quatro autores, tendo ressaltado, além de seu valor como poetisa e prosadora, o seu trânsito como autora lida na escola, não só em Brasília, mas em nível nacional.

Fernando Mendes Vianna e Henrique do Cerro Azul aparecem em dez das obras de referência, sendo que primeiro foi lembrado por sete autores entrevistados e o segundo apenas por um. Mendes Vianna é reconhecido como um dos grandes nomes de poetas que usaram a saga da construção de Brasília como mote para seu fazer poético. Outro vulto importante para a literatura local que figura nas duas listas é o de Antonio Carlos Osório, que participou de oito das quarenta e quatro obras citadas e foi indicado

por três poetas nas entrevistas como figura importante na produção literária local, Alan Viggiano, lembrado por quatro colegas e com participação em cinco das obras de referência, é um poeta que figura como destaque também no meio editorial por sua participação na editora André Quicé, responsável, mesmo que indiretamente, pela antologia *Caliandra*, de 1985.

Nicolas Behr tem sua poesia apresentada em oito das quarenta e duas antologias, além de ser um dos nomes que mais aparecem na obra de Maria da Glória Barbosa, uma vez que a autora se propõe a analisar como a cidade física e abstrata é vista pelos autores, tema recorrente na poesia de Behr, que ainda é um dos quatro poetas apresentados por Almeida Pinto como representantes mais expressivos da poesia marginal brasiliense.

A poesia de Behr já foi parte do corpus de vários estudos acadêmicos, além de objeto exclusivo de estudo intitulado *Brasília na poesia de Nicolas Behr*³¹. Cumpre ressaltar que já se observa a ressonância da poesia de Behr no meio acadêmico, inclusive fora dos limites geográficos de Brasília³². Faz-se importante destacar também a expressiva participação do poeta como agitador cultural e um dos artistas brasilienses, até por iniciativa própria, de maior trânsito nas escolas das redes de ensino oficial e particular do Distrito Federal³³.

Dois poetas, que também foram estudados por Almeida Pinto como representantes da poesia marginal brasiliense, fazem parte do cânone: Francisco Alvim e Eudoro Augusto. Alvim, tido como um dos grandes nomes da poesia marginal não só brasiliense, mas brasileira, participou de cinco das obras analisadas e foi citado por três dos quatorze poetas, que ressaltaram sua importância para a cena brasiliense por ser um nome de ressonância nacional. Já Eudoro Augusto, que começa como marginal, mas que hoje já é visto como um dos poetas que transitam em todos os grupos de poesia, também participa de cinco obras de referência, mas é citado apenas por um de seus pares. Ainda considerado como parte do círculo da poesia marginal, tem-se o nome de Luís Turiba (com participação em seis obras e referenciado por três dos autores entrevistados) que, ao lado de Behr e de outros poetas da cidade, participa e organiza

³¹ Dissertação de Mestrado apresentada por Gilda Maria Queiroz Furiati ao Departamento de Teoria Literária e Literaturas no ano de 2007.

³² Em 2007, foi apresentado, em São Paulo, no Encontro Nacional da Abralic – *Literaturas, Artes e Saberes*, por Laíse Ribas Bastos, então mestranda da Universidade Federal de Santa Catarina, o trabalho *Nicolas Behr: um (anti)dizer poético*.

³³ Em entrevista, o autor afirma, inclusive, ter em vista a publicação de uma obra relatando sua experiência nas escolas.

diversos eventos relacionados à poesia, o que já fazia desde a época da Bic-a-Brac, revista pela qual foi um dos principais responsáveis durante todo o período em que circulou. Também transitando pelos meandros da vertente menos tradicional da poesia tem-se Luiz Martins, também professor do Departamento de Comunicação e Jornalismo da Universidade de Brasília, com oito participações em antologias e referenciado por dois de seus colegas poetas entrevistados.

Assim como Turiba e Behr, outro nome citado como poeta, mas que é também atuante agitador cultural, principalmente por trabalhar com a literatura fora do circuito do Plano Piloto, é o de Menezes Y Moraes, que figura em oito antologias e foi citado por dois dos colegas entrevistados, que o ressaltaram mais como ativista do que como poeta. Foi destacada, inclusive, a sua importante participação como idealizador do projeto de lei que estipula a obrigatoriedade do ensino da literatura brasileira nas escolas da rede oficial.

O poeta José Carlos Taveira, com participação em nove das quarenta e quatro obras e citado por três do quatorze entrevistados, é uma das figuras frequentes nos eventos literários da cidade, como saraus e recitais. Outra figura importante para a cena literária local é Napoleão Valadares, que aparece em das obras de referência e é lembrado por três dos companheiros poetas. Uma de suas maiores contribuições, nesse sentido, é a obra *Dicionário de Escritores de Brasília*, em que faz um levantamento biográfico e bibliográfico de todos os autores do Distrito Federal, em todas as áreas de conhecimento, principalmente literatura, com a primeira versão publicada em 1994 e versão atualizada em 2003. Além disso, foi o organizador da antologia *Planalto em poesia*, publicada em 1987, usada como parte dos corpus deste trabalho.

Também com grande participação na organização de antologias tem-se Nilto Maciel, com o nome em seis obras referenciadas e lembrado por um dos pares entrevistados, e Ronaldo Cagiano, participante de sete das quarenta e quatro obras e citado por quatro colegas, que ressaltaram principalmente a sua produção como contista, sendo que o primeiro foi o responsável pela organização das antologias *Grito, logo existo!*, de 1992, e de *Alma gentil: novos sonetos de amor*, de 1994. Já o segundo foi o responsável pela antologia *Poetas Mineiros em Brasília*, de 2002, embora ele tenha uma produção literária mais concentrada na prosa do que na poesia. Inclusive organizou as obras *Antologia do conto brasileiro*, em 2004, e *Todas as gerações: o conto*

brasiliense contemporâneo, em 2006, as mais recentes coletâneas de contos produzidos pelos autores locais³⁴.

Para finalizar-se a lista do cânone maior, cita-se o nome de Wilson Pereira, com participação em oito obras e citado por quatro dos quatorze poetas entrevistados. Sua contribuição à literatura brasiliense deve ser ressaltada pela publicação de *A literatura brasiliense*, organizada como possível suporte aos professores, a partir da aprovação do Projeto de Lei 464/99.

Os poetas que só aparecem em uma das listagens ou que aparecem nas duas, mas com porcentagem inferior a 10% no total de antologias (cf. Anexo 5) compõem um **cânone em ascensão**. Este é constituído pelos seguintes escritores.

Adison do Amaral	Gustavo Dourado
Alexandre Pilati	José Godói de Garcia
Amneris	Maria da Glória Barbosa
Angélica Torres	Muralha
Antônio Miranda	Newton Rossi
Ariel Marques	Paulo Kauim
Bic Prado	Reynaldo Jardim
Carlos Alberto Pereira (Cacá)	Ronaldo Costa Fernandes
Carlos Saldanha	Ronaldo Mousinho
Ciro José Tavares	Salomão Sousa
Cyro dos Anjos	Sóter
Dora Duarte	Sílvia Cyntrão
Flávio Kothe	Viriato Gaspar
Guido Heleno	Yone Rodriguês

Utilizou-se a nomenclatura cânone em ascensão por observar-se que a maioria dos autores que o compõem ainda não está, pelos critérios estabelecidos, sedimentada entre os nomes do cânone maior, pelo fato de não apresentarem, ainda, uma produção que figura como mais consistente entre as antologias, ou por serem relativamente novos,

³⁴ Reforça-se o quão pertinente seria um estudo acadêmico mais sistematizado acerca da produção literária em prosa evidenciada nesses primeiros cinquenta anos da capital, tanto em relação aos gêneros crônica e conto, como também ao romance

ou, talvez, por usarem como meio de propagação de sua produção literária ambientes mais recentes, como a internet.

É importante observar que, nesse grupo, ressalta-se a produção de poetas ligados ao meio acadêmico, como é o caso de Antônio Miranda, professor do Departamento de Ciência da Informação e Documentação da Universidade de Brasília e Presidente da Biblioteca Nacional, com um amplo trânsito no meio virtual e com várias obras bilíngues, com projeção evidente em ambiente internacional. Além dele, tem-se a presença dos jovens professores do Departamento de Teoria Literária e Literaturas Sylvia Helena Cyntrão e Alexandre Pilati, com participação apenas na última antologia de poesia do Distrito Federal, *Deste Planalto Central – Poesia de Brasília*, de 2008.

A líder cultura Sylvia Cyntrão apresenta-se também como figura importante na literatura local por ser a idealizadora do Projeto *Viva o verso*, que tem sido um dos que em muito contribuem para a propagação e divulgação da literatura em geral, assim como da literatura local. Já Pilati evidencia-se como um poeta de projeção nacional, uma vez que é um dos autores locais que conseguiu inserir-se no circuito editorial nacional, com a publicação das obras *Prafóra* e *A nação drummondiana* pela editora 7 Letras.

Maria da Glória Barbosa, embora não esteja hoje vinculada à Universidade de Brasília, passou pelo programa de pós-graduação em literatura como aluna, o que rendeu uma das mais expressivas obras teóricas acerca da literatura brasiliense, *O cristal e a chama: a linguagem literária que traduz o objeto Brasília*³⁵. Já Dora Duarte vincula-se à Universidade por exercer atualmente o cargo de secretária do programa de pós-graduação literatura. Dos poetas que fazem parte do cânone em ascensão, pode-se afirmar que é ela uma das figuras que mais transita pela rede oficial de ensino, sendo convidada principalmente para trabalhos com crianças de uma faixa etária mais baixa, que costuma se identificar com a sua produção poética com um caráter altamente lúdico.

Outro artista dessa lista que também já mostra bastante trânsito no meio escolar é Guido Heleno, sendo, inclusive, apontado pelos colegas, como um dos poucos que, junto com Stella Maris Rezende, consegue espaço para circular entre as obras indicadas pelas escolas da rede oficial de ensino.

³⁵ É de Maria da Glória uma das obras que compõem o corpus de análise dessa pesquisa, sendo perceptível, inclusive, o amadurecimento da sua produção artística após a projeção do seu ensaio.

Também associada à rede oficial de ensino está a presença de Ronaldo Mousinho, organizador de duas das antologias usadas como *corpus* de análise deste trabalho, *Brasília: vida em poesia*, de 1996, e *Geografia Poética do Distrito Federal*, de 2007. Além disso, Mousinho também contribui para a consolidação da história da literatura brasileira pela produção da obra *Literatura de Homero à contemporaneidade*. Professor de língua portuguesa da Secretaria de Educação do Distrito Federal, exerce o cargo de Presidente da Academia Taguatinguense de Letras, uma das instituições que colaboram para a propagação da literatura local fora dos limites do Plano Piloto. Ele, junto com Menezes y Morais e Gustavo Dourado, foi um dos idealizadores da institucionalização da obrigatoriedade do ensino de literatura brasileira nas escolas da rede pública.

Vale lembrar que Gustavo Dourado, conhecido também como Amargedon é um dos poetas que compõe esta proposta de cânone em ascensão. Ele critica veementemente a centralização da literatura dita brasileira aos limites do Plano Piloto. A presença de nomes como o seu, o de Mousinho, Muralha e Carlos Alberto Pereira, o Cacá, os dois últimos poetas da cidade de Ceilândia, nesta lista, evidencia que se tem sim uma produção literária considerável que vai além dos Eixos Sul e Norte.

Frisa-se nesta listagem a frequente aparição de nomes que se vinculam mais a outras áreas do que a poesia em si, como é o caso de Ronaldo Costa Fernandes, que se destaca como contista e crítico de arte e literatura, e dos jornalistas Reynaldo Jardim e Carlos Saldanha, que contribuem mais com a propagação da literatura local pela sua participação em veículos de comunicação social do que como poetas. Cabe aqui citar também o caso de Flávio Kothe, que tem vasta publicação na área acadêmica, principalmente com trabalhos teóricos teoria literária e estética. Newton Rossi também é um intelectual que se destaca mais no meio da crítica filosófica do que como poeta.

Sóter e Salomão Sousa são outros poetas que contribuem bastante para a divulgação da literatura brasileira, sendo este o organizador da última antologia de poesia publicada no Distrito Federal, parte do *corpus* deste trabalho, e uma figura comum na cena cultural local; já o primeiro foi, junto com Nicolas Behr e Francisco Alvim, considerado um dos poetas marginais que figuram não só no cenário local, mas também no cenário nacional, além de muito ter contribuído para a organização da série de antologias *POrrETAS*.

Três figuras femininas que compõem este cânone em ascensão têm papel importante não só como poetisas, mas também como agitadoras artísticas e culturais. São elas Bic Prado e Amneres, que fazem parte do projeto *Oi poema*, e Angélica Torres, uma das idealizadoras e responsáveis pela organização de eventos literários da Biblioteca Nacional de Brasília, como *PoemAção* e *Tributo ao poeta*.

Alguns dos poetas que figuram com participação em menos de 10% das antologias e foram lembrados pelos colegas entrevistados não demonstram ter uma circulação mais expressiva na cena literária atual. Isso pode estar ocorrendo por vários motivos, entre eles não terem se mantido em grupos que lidam diretamente com a circulação da literatura ou, ainda, por apresentarem uma produção individual relativamente incipiente.

Assim, faz-se importante ressaltar que, com esta proposta de cânone, tanto cânone maior quanto o em expansão, já é possível delimitar quem são os artistas que se destacam na literatura brasiliense, sem entrar aqui em um julgamento de valor da obra de cada um, mas sim sua pertinência às antologias ou seu lugar na lembrança de seus pares.

Considerações finais

Ao se analisar a proposta inicial deste trabalho – de quem e para quem se produz literatura no Distrito Federal–, pode-se afirmar que a produção literária não é incipiente e independe da discussão se é classificada como literatura *de* ou *em* Brasília. Justifica essa afirmação o número expressivo de autores e a produção de antologias, tanto em prosa como em verso, assim como a produção individual de cada artista. Para uma cidade com cinquenta anos, Brasília apresenta uma produção literária consideravelmente grande e de qualidade, com autores que já se projetam para fora dos limites da capital, como é o caso do poeta Anderson Braga Horta, honrado com o Prêmio Jabuti de Poesia, em 2001, com a obra *Fragmentos da paixão – poemas reunidos*.

Entretanto, ao se retomarem os elementos essenciais que caracterizam a comunicação literária, considerando a tríade autor / obra / leitor e seguindo os princípios de Jauss, pode-se afirmar que o círculo de recepção da literatura brasiliense ainda não se completa. Não só para Jauss, mas também para Sartre e Barthes, sem a presença ativa do leitor não se pode falar em literatura.

Existe, em Brasília, um número considerável de artistas, com uma produção substancial, tanto individual quanto coletiva. Todavia, a presença do receptor, de um público real da literatura brasiliense, continua como imagem quase inexpressiva ou passiva. Isso fica evidente pela leitura das entrevistas, pois é unânime entre os entrevistados a percepção de que esta literatura ainda não se concretizou.

É claro, porém, que o processo de construção da literatura brasiliense está apenas no seu começo. Ao se comparar a produção literária local com a de outros espaços, tem-se que a brasiliense apresenta amplo campo de expansão e consolidação. A própria história e a geografia da cidade confirmam isso, a se observar que a literatura se faz presente desde o início da construção de Brasília. Além disso, as condições sócio-econômicas do brasiliense, uma das maiores rendas-médias do país, e o comprovado interesse do cidadão local pela leitura, abrem espaço para a fomentação da circulação dessa literatura, apesar de se confirmar que o interesse literário maior de quem mora em Brasília está longe de poder ser atrelado à produção local.

Entretanto, para que a literatura brasiliense possa circular efetivamente, faz-se importante ressaltar que serão necessárias iniciativas que possam ir além da boa vontade

dos autores locais para divulgar sua própria obra, como tem sido feito na maioria dos casos, ou com a publicação de obras coletivas. Foi facilmente identificada nas entrevistas, como um dos maiores empecilhos à circulação da literatura local, a ausência de um processo editorial profissional, que abra caminho real para que essa literatura comece a penetrar em todos os espaços sociais, saindo do universo quase exclusivo de quem a produz.

Já se observa uma tímida movimentação nesse sentido a partir de iniciativas governamentais, como a publicação de obras com o patrocínio do Fundo de Amparo à Cultura – FAC – do Governo Distrital. Entretanto, ainda é pouco para que realmente as obras dos artistas locais cheguem aos leitores. Não basta a iniciativa governamental, se ela não for acompanhada por estratégias que realmente fomentem a circulação dessas obras.

Prova disso é a proposta de institucionalização da obrigatoriedade da inclusão dessa literatura no currículo das escolas da rede oficial de ensino não ser suficiente para ampliar o campo de inserção da produção local. Tanto a leitura das entrevistas com os autores como a dos questionários aplicados nas escolas confirmam que a circulação da literatura brasiliense em estabelecimentos de ensino é mínima e fruto de ações individuais e isoladas.

Assim, pode-se afirmar que, para que realmente seja completado o círculo literário, com leitores reais e proficientes para a literatura brasiliense, faz-se necessário contemplar medidas eficientes que partam de todos os segmentos sociais. Só tais iniciativas coletivas podem modificar o quadro de estagnação da circulação da literatura brasiliense, como se percebe pela publicação decenal de estudos, como o de Almeida Pinto, em 1983, e de Maria da Glória Barbosa, em 1999. Pouco mudou nessas últimas três décadas com referência a práticas de leitura e recepção da literatura brasiliense.

Universidades, entidades governamentais, editoras e sociedade precisam conscientizar-se da importância de se fazer com que essa literatura chegue, de fato, aos leitores, para que se tenha realmente um público concreto.

A clientela escolar, ao que se comprova, está longe de fazer parte do público leitor da literatura brasiliense. Mesmo assim, tem-se a consciência do quanto esse contato seria importante para ampliar o universo de circulação das obras e para a formação de um público leitor. Pelas entrevistas e pelas respostas dos professores aos

questionários, fica claro o interesse tanto dos autores quanto dos docentes para se estreitar esse contato.

Só isso já valida a intencionalidade da legislação à construção da identidade brasileira, uma vez que se permitiria ao estudante o contato com uma produção artística que faz parte do seu contexto de fato, o que vai ao encontro do que pregam veementemente os PCNs.

Entretanto, um dos maiores entraves tem-se mostrado o fato de os professores não terem real conhecimento do que seja a literatura brasileira, o que, em verdade, evidencia um problema bem mais amplo: boa parcela dos professores, pelo que se identifica nas entrevistas, não é, infelizmente, leitor literário. E essa constatação parte de fato da literatura em geral, para afetar a pouco divulgada literatura produzida em Brasília.

Além disso, evidencia-se que o problema se mostra mais amplo e mais sério: está condicionado a questões gerais, como a formação dos professores, a pouca importância dada ao trabalho com a leitura em sala de aula e a práticas de ensino arraigadas na tradição escolar, como a prisão ao conteúdo programático, ao livro didático ou aos processos seletivos para ingresso nas universidades.

Preocupação dos autores é com a qualidade literária do que chegaria de fato nas escolas, caso a citada legislação fosse realmente colocada em prática, e a implicação política disso. Na verdade, tal fato traz à tona a consciência de que a produção literária local não tem um leitor crítico formado, e a circulação fica restrita a quem produz literatura, o que pode impossibilitar, ao menos em princípio, a seleção do que seja a boa literatura produzida no Distrito Federal. No entanto, como afirmaram Nicolas Behr e Gustavo Dourado, o processo de leitura, se realmente acontecer, vai fazer com que se reconheça a literatura de qualidade. O que se faz importante é o surgimento de iniciativas que possibilitem a circulação dessa literatura. É urgente instrumentalizar os agentes que lidam com a formação de leitores.

A literatura brasileira necessita de ser mais divulgada e reconhecida pela sua qualidade. É necessário que se possibilite o encontro da obra e dos autores com o público leitor para que o ciclo se complete de fato. Como afirma Cândido, a arte é um elemento social, constituinte e constituído pela e na sociedade. Impossível dar materialidade à literatura se ela não fizer parte do processo de construção da identidade dos sujeitos. Daí a importância, e, por que não dizer, a ousadia da proposta de cânone

aqui feita. Ela possibilitou a avaliação do que realmente configura, hoje, pelo material teórico e humano que se tem, como literatura brasiliense do foco do produtor.

Desse modo, o invulgar desta proposta foi que ela vai além do que faz a maioria dos autores que se atrevem a estabelecer um cânone: talvez, até pelo fato de não serem profissionais com formação específica em literatura, deixem-se levar pelo “bom senso” e “bom gosto”³⁶. O que consolida esta proposta de cânone não se limita ao julgamento de valor ou exclusivamente aos aspectos quantitativos, mas, sim, a fusão de dados qualitativos e quantitativos.

O objetivo maior da pesquisa não foi dizer se é literatura de boa ou de má qualidade; isso o processo de recepção da obra mostrará. Objetivou-se evidenciar em que situação se encontra a literatura local nos primeiros cinquenta anos da cidade.

Outro ponto importante a ser ressaltado é que não se faz aqui o fechamento desse cânone. Ele foi, dentro dos critérios estabelecidos, dividido em cânone maior, para aqueles que já figuram entre os nomes reconhecidos como os autores de maior alcance, e cânone em expansão, para os nomes que apresentam ressonância na literatura local e que, a se julgar pelo processo constante de evolução, têm grandes possibilidades de fazer parte do universo maior de circulação literária.

Desse modo, pode-se entender este estudo como um ponto de partida para a manutenção, ou não, desse cânone na construção e consolidação dessa literatura pelas próximas décadas.

³⁶ Expressões usadas por Monteiro Lobato para criticar os artistas da Semana de Arte Moderna.

Bibliografia

ABREU, Márcia. (org) *Leitura, história e história da leitura*. São Paulo: Mercado das Letras, Associação de Leitura do Brasil, Fapesp, 1999.

_____(org). *Cultura Letrada: Literatura e leitura*. São Paulo: Unesp, 2006.

AGUIAR, Vera Teixeira de & BORDINI, Maria da Glória. *Literatura: a formação do leitor – Alternativas metodológicas*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

ALMEIDA PINTO, J. R. de. *Poesia de Brasília: duas tendências*. Brasília: Thesaurus, 2002.

ANDRADE, Marcela Heitor de. *Jornalistas podem ser escritores? 21 entrevistas brasilienses*. Monografia de Final de Curso. Departamento de Comunicação Social – UnB. Brasília, 2008.

ARGAN. Giulio Carlo. *História da arte como história da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ARISTÓTELES. *Arte poética*. Disponível em <http://www.dominiopublico.org.br>. Acesso em 05/02/2009.

BACHELARD, Gaston. *A Poética do Espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARBOSA, Maria da Glória. *O cristal e a chama: a linguagem literária que traduz o objeto Brasília*. Brasília: Secretaria de Estado de cultura, 2002.

BARROSO, Eloísa Pereira. *Brasília: as controvérsias da utopia modernista na cidade das palavras*. Tese de Doutorado, Departamento de Sociologia-UnB. Brasília. Brasília, 2008.

BARTHES. *A morte do autor*. In _____. *O rumor da língua*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BASTOS. Hermenegildo. *Roteiro de uma antologia incidental*. Correio Braziliense, 01/08/1999.

BASTOS, Laíse Ribas. *Nicolas Behr: um (anti)dizer poético*. Anais do Encontro Nacional da Abralic – Literaturas, Artes e Sabere. São Paulo, 2007.

BEHR, Nicolas. *Poesília – poesia pau-brasília*. Brasília: LGE Editora, 2005.

BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBs)*. Brasília: MEC, 1996.

_____. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio*. Brasília: MEC/Semtc, 2002.

_____. *PCN+ Ensino Médio: orientações educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais*. Vol. Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: MEC/Semtc, 2002.

_____. *Orientações Curriculares para o Ensino Médio* (volume 1) – *Linguagens, códigos e suas tecnologias*/Secretaria de Educação Básica – Brasília: MEC, Secretaria de Educação Básica, 2008.

_____. *Retratos da leitura no Brasil*. Disponível em . Disponível em http://www.cerlalc.org/redplanes/boletin_redplanes/documentos/Noticia1/Retratos_2008.pdf . Acesso em 07/03/2010.)

BRANDÃO, José Carlos. *A aldeia de Tolstói*. Disponível em <http://recantodasletras.uol.com.br/cronicas/949208>. Acessado em 13/01/10.

BUTOR, Michel. *Repertório*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

CABRAL, Ana Beatriz. *O texto, o contexto e o pretexto. Ensino de literatura após a reforma do Ensino Médio*. Universidade Federal de São Carlos UFSC/ Centro de Educação e Ciências humanas do programa de pós-graduação em Educação – São Paulo: Fevereiro – 2008.

CAGIANO, Ronaldo (Org.). *Antologia do conto brasileiro*. Brasília: Projecto Editorial/Livraria Suspensa, 2004.

_____. *Todas as gerações: o conto brasileiro contemporâneo*. Brasília: LGE Editora, 2006.

CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Folha de São Paulo, 2003.

_____. *Seis propostas para o novo milênio: lições americanas*, tradução Ivo Barroso – São Paulo: Companhia das Letras. 1990.

CÂNDIDO, Antônio. *A Literatura e Sociedade*. 2ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.

_____. *A literatura e a formação do homem* *Ciência e Cultura*, v. 24, n. 9, 1972.

_____. *O direito à literatura*. In_____. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

COLOMER, Teresa. *A formação do leitor literário: narrativa infantil e juvenil atual*. São Paulo: Global, 2003.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria – literatura e senso comum*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

COSTA, Luiz Carlos Guimarães da. *História da literatura brasileira*. Brasília: Thesaurus, 2005.

DISTRITO FEDERAL. *Lei Orgânica do Distrito Federal*. Brasília, Brasília, 1993. Disponível em <http://www.cl.df.gov.br/portal/legislacao/lei-organica>. Acesso em: 20 de setembro de 2007.

_____. *Censo Escolar/2008*. (Disponível em <http://www.se.df.gov.br/>. Acesso em 11/02/09)

_____. *Relatório de Gestão 2007*. (Disponível em <http://www.se.df.gov.br/>. Acesso em 11/02/09)

_____. *Lei Complementar n 267* (Disponível em http://www.marketingcultural.com.br/leis/lei_complem267df.htm.. Acesso em 04/02/10)

_____. *Orientações Curriculares – Ensino Fundamental: Séries e anos iniciais*. (Disponível em <http://voltaasaulas.se.df.gov.br/wp-content/uploads/2009/02/orientacoes-curriculares-ef-series-finais.pdf>. Acesso em 03/03/09)

_____. *Orientações Curriculares – Ensino Fundamental: Séries e anos finais*. (Disponível em <http://voltaasaulas.se.df.gov.br/wp-content/uploads/2009/02/orientacoes-curriculares-ef-series-iniciais.pdf>. Acesso em 03/03/09)

_____. *Orientações Curriculares – Ensino Médio*. (Disponível em <http://www.scribd.com/doc/28409768/Orientacoes-Curriculares-Ensino-Medio>. Acesso em 05/03/09)

ECO, Umberto. *Obra aberta* in: Estética. São Paulo: Perspectiva, 1971.

FOUCAULT, Michel. O que é um autor? In _____. *Ditos e Escritos – Estética: literatura e pintura; música e cinema*. Rio de Janeiro : Forense Universitária, 2006.

FURIATI, Gilda Maria Queiroz. *Brasília na poesia de Nicolas Behr*. . Dissertação de Mestrado, Departamento de Teoria Literária e Literaturas - UnB. Brasília, 2007.

GERALDI, João W. *O texto na sala de aula*. Cascavel, PR: Assoeste, 1985.

GUEDES, Paulo Coimbra. *A formação do professor de português: que língua vamos ensinar?*. São Paulo: Parábola, 2006.

HALL, Stuart. *A Identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 5ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

_____. *Quem precisa da diferença?* In *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais* / Tomaz Tadeu da Silva (org.). Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

HARVEY, David. “A experiência do tempo e do espaço”. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *Impressões de viagem: CPC, vanguarda e desbunde: 1960/70*. 4. Ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004.

HORTA, Anderson Braga. *Sob o signo da poesia: literatura em Brasília*. Brasília: Thesaurus, 2003.

J AUS, Hans Robert. “A estética da recepção: colocações gerais”. In *A literatura e o leitor – textos de estética da recepção*. Coordenação e tradução de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1979.

_____. “O prazer estético e as experiências fundamentais da *poesis, aisthesis e katharsis*. ”. In *A literatura e o leitor – textos de estética da recepção*. Coordenação e tradução de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1979.

KOTHE, Flávio Rene. *O cânone colonial*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997

- LAGE, Micheline Madureira. *Ler sem doer: perspectivas para a leitura do texto literário no ensino médio*. Coronel Fabriciano: Unileste-MG, 2003.
- LAILOLO, Marisa. *Literatura: leitores e leitura*. São Paulo: Editora Moderna, 2001.
- LAVILLE, Christian & DIONE, Jean. *Construção do saber: manual de metodologia da pesquisa nas ciências humanas*. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: UFMG, 1999.
- LEAHY-DIOS, Cyana. *Educação literária como metáfora social*. Niterói: EdUFF, 2000.
- LISPECTOR, Clarice. “Crônicas de Brasília”, 1925-1977. In: *Para não Esquecer*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- LONTRA, Hilda. O. H. *Tropicalismo e Vanguarda Poética Brasileira*. Dissertação de mestrado pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 1983. MACHADO, Ana Maria. *Ilhas no tempo: algumas leituras*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.
- LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- MACHADO, Alexandre. *Sociedade dos poetas vivos*. Correio Braziliense, 01/08/1999.
- MAIAKOVSKI e at. *Teoria da Literatura – formalistas russos*. Porto Alegre: Globo, 1971.
- MARINO, Alexandre. *A cidade e seus escritores : Afinal, existe ou não uma literatura com a cara de Brasília?* Revista Roteiro Brasília. N. 73 (Segunda quinzena de abril de 2005).
- MARTINS, Wilson. *A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca*. São Paulo: Ática, 2002.
- MILLER, J. Hillis, *A ética da leitura – Ensaios 1979-1989*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1995.
- MORIN, Edgar. *Sete saberes necessários à educação no futuro*. Brasília: UNESCO - Cortez Editora, 2000, edição brasileira.
- MOUSINHO, Ronaldo Alves. *Geografia Poética do Distrito Federal*. Brasília: Thesaurus, 2007.
- _____. *Literatura de Homero à contemporaneidade*. Brasília: Ideal, 2002.
- NUNES, Brasilmar Ferreira. *Brasília: A fantasia corporificada*. Brasília: Paralelo 15, 2004.
- NUNES, Cassiano. *A felicidade pela literatura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.
- OLIVEIRA, Joanyr (Org.). *Poemas para Brasília – antologia*. Brasília: Projecto Editorial/Livraria Suspensa, 2004.
- _____. *Biografia da cidade*. Brasília: LGE, 2005.
- _____. *Poesia de Brasília (antologia poética)*. Brasília: Editora Sette Letras, 1998.
- PÁDUA, Elizabete Matallo Marchesini. *Metodologia de pesquisa – abordagem teórico-prática*. Campinas, SP: Papiros, 2000.
- PEIXOTO, Nelson Brissac. *Paisagens urbanas*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004.

- PENNAC, Daniel. *Como um Romance*. 4ª edição. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1998.
- PEREIRA, Wilson. *A literatura brasileira*. Brasília: Universa Editora, 1999.
- PERISSÉ, Gabriel. *Ler, aprender e escrever*. São Paulo: Arte & Ciência, 2004.
- _____. *Literatura e educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- _____. *A arte da palavra: como criar um estilo pessoal na comunicação escrita*. Barueri: Manole, 2003.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. "Considerações intempestivas sobre o ensino da literatura". Em: *Inútil Poesia*. São Paulo: Companhia da Letras: 2000.
- _____. *Altas literaturas*. São Paulo: Companhia da Letras: 1998.
- PIRES, Ézio. *Literatura na criação de Brasília*. Brasília: Compukromus Editoração e Assessoria Gráfica, 1999.
- _____. *Depoimentos literários*. Coleção Machado de Assis, vol. 9. Brasília: Senado Federal, 1978.
- POUND, Ezra. *ABC da literatura*. Tradução de Augusto dos Campos e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1977.
- RUFATO, Luiz. *Nos subterrâneos da estéril e seca Brasília há rica e fértil vida literária*. O Globo. 08/03/2004.
- SARTRE, Jean-Paul. *Que é a literatura?* São Paulo: Ática, 1993.
- SILVA, Domingos de Carvalho. A poesia em Brasília. *Diário de Brasília*, edição documento de 20 e 21/04/75/0
- SILVA, Ernesto. *História de Brasília: um sonho, uma esperança, uma realidade*. Brasília: Linha Gráfica Editora, 1997.
- SILVA, Ezequiel Teodoro da. *Leitura na escola e na biblioteca*. Campinas: Editora Papirus, 1986.
- SILVA, Luiz Sérgio Duarte da. *A construção de Brasília: modernidade e periferia*, Goiânia: UFG, 1997.
- SILVA, Maurício, *Repensando a Leitura na Escola. Um outro mosaico*. 3ª ed. Niterói: EduFF, 2002.
- SILVA, Rosa Amélia Pereira. *Ler literatura: o exercício do prazer. Educação literária por meio de oficinas de leitura*. Dissertação de Mestrado, Departamento de Teoria Literária e Literaturas - UnB. Brasília, 2009
- SILVA, Tomaz Tadeu. *A produção social da identidade e da diferença*. In *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais* / Tomaz Tadeu da Silva (org.). Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

- SILVA, Vitor Manuel de Aguiar. *Teoria da Literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 1968.
- SOARES, Magda. *Letramento. Um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 1988.
- SOLÉ, Isabel. *Estratégias de Leitura*. 6ª edição. Porto Alegre: Artmed, 1988.
- SOUSA, Salomão. *Deste Planalto Central: poetas de Brasília*. Brasília: Thesaurus, 2008.
- SUASSUNA, Ariano. *Iniciação à estética*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007. TAVARES, Braulio. “Leitura colaborativa”. Em: *Língua Portuguesa*: São Paulo: Editora Segmento. Número 44, junho, 2009.
- TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Rio de Janeiro: Difel, 2009.
- TURCHI, Maria Zaira. SILVA, Vera. M. Tietzmann. *Leitor formado, leitor em formação*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2006.
- VALADARES, Napoleão. *Dicionário dos escritores de Brasília*. 2 ed. rev. aum. e atualiz. Brasília: André Quicé, 2003.
- VALÉRY, Paul. “Discurso sobre estética”. Em: LIMA, Luiz Costa. *Teoria da literatura em suas fontes*. Volume I. Rio de Janeiro: F. Alves, 1983.
- VASCONCELOS, Adirson. *Efemeridades – As grandes datas de Brasília e Jk*. Brasília: Thesaurus, 2009.
- VERÍSSIMO, José. *História da literatura brasileira*. Disponível em <http://www.biblio.com.br/default.asp?link=http://www.biblio.com.br/conteudo/JoseVerissimo/histlitbras.htm>. Acesso em 15/02/09.
- VIEIRA, Josênia Antunes et alli. *Reflexões sobre a língua portuguesa: uma abordagem multimodal*. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.
- VILLALTA, Luis Carlos. “Os leitores e os usos dos livros na América portuguesa”. Em: ABREU, Márcia. (org) *Leitura, história e história da leitura*. São Paulo: Mercado das Letras, Associação de Leitura do Brasil, Fapesp, 1999.
- YUNES, Eliana. & OSWALD, Maria Luiza. *A experiência da leitura*. São Paulo: Edições Loyola, 2003.
- WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*. In *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais* / Tomaz Tadeu da Silva (org.). Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

Antologias consultadas

1. *Poetas de Brasília*, org. Joanyr de Oliveira, Editora Dom Bosco, 1962.
2. *A novíssima Poesia de Brasília*, org. Walmir Ayala, Série Cadernos Brasileiros 2, Compositora Gráfica Lux, Rio de Janeiro, 1962.
3. *Poetas novos do Brasil*, org. Walmir Ayala, Instituto Nacional do Livro – MEC, Rio de Janeiro, 1969.
4. *Antologia dos poetas de Brasília*, org. Joanyr de Oliveira, Coordenada – Editora de Brasília LTDA, 1971.
5. *Águas Emendadas*, organização Francisco Alvim, Thesaurus, 1977.
6. 8 *POrrETAS*, 1978;
7. *Em canto Cerrado*, org. Salomão Sousa, Coordenada – Editora de Brasília LTDA, 1979.
8. 16 *POrrETAS*, 1979.
9. 20 *POrrETAS*, de 1980.
10. 27 *POrrETAS*, 1981.
11. *Brasília na poesia brasileira*, org. Joanyr de Oliveira, Editora Cádetra / Pró-memória – INL, 1982.
12. *Contos e Poesias de Professores – III Prêmio Sinpro – DF*, Thesaurus, 1983.
13. *Mãe*, Casa do Poeta Brasileiro, 1983
14. *Contos e Poemas – IV Prêmio Sinpro – DF*, Thesaurus, 1984.
15. *Contos e Poemas – V Prêmio Sinpro – DF*, Thesaurus, 1985.
16. *Brasília – 25 anos*, Casa do Poeta Brasileiro, 1985.
17. *Nem madeira nem ferro podem fazer cativo quem na aventura vive*, org. José Santiago Naud, Thesaurus, 1986.
18. *Planalto em poesia*, org. Napoleão Valadares, Thesaurus, 1987.
19. *Diamante para amantes*, Thesaurus, 1988.
20. *Dez anos de poesia e união*, Casa do Poeta Brasileiro, 1988
21. *Capital poems*, Thesaurus, 1989.
22. *Poema*, SEDF, Cultura Gráfica e Ed., 1990.

23. *Antologia de contos e poemas – ASEFE – Prêmio 1991*, Gráfica e Editora Regional, 1991.
24. *Outros poemas*, Cultura Gráfica e Ed., 1992.
25. *Grito, logo existo!*, org. Nilto Maciel, Revista Literatura, 1992.
26. *Antologia da nova poesia brasileira*, org. Olga Savary, Rio de Janeiro, 1992.
27. *Antologia de contos e poemas – ASEFE – Prêmio 1993*, Gráfica e Editora Regional, 1993
28. *Caminhos da integração*, org. Sofia Vivo. Thesaurus, 1993.
29. *15 anos de poesia*, Casa do Poeta Brasileiro, 1993.
30. *Ibiratinga*, SEDF, 1994.
31. *Antologia de contos, crônica e poemas – ASEFE – Prêmio 1994*, Editerra Ed./Thesaurus, 1994.
32. *Alma gentil: novos sonetos de amor*, org. Nilto Maciel, Códice, São Paulo, 1994.
33. *Caliandra: poesia em Brasília*, André Quicé, 1995.
34. *Brasília: vida em poesia*. Org. Ronaldo Mousinho, Valci Gráfica e Editora LTDA, 1996.
35. *Mais um: coletivo de poetas*, org. Menezes y Moraes, Compukromus, 1997.
36. *Antologia dos 20 anos da Casa do Poeta Brasileiro*, 1998.
37. *Poesia de Brasília*, org. Joanyr de Oliveira, Sette Letras, Rio de Janeiro, 1998.
38. *Poetas Mineiros em Brasília*, org. Ronado Cagiano, Varanda, 2002.
39. *Antologia de Haicais Brasileiros*, org. Napoleão Valadares, André Quicé, 2003.
40. *Poemas para Brasília*, org. Joanyr de Oliveira, Projecto Editorial/Livraria Suspensa, 2004.
41. *Geografia Poética do Distrito Federal*, org. Ronaldo Alves Mousinho, Theasurus, 2007.
42. *Deste Planalto Central... Poetas de Brasília*, org. Salomão Sousa, Theasurus, 2008.

Anexos

Anexo 1 – Roteiro de perguntas para entrevista com os autores



Caro(a) Senhor(a),

Estamos desenvolvendo, no Departamento de Teoria Literária e Literaturas da Universidade de Brasília, na linha pesquisa de **Recepção e práticas de leitura**, o projeto de mestrado *Brasília literária: quem para quem*, sob orientação da Professora Doutora Hilda Orquídea H. Lontra.

Tal projeto visa investigar a composição da produção literária brasiliense e verificar se tal literatura chega, efetivamente, à sala de aula. Haja vista que a literatura produzida nessa região já obteve determinação legal que a institui como obrigatória nas escolas do Distrito Federal (parágrafo 2º do artigo 235 da Lei Orgânica do Distrito Federal), pretende-se analisar se os alunos das escolas da rede oficial de ensino já podem ser considerados parte desse público leitor da literatura brasiliense.

Roteiro de perguntas para entrevista com os autores de Brasília

- Uma das grandes questões que perpassam, hoje, as discussões em relação à produção literária local é se já se pode falar em uma literatura brasiliense, ou seja, literatura **de** Brasília, ou se o que se tem é uma produção literária **em** Brasília. Qual o seu posicionamento em relação a isso?
- Quais seriam os nomes que podem ser citados como autores de literatura que se sobressaem na cidade? Por quê?
- Quais são as marcas da produção literária brasiliense hoje?
- Onde circula a literatura produzida em Brasília?
- Quem é o público receptor da literatura produzida em Brasília atualmente?
- A escola já pode ser considerada parte desse público?
- Você, como autor, tem algum contato com a escola? Como se dá esse contato? Quem intermedia? Com que periodicidade? Que tipo de atividades são feitas?

- A Lei Orgânica do Distrito Federal (L.O.D.F), em seu artigo 235, parágrafo 2º, reza que:

Art. 235. A rede oficial de ensino incluirá em seu currículo, em todos os níveis, conteúdo programático de educação ambiental, educação sexual, educação para o trânsito, saúde oral, comunicação social, artes, além de outros adequados à realidade específica do Distrito Federal.

(...)

§ 2º Para efeito do disposto no caput, o Poder Público incluirá a literatura brasileira no currículo das escolas públicas, com vistas a incentivar e difundir as formas de produção artístico-literária locais.

- Como você se posiciona com referência à L.O.D.F quanto à obrigatoriedade do ensino de literatura brasileira? Por quê?
- Julga importante a existência do parágrafo 2º do artigo 235 da L.O.D.F?
- Em que medida tal parágrafo contribui para a construção da história da literatura brasileira?

Gratas pela sua contribuição,

Hilda O. H. Lontra
Orientadora

Bernadete de Carvalho
Pesquisadora

Anexo 2 – Questionário Aplicado aos professores da rede oficial de Ensino do Distrito Federal



Caro(a) Senhor(a),

Estamos desenvolvendo, no Departamento de Teoria Literária e Literaturas da Universidade de Brasília, na linha pesquisa de **Recepção e práticas de leitura**, o projeto de mestrado *Brasília literária: quem para quem*, sob orientação da Professora Doutora Hilda Orquídea H. Lontra.

Tal projeto visa investigar a composição da produção literária brasiliense e verificar se tal literatura chega, efetivamente, à sala de aula. Haja vista que a literatura produzida nessa região já obteve determinação legal que a institui como obrigatória nas escolas do Distrito Federal (parágrafo 2º do artigo 235 da Lei Orgânica do Distrito Federal), pretende-se analisar se os alunos das escolas da rede oficial de ensino já podem ser considerados parte desse público leitor da literatura brasiliense.

Em função disso, solicitamos a gentileza de vossa senhoria responder ao questionário abaixo:

Brasília literária: quem para quem

1) Nas aulas de Língua Portuguesa e/ou Literatura no Distrito Federal, são trabalhados autores de Brasília?

() sim () não

1.1) Em caso **afirmativo**, liste os artistas brasilienses cujas obras já participaram das aulas

3) Julga importante a existência do parágrafo 2º do artigo 235 da L.O.D.F?

() sim

() não

3.1) Em que medida tal parágrafo contribui para a construção da história da literatura
brasiliense?

Gratas pela sua contribuição,

Hilda O. H. Lontra
Orientadora

Bernadete de Carvalho
Pesquisadora

Anexo 3 – Projeto de Lei nº 464/99

Projeto da Literatura Brasiliense no currículo das escolas públicas do DF

Projeto de Lei nº 464/99 (Do Deputado Edimar Pireneus)

"Inclui a literatura brasiliense no currículo das escolas públicas do Distrito Federal, conforme disposto no parágrafo 2º do artigo 235 da Lei Orgânica do Distrito Federal, e dá outras providências."

A CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL decreta:

Art. 1º A rede pública de ensino do Distrito Federal incluirá em seu currículo, em todos os níveis, a literatura brasiliense, com vistas a incentivar as formas de produção artístico-literária locais.

Art. 2º A Secretaria de Educação do Distrito Federal instituirá uma Comissão Especial de Seleção, responsável pela triagem das obras literárias a que se refere o artigo anterior.

Art. 3º A Comissão especial de Seleção Será Composta por 06 (seis) membros, escolhidos dentre pessoas com notório conhecimento em literatura brasiliense, a serem indicados pelas seguintes Instituições:

- Câmara Legislativa do Distrito Federal
- Secretaria de Educação do Distrito Federal
- Sindicato dos Escritores do Distrito Federal
- Conselho de Educação do Distrito Federal
- Conselho de Cultura do Distrito Federal
- Departamento de Teoria Literária e Literaturas da Universidade de Brasília

Parágrafo único A Comissão Especial de Seleção terá mandato de 2 (dois) anos, podendo ser prorrogado por igual período.

Art. 4º Na escolha das obras literárias serão observados os gêneros; romance, conto, crônica, novela, ensaio de literatura histórica, ensaio de literatura crítica, poesia e literatura infanto-juvenil, podendo se incluir antologias e coletâneas, perfazendo um máximo de 05 (cinco) títulos por gênero.

Art. 5º Os critérios de seleção serão estabelecidos pela Comissão Especial de Seleção e supervisionados pela Secretaria de Educação.

Parágrafo único A Comissão Especial de Seleção terá o prazo de 45 (quarenta e cinco) dias, a contar da sua instalação, para estabelecer os critérios do edital de seleção.

Art. 6º A Secretaria de Educação organizará e supervisionará os trabalhos da Comissão Especial de Seleção, assim como a divulgação da seleção das obras literárias.

Art. 7º A Secretaria de Educação promoverá Seminários, Encontros e Palestras, de modo a incentivar o contato dos escritores contemplados com os alunos da rede oficial de ensino.

Art. 9º No prazo de 120 dias, contados de sua publicação o Governo do Distrito Federal regulamentará a presente lei.

Art. 10 Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 11 Revogam-se as disposições em contrário.

JUSTIFICATIVA

A Lei Orgânica do Distrito Federal estabelece, em seu artigo 235, parágrafo 2º, a inclusão da literatura brasiliense no currículo das escolas da rede oficial do Distrito Federal, como meio de incentivo e promoção da produção artístico-literária locais.

Todavia, tal dispositivo, de inquestionável relevância cultural, nunca foi aplicado na medida em que faltava a devida regulamentação.

Constata-se ainda que a produção literária brasiliense é bastante vasta e de ótima qualidade, não deixando nada a desejar às obras de escritores renomados a nível nacional, às vezes até internacional.

Entretanto, tal acervo literário não encontra, nos dias de hoje, o espaço merecido, tanto porque não há incentivos à publicação literária, quanto porque a divulgação e distribuição é precária, alcançando um público restrito.

Estamos certos de que um Projeto que regule tal dispositivo da Lei Orgânica contribuirá em ambos os aspectos da produção literária, tanto no concernente à publicação quanto no que tange à divulgação e distribuição; isso não só porque as obras serão conhecidas por um número maior de pessoas, mas também porque servirá como estímulo aos escritores locais, a fim de que publiquem mais obras.

É com esse propósito que o Projeto de Lei é apresentado, a fim de que a cultura literária seja incentivada, para que os futuros cidadãos do Distrito Federal possam ter contato com a produção literária de sua região, viabilizando-se, inclusive, a apresentação do autor ao público, através da realização de Seminários, Encontros, Palestras e Lançamentos nas Escolas.

Assim, ante a relevância cultural desta proposta, bem como diante da necessidade de se regular o dispositivo da Lei Orgânica, para que este não permaneça inócuo, é que pedimos o apoio dos nobres Parlamentares na aprovação da presente proposição.

Sala das Sessões, em...

Deputado EDIMAR PIRENEU

Anexo 4 – Obras Consultadas para Delimitação do Cânone ³⁷

OBRAS	AUTORES	ANO
<i>Poetas de Brasília</i>	Joanyr de Oliveira	1962
<i>A novíssima Poesia de Brasília</i>	Walmir Ayala	1962
<i>Poetas novos do Brasil</i>	Walmir Ayala	1969
<i>Antologia dos poetas de Brasília</i>	Joanyr de Oliveira	1971
<i>Águas Emendadas</i>	Francisco Alvim	1977
<i>8 POrrETAS</i>		1978
<i>Em canto Cerrado</i>	Salomão Sousa	1979
<i>16 POrrETAS</i>		1979
<i>20 POrrETAS</i>		1980
<i>27 POrrETAS</i>		1981
<i>Brasília na poesia brasileira</i>	Joanyr de Oliveira	1982
<i>Contos e Poesias de Professores – III Prêmio Sinpro – DF</i>		1983
<i>Mãe</i>		1983
<i>15 anos de poesia</i>		1983
<i>Contos e Poemas – IV Prêmio Sinpro – DF</i>		1984
<i>Contos e Poemas – V Prêmio Sinpro – DF</i>		1985
<i>Brasília – 25 anos</i>		1985
<i>Nem madeira nem ferro podem fazer cativo quem na aventura vive</i>	José Santiago Naud	1986
<i>Planalto em poesia</i>	Napoleão Valadares	1987
<i>Diamante para amantes</i>		1988
<i>Dez anos de poesia e união</i>		1988
<i>Capital poems</i>		1989
<i>Poema</i>		1990
<i>Antologia de contos e poemas – ASEFE – Prêmio 1991</i>		1991
<i>Outros poemas</i>		1992
<i>Grito, logo existo!,</i>	Nilto Maciel	1992
<i>Antologia da nova poesia brasileira</i>	Olga Savary	1992
<i>Antologia de contos e poemas – ASEFE – Prêmio 1993</i>		1993
<i>Caminhos da integração</i>	Sofia Vivo	1993
<i>Antologia de contos, crônica e poemas – ASEFE – Prêmio 1994</i>		1994
<i>Alma gentil: novos sonetos de amor</i>	Nilto Maciel	1994
<i>Caliandra: poesia em Brasília</i>		1995
<i>Brasília: vida em poesia</i>	Ronaldo Alves Mousinho	1996
<i>Mais um: coletivo de poetas</i>	Menezes y Moraes	1997
<i>Antologia dos 20 anos da Casa do Poeta Brasileiro</i>		1998

³⁷ Além dessas, foi uma importante fonte de consulta a obra *História da Literatura Brasileira*, de Luiz Carlos Guimarães da Costa, que não foi incluída entre as antologias e obras de referência por ser uma obra que contempla todas as anteriores, com exceção daquelas produzidas após a sua publicação em 2005.

<i>Poesia de Brasília</i>	Joanyr de Oliveira	1998
<i>O cristal e a chama: a linguagem literária que traduz o objeto Brasília</i>	Maria da Glória Barbosa	2001
<i>Poetas Mineiros em Brasília</i>	Ronaldo Cagiano	2002
<i>Poesia de Brasília: duas tendências</i>	José Roberto Almeida Pinto	2002
<i>Antologia de Haicais Brasileiros</i>	Napoleão Valadares	2003
<i>Poemas para Brasília</i>	Joanyr de Oliveira	2004
<i>Geografia Poética do Distrito Federal</i>	Ronaldo Alves Mousinho	2005
<i>Deste Planalto Central... Poetas de Brasília</i>	Salomão Sousa	2008

